



Nuno André Martins Duarte

NOTÍCIAS NA ERA DA PÓS-VERDADE
UMA ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DE NOTÍCIAS EM PORTUGAL

Dissertação no âmbito do mestrado em Antropologia Social e Cultural, orientada pelo Professor
Doutor Luís Fernando Gomes da Silva Quintais



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2019

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os professores e colegas do mestrado em Antropologia Social e Cultural pela partilha de conhecimentos.

Em particular ao Professor Luís Quintais por ter aceite prontamente fazer parte deste projeto.

Gostaria de agradecer à Professora Andrea Gaspar e ao colega João Gonçalves por me terem enviado algumas referências bibliográficas.

Um obrigado muito especial aos trolls que cruzaram o meu caminho, permitindo que o meu olhar recaísse sobre os seus comentários “mal-intencionados”.

Imagem de capa: cartoon do cartunista Joe Dator, publicado no *The New Yorker Daily Cartoon*, em 22 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.newyorker.com/cartoon/a20602> . Consultado em: 06/06/2019

Resumo

A pós-verdade é um tema incontornável da atualidade, estendendo-se muito além das suas conexões com temas políticos. No contexto pós-verdade, as *fake news* juntamente com os ataques a jornalistas, são certamente os temas que mais atenção têm captado a nível global. Esta dissertação é uma imersão nesse contexto pós-verdade em Portugal, que se encontra impregnado de *fake news*, teorias da conspiração e outros tipos de desinformação. Através duma articulação entre trabalho de campo multissituado e etnografia digital analisam-se alguns dos critérios que as pessoas utilizam para analisar e comentar as notícias no seu dia a dia, bem como alguns dos comportamentos derivados dessas análises. Também se analisam algumas estratégias de ação de *trolls* que tentam interferir na análise de notícias, ou que tentam divulgar conteúdos religiosos, políticos e pornográficos. Acompanhando a análise dos comentários é feita uma análise multidisciplinar de alguns dos temas presentes nas notícias mais comuns. O objetivo dessa análise é articular os conceitos analisados aos comentários de modo a que os comentários possam ser analisados posteriormente. É também possível analisar novos tipos de censura emergentes, que fazem desmoronar muitas teorias ao estilo de clichê que temos tendência para criar frequentemente, ao mesmo tempo que nos fazem repensar o que se entende por liberdade de expressão.

Palavras chave:

pós-verdade; propaganda; desinformação; liberdade de expressão; *fake news*

Abstract

Post-truth is an inescapable topic of the present, extending far beyond its connections with political issues. In the post-truth context, fake news along with the attacks on journalists are certainly the most attention-grabbing themes globally. This dissertation is an emersion in this post-truth context in Portugal, which is impregnated with fake news, conspiracy theories and other types of disinformation. Through an articulation between multisituated field work and digital ethnography, some of the criteria that people use to analyze and comment the news in their daily lives are analyzed, as well as some of the behaviors derived from these analyzes. Also analyzed are some troll action strategies that try to interfere in the analysis of news, or that try to spread religious, political and pornographic content. Accompanying the analysis of the comments is a multidisciplinary analysis of some of the themes present in the most common news. The purpose of this analysis is to articulate the analyzed concepts with the comments so that the comments can be analyzed later. It is also possible to analyze new types of censorship emerging, which crumble many cliché-like theories that we tend to create frequently, while rethinking what is meant by freedom of speech.

Keywords:

post-truth; propaganda; disinformation; freedom of speech; fake news

Índice

Introdução.....	2
Capítulo 1 - Contexto de estudo.....	5
Capítulo 2 - Corrupção.....	8
2.1 - Mapeamento do conceito.....	8
2.2 - Notícias on-line sobre corrupção	9
2.3 - Ladrão é quem rouba pouco, quem rouba muito faz apenas um desvio	14
Conclusões	18
Capítulo 3 - Trolls, Desinformação e Propaganda	19
3.1 - Desinformação e Propaganda.....	20
3.2 - Trolls nos sites de notícias em Portugal	22
Conclusões	30
Capítulo 4 - Populismo.....	33
4.1 - Populismo Análise Conceitual	33
4.2 - Notícias e Populismo	36
4.3 - Comentários Racistas	37
4.4 - Refugiados.....	39
4.5 - Terrorismo Análise Histórica	46
4.6 - Terrorismo Como Estratégia de Tensão	49
Conclusões	52
Capítulo 5 - Liberdade de Insulto	53
5.1 - Trolls e Insultos	54
5.2 - Cyberbullying	58
5.3 - Tipos de Insultos	59
Conclusões	60
Capítulo 6 - Fake News	62
6.1 - A moda das fake news	63
Conclusões	69
Capítulo 7 - Reflexão Metodológica	70
Conclusão.....	73
Referências Bibliográficas	78

Introdução

Alguns acontecimentos políticos do nosso passado recente como o *Brexit* ou as eleições presidenciais americanas em 2016, encarnaram a materialidade de uma mudança global na área da informação, em que as novas tecnologias da informação tiveram um papel de destaque. Foi neste contexto que o termo “*post truth*” ganhou destaque a nível global, ao mesmo tempo que despertava o mundo para novos desafios na área da informação. O termo “*post truth*” foi traduzido para diversas línguas e foi entrando gradualmente no nosso vocabulário. De imediato surgiram análises ao termo de especialistas das mais diversas áreas, que em muitos casos não eram consensuais. Por outro lado, algumas pessoas entraram em pânico com a possibilidade de a verdade estar em falência.

Os acontecimentos políticos de 2016, são considerados por algumas pessoas como sendo extremamente negativos, por outro lado, algumas pessoas consideram esses acontecimentos como positivos. Opiniões políticas à parte, é possível verificar que alguns candidatos políticos americanos iniciaram uma nova estratégia de campanha política que tem por base as redes sociais, e que tem sido seguida por candidatos políticos em todo o mundo. Por outro lado, durante as eleições presidenciais americanas e durante o *Brexit* foi possível verificar uma grande quantidade de informações falsas a circular nos mais variados meios. Desde 2016 tem-se constatado um pouco por todo o mundo a circulação de grandes quantidades de informações falsas. Essas informações falsas não são apenas sobre temas políticos, os temas são bastante diversificados.

Um grande quantidade dessas informações falsas circulam sob a forma de notícia. As notícias falsas são apelidadas a nível global de *fake news*, já na maioria das vezes os critérios para apelidar uma notícia de *fake news* não são muito claros. Todos se recordam de Donald Trump, durante a sua campanha em 2016 apelidar inúmeras notícias de *fake news* de modo arbitrário. Normalmente essas insinuações de falsidade eram acompanhadas de manifestações de desagrado para com os jornalistas. Desde 2016, que notícias falsas têm sido apelidadas de verdadeiras, enquanto que notícias verdadeiras têm sido apelidadas de falsas e algumas notícias ganham os dois rótulos. Por consequência, torna-se difícil discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, sendo impossível em muitas situações atestar a veracidade de uma informação.

Ao mesmo tempo, podemos constatar facilmente, como se de um clichê se tratasse, que a linha que divide jornalistas e os cidadãos comuns se está a diluir cada vez mais. O cidadão comum através das redes sociais tem se revelado também um criador de notícias, no

bom e no mau sentido. Ao mesmo tempo os meios clássicos de obter notícias estão a perder visibilidade em favor dos *sites* de notícias e das redes sociais. Nunca se deram tantas transformações de um modo tão rápido num curto espaço de tempo na área da informação, como na atualidade.

Tendo em conta as mudanças desencadeadas durante o nosso passado recente, o objetivo das páginas que seguem prende-se essencialmente com o estudo de algumas das facetas da análise de notícias na “Era da Pós-Verdade” em Portugal. Muito se tem comentado sobre a capacidade das pessoas em analisar de modo adequado a informação que recebem, particularmente as notícias que consultam no dia a dia. Em Portugal esta questão ganhou especial destaque nos anos 2018 e 2019, devido ao clima de eleições. Os períodos de eleições são por norma um teste para a capacidade das pessoas em analisar as mais diversas informações. Durante estes períodos pode-se verificar um aumento de informações falsas ou envoltas em controvérsias. O objetivo deste incremento de informações verdadeiras e falsas será simplesmente a procura do maior número de votos por parte dos vários candidatos, em que os temas debatidos tentam puxar o olhar do cidadão para um determinado assunto, ou por outro lado desviar a atenção do cidadão, consoante o interesse dos candidatos políticos em questão. É também importante mencionar que os partidos políticos portugueses recorrem cada vez mais a meios como redes sociais e artigos de opinião em jornais para espalhar as suas mensagens. Mesmo nos sítios mais imprevisíveis, podemos encontrar algum elemento de qualquer partido político a fazer campanha.

Este projeto pretende entender o modo como as pessoas em Portugal analisam as notícias que recebem diariamente na atual “Era da Pós-verdade” aproveitando o clima de eleições. O foco principal do projeto será estudar os hábitos de consulta de notícias, juntamente com a natureza dos comentários que se fazem às notícias que são mais consultadas. Pretende-se entender também quais os critérios que as pessoas empregam para atestar a veracidade das informações que lhe são transmitidas, bem como os meios a que recorrem para obter essas informações. Apesar de na atualidade possuímos uma grande facilidade em obter as mais diversas informações e de apregoamos a lógica em detrimento dos impulsos emocionais, o passado recente revelou que nem sempre agimos do modo que tanto apregoamos.

Além do estudo de conceitos que derivam do tema da pós-verdade, irá se proceder também ao estudo de alguns conceitos intimamente ligados às temáticas das notícias consultadas, o objetivo não se prende com propor novos conceitos ou acrescentar novos pontos aos conceitos, mas sim, a compreensão interdisciplinar desses conceitos de modo a

que possam ser posteriormente articulados com a análise dos comentários recolhidos. Sem a compreensão destes conceitos torna-se impossível compreender o modo como as pessoas analisam as notícias no seu dia a dia. O consumo de notícias não se resume apenas ao ver, ler e ouvir, há em muitos casos a interação com outras pessoas em que opiniões sobre as notícias são compartilhadas, afetando a análise de uma notícia. Além disso, as notícias promovem uma visão do mundo que posteriormente se pode manifestar em alguns comportamentos políticos, sociais e económicos.

Capítulo 1 - Contexto de estudo

O impacto da crise em Portugal nos últimos anos, levou a subsequentes políticas de austeridade. A austeridade fez com que os portugueses vivessem num clima de instabilidade, a falta de capacidade do sistema político também teve a sua responsabilidade, abrindo as portas à insatisfação política. Essa insatisfação política fez-se sentir através do crescimento da abstenção eleitoral juntamente com um declínio na filiação partidária. Ironicamente esta situação levou ao fortalecimento dos partidos políticos tradicionais, assim sendo, não se abriram espaços para abordagens populistas (Pinto & Teixeira, 2019).

No dia 7 de abril de 2011, Portugal candidatou-se à ajuda internacional da UE e do FMI. Posteriormente, Portugal atingiu uma elevada taxa de desemprego, especialmente entre a geração mais jovem e qualificada, ao mesmo tempo que as desigualdades sociais se intensificaram. Ao contrário da Grécia, em Portugal não se escolheu nas eleições de 2015 um partido de esquerda radical, ou como no caso de Espanha, em que se escolheram novos partidos políticos (Teixeira et. al., 2019).

Apesar de Portugal ser um país do sul da Europa, não foi afetado pela chegada de refugiados às suas praias, nem é um dos destinos pretendidos pelos refugiados. A crise dos refugiados aparece intimamente ligada em alguns países europeus ao surgimento de líderes populistas. Giovanna Campani dá o exemplo de Viktor Orbán na Hungria, como sendo uma demonstração da “retórica populista” sobre os refugiados. Por várias vezes, em discursos Orbán argumentou que os refugiados muçulmanos eram uma espécie de cavalo de Troia do terrorismo, bem como mão de obra barata e um grande negócio para as ONGs. Nos EUA, Donald Trump é certamente o caso mais marcante de líder populista que chegou ao poder, em que Trump deu especial ênfase à política migratória no seu programa eleitoral (Campani, 2019).

Apesar de não haver um partido ou líder populista com relevo em Portugal, isso não significa que as pessoas não tenham ideais ou atitudes populistas que se manifestam de outros modos. Mais recentemente Portugal tem sido assolado por sucessivas greves, que são resultado dos vários anos de austeridade e da falta de entendimento entre sindicatos e governos. Somos bombardeados por informações contraditórias através dos mais variados meios de comunicação. A nível global pode-se verificar a mesma tendência de informações contraditórias que deixam as pessoas num intenso sentimento de desconfiança.

Em 2016, o *Oxford English Dictionary* selecionou como palavra do ano o termo *post-truth*, esse ano ficou marcado negativamente pelas eleições presidenciais norte americanas e pelo *Brexit*. O termo *post-truth* posteriormente foi traduzido para diversos idiomas mantendo a definição dada pelo *Oxford English Dictionary*, que definiu o termo como a sobreposição das crenças pessoais juntamente com as emoções sobre os fatos objetivos (McIntyre, 2018).

O termo pós-verdade não foi cunhado em 2016, já tinha sido utilizado há alguns anos atrás. Um dos primeiros autores a recorrer ao termo foi o psicólogo Ralph Keyes em 2004, utilizando-o como título de um livro. Nessa obra Keyes argumenta que a valência das palavras associadas ao engano diminuiu. Nós não contamos mais mentiras, como nos diz Keyes, em vez disso “exageramos”, “excedemos um julgamento” ou na pior das hipóteses dizemos que não fomos sinceros. Mas também não acusamos os outros de serem mentirosos, e utilizamos justificações idênticas às que damos sobre nós. Criamos argumentos para adulterar a verdade, para que possamos dissociar-nos dela sem culpa (Keyes, 2004).

Recuando até 1971, a *Gesellschaft für Deutsche Sprache* (Sociedade Para a Língua Alemã) elegeu o termo *postfaktische* (pós-factual) como palavra do ano nos países de língua alemã, o que não parece diferente de pós-verdade (Block, 2019). Assim podemos concluir que o termo foi sendo desenvolvido lentamente, fomentado principalmente pelas transformações políticas globais ao longo dos anos até 2016. Após 2016, verificasse uma tendência que refere a pós-verdade como uma revolução que aconteceu de um dia para o outro, em que estourou uma crise da verdade. Por isso a análise literal do termo pós-verdade não é amplamente aceite, porque há elementos deste termo que já tinham surgido há muito tempo atrás. Se considerarmos os apelos à emoção e crenças pessoais em detrimento dos apelos a factos objetivos, percebemos que em períodos anteriores, essa já era uma realidade. Por exemplo, Francis Bacon no século XVII já se queixava dessa realidade. De acordo com Simon Blackburn, em 2016 deram-se mudanças significativas na atmosfera política, mas essas mudanças não terão muito a ver com o conceito declinante de verdade em si. Fora do mundo da política, a verdade continua a ter uma base segura o suficiente (Blackburn, 2018).

Associado ao termo “pós-verdade” em 2016 surgiu o conceito de retórica pós-verdade. Segundo Bruce McComiskey a retórica pós-verdade compõe-se através de valores antitéticos que foram bem-sucedidos em 2016. A retórica pós-verdade ganha forma mais concretamente através de: *fake news*; ataques à credibilidade dos média; conteúdos nas redes sociais; insultos; negação de significados. Em que a linguagem se torna num aspeto puramente estratégico, e não faz qualquer referência a fatos, verdades e realidades. O resultado material da retórica pós-verdade tem sido apelidado de *Trump Effect*. Este termo caracteriza-se

principalmente por: raiva; medo; angústia; violência. Nos EUA o *Trump Effect* está na origem das políticas anti-imigração; ódio racial; antissemitismo; ataques a pessoas LGBT (McComiskey, 2017).

As mentiras, as falsidades e as fabulações também não são uma novidade, como todos sabemos, elas já existiam antes da atualidade, principalmente na política. Ao falar da verdade não podemos nos dissociar dos conceitos de mentira e falsidade, estes dois termos são muitas vezes confundidos, por isso é importante fazer aqui uma pequena análise. A mentira segundo Jacques Derrida, é uma questão ética de intenção, mentir é querer enganar o outro, às vezes até dizer a verdade, mas sem o conhecimento de que se está a dizer a verdade. O mentiroso sabe que mente, sabe a diferença entre aquilo que diz e aquilo que pensa. A diferença entre a falsidade e a mentira prende-se com uma questão ética de intenção, não como uma questão de conteúdo (Derrida, 1996).

Mas o termo pós-verdade traz também novidades ao contexto atual. Uma das novidades do termo pós-verdade descrita por Keyes, é que na “Era da Pós-Verdade” já não temos apenas verdades e mentiras, agora podemos acrescentar a categoria de afirmações ambíguas, que não são exatamente verdade, mas também não chegam para serem consideradas mentira. Essa categoria que fica a meio termo é marcada por lacunas de credibilidade, resinificação e inexatidão de terminologias (Keyes, 2004). Outro aspeto frequentemente defendido por vários comentadores, aponta a pós-verdade como parte integrante de uma tendência internacional vinculada à revolução tecnológica da atualidade (McIntyre, 2018).

A revolução tecnologia da atualidade levanta novos problemas que não devem ser subestimados. Em Portugal por vezes há uma tendência para subestimar estes novos problemas devido à suposição de que são coisas que acontecem apenas no estrangeiro. Mas mesmo que sejam problemas que ocorram apenas no estrangeiro, Portugal não ficará imune a esses problemas, será um erro descartar possibilidades sem as verificar devidamente. Esta nova realidade global é um problema para qualquer Estado democrático, principalmente em períodos de eleições. Segundo o ditado popular, “o maior cego é aquele que não quer ver”.

Capítulo 2 - Corrupção

2.1 - Mapeamento do conceito

A corrupção devido ao facto de ser um fenómeno bastante polissêmico e difuso, apresenta aos antropólogos um enorme desafio teórico. É muito difícil traduzir o conceito de “corrupção” entre várias culturas de modo que seja possível uma comparação significativa. Como exemplo desse desafio consideremos a classificação de nepotismo que é apontado com frequência como uma das manifestações de corrupção. Nos países da Escandinávia o nepotismo é classificado como sendo uma forma de corrupção, mas em outros países é considerado como um dever moral em que um indivíduo é incentivado a cumprir de modo a ajudar um familiar ou um amigo (Shore & Haller, 2005). Em Portugal o nepotismo é uma prática frequente, que é expressado como sendo uma “cunha” ou em outros casos designado como “fator C”, embora o termo “fator C” já possua conotações negativas. O que não quer dizer que todos os portugueses aceitem o nepotismo, mas existe uma parcela considerável da população que aceita a prática do nepotismo. Dito de outro modo, o que é considerado corrupto em uma cultura pode ser considerado parte de uma transação rotineira em outra cultura (Warf, 2019).

Não existe uma definição única e abrangente que seja aceite de modo universal sobre a corrupção. Na literatura académica a corrupção é dividida entre corrupção no significado clássico e no significado moderno. O significado clássico é influenciado pelo pensamento de Aristóteles e Platão, refere-se à decadência moral dos seres humanos e da sociedade causada por um excesso de poder. No que toca à corrupção no significado moderno, os valores morais não são tão importantes, o foco passa a ser a separação entre o público e o privado (Hallberg & Virkkunen, 2017). A organização *Transparency International*, que combate a corrupção a nível global, define a corrupção como “*the abuse of entrusted power for private gain*”.¹ Esta definição de corrupção representa um fenómeno mais amplo em que agentes privados também compartilham a responsabilidade com os funcionários públicos. Assim, segundo esta definição a corrupção representa tanto um desafio para o setor privado como para o setor público (Hallberg & Virkkunen, 2017).

A corrupção pode ter o efeito de enfraquecer a credibilidade de um Estado corroendo a confiança dos seus cidadãos, em casos extremos, a legitimidade do próprio Estado torna-se problemática. Mesmo as formas mais simples e banais de corrupção podem corroer a

¹ Definição disponível em: <https://www.transparency.org/what-is-corruption> Consultado em 08/06/2019

confiança dos cidadãos (Warf, 2019). As práticas corruptas ocorrem em todos os níveis da sociedade, podemos identificar como sendo práticas de corrupção as seguintes ações: suborno; extorsão; nepotismo; peculato; conflito de interesses; fraude (Hallberg & Virkkunen, 2017). A corrupção ocorre principalmente em Estados onde as decisões importantes são tomadas fora da vista do público seguindo os seguintes parâmetros: carência de uma média independente; os detentores de poder político controlam o poder judiciário; os canais legais não estão igualmente disponíveis para todos os cidadãos; falta de transparência política (Warf, 2019).

2.2 - Notícias on-line sobre corrupção

Os políticos quando são apanhados em esquemas de corrupção podem ter as seguintes atitudes: pedem desculpas e mostram sinais sinceros de arrependimento, o que raramente ocorre; pedem desculpas mas encerram a questão numa espécie de pedido de simpatia em que se justificam; não pedem desculpas e atacam a oposição política com acusações de mentiras e difamação. Mas geralmente as pessoas tendem a ser influenciadas por suas preferências, como lealdade partidária e status socioeconómico. A corrupção acaba por não ser um indicador preponderante de votar ou não no candidato corrupto (Rose & Peiffer, 2019). Neste trabalho de pesquisa foi possível verificar que a lealdade partidária interferia no modo como os indivíduos interpretam as notícias sobre casos de corrupção. Recorrendo aos comentários de vários usuários na notícia do jornal Sol, “Ministério Público arquiva desvio de donativos de Pedrógão Grande”², podemos verificar que a lealdade partidária pode ter implicações no modo como alguns indivíduos analisam possíveis casos de corrupção. Podemos verificar essa tendência nos seguintes comentários recolhidos:

Exemplo 1:³ “Realmente os aldrabões do PSD raramente são incomodados !!! Quando toca à geringonça mobilizam "legiões" de jornalistas e comentadores para fomentarem falsas notícias....as tais "fake news" que neste momento estão a ser discutidas na AR !!!”

Exemplo 2: “Já nada me surpreende com o desgoverno da geringonça”

Resposta ao comentário anterior: “E a golpada que o ppd/psd deu no BPP também não o surpreendeu ?”

Exemplo 3: “Amigo, aqui concordo inteiramente consigo !!!...Mas nestes ultimos anos tem acontecido muita coisa que envolve desvios de milhares de milhões e não vejo ninguem investigar !!!...Neste caso, em que pelos vistos nada aconteceu...então aí "cai o Carmo e a Trindade" !!! Alguem investigou os desvios dos fundos comunitários ???....Alguem investigou como se processaram as muitas privatizações ???....Alguem investigou a

² Comentários e notícia disponíveis para consulta em: <https://sol.sapo.pt/artigo/648988/ministerio-p-blico-arquiva-desvio-de-donativos-de-pedrogao-grande> Consultado: 26/03/2019

³ Os nomes dos usuários não são indicados devido ao facto dos próprios usuários mudarem a sua identificação on-line com bastante frequência. Devido a esse motivo, será inútil fazer menção à identificação. Os comentários devem ser procurados nos fóruns pelo seu texto e não pelo nome do usuário.

venda de bens publicos por preços inferiores ao ultimo dia de saldos ???... Alguem investigou a duplicação do custo da feitura das obras publicas ???...etc.,etc. !!!!!....Deixam os milhares de milhões de lado....mas ferozmente lançam-se na investigação de tostões...chegando a conclusões erradas !!!”

Resposta ao comentário anterior por outro usuário: “Então os roubos dos grandes servem de desculpa para os roubos dos pequenos?Brilhante raciocínio, sempre que o jornalismo sério belisca a vossa cor política, vêm logo gritar aqui D'el rei e lançar cortinas de fumo.”

Exemplo 4: “VIVA A DEMOCRACIA DA TRETA DOS XUXALISTAS”

Exemplo 5: “O Rui Pinto pintou um quadro super realista da Justiça portuguesa que lhe irá trazer muitos dissabores, aliás como acontece sempre com os que colocam o dedo na ferida e denunciam os podres instalados.”

Exemplo 6: “Acabo de saber que não é do PSD, é de quem? Sendo que não me interessa para nada a filiação dos autarcas, embora não ser do PSD já é um bom caminho para não haver corrupção.”

Exemplo 7: “Com a geringonça tudo é normal, roubar é bom e faz bem a saude
Correram com a Joana Vidal por algum motivo
Roubar em Portugal é bom e recomenda-se”

Exemplo 8: “SO ME RESTA DIZER INACREDITAVEL O CRIME EM PORTUGAL COMPENSA.”

Resposta ao comentário anterior por outro usuário - “E as gentes do PSD, bem que confirmam isso !!!”

Exemplo 9: “Viva o 25 de abril e a sua democracia corrupta. A luta continua camaradas, vamos continuar a votar neles para haver ainda liberdade para roubar.”

Exemplo 10: “O ministério público arquiva tudo. Lá dentro só há corruptos.”

Exemplo 11: “Afimal o Rui Pinto (hacker) tem razão, cão e lobos comem todos e justiça e ladrões fazem parte da mesma alcateia!”

Exemplo 12: “A malandragem vai de norte a sul, de oeste a leste e da esquerda à direita
Pelo é o que estou a ver aqui no mapa que estou a consultar
Mauzinho Imparcial”

Nestes exemplos podemos verificar que algumas pessoas com lealdade política tanto à esquerda como à direita, utilizaram a notícia para tecer teorias da conspiração em vez de tentarem comentar o caso de modo imparcial. Para os usuários com lealdade partidária de esquerda o caso era uma conspiração da direita para atacar a credibilidade da esquerda. Para os usuários com lealdade partidária de direita, o autarca de Pedrógão é culpado e não foi investigado de modo imparcial, porque o governo de esquerda controla as autoridades e a justiça. Os indivíduos com lealdade partidária tendem a ignorar a corrupção perpetrada por membros do partido que apoiam, e atacam a corrupção dos partidos da oposição. Neste caso também o poder judiciário é atacado como sendo controlado pela direita, ora pela esquerda. Podemos verificar também que os indivíduos com lealdade partidária têm como ponto em comum com os indivíduos sem lealdade partidária, a falta de confiança na justiça portuguesa.

Mas os indivíduos sem lealdade partidária, consideram tanto os partidos da esquerda como os da direita como sendo os responsáveis pela corrupção na justiça portuguesa. Geralmente indivíduos sem lealdade política tendem a criticar todos os casos de corrupção independentemente do partido político.

Os ataques à justiça portuguesas têm se tornado uma constante nos comentários das notícias on-line. Os casos de crimes que prescrevem são possivelmente os que suscitam mais críticas e muitas vezes acabam por gerar também teorias da conspiração, no exemplo seguinte recolhido no jornal Sol, “Face Oculta. Prescrição de crimes deixa Manuel Godinho à espera em liberdade”⁴, podemos encontrar os seguintes comentários:

Exemplo 13: “eu se trabalhasse na area da justiça corava de vergonha!!!
Nem nos paises do terceiro mundo...
e ninguem é responsavel? penalizações para quem não fez o trabalho???? não ha?”

Exemplo 14: “A lentidão da justiça é condição essencial ao facilitamento da corrupção. E nenhuma quadrilha, leia-se partido, o alterou em 40 anos.”

Exemplo 15: “É o país das prescrições e das reduções de pena. A corrupção em alta escala e sem justiça. Só dá vontade de uma pessoa fazer as malas, pôr-se a andar e mandar isto à

Exemplo 16: “E a palhaçada continua. Todos os nossos serviços públicos estão uma lástima, mas a justiça bate todos os recordes. De longe.”

Exemplo 17: “Pena não ter roubado um pão, ia dentro.”

No jornal Público podemos encontrar comentários idênticos aos anteriores na notícia, “Declarados prescritos alguns crimes de Manuel Godinho no processo *Face Oculta*”⁵:

Exemplo 18: “desde que a nova procuradora tomou posse toda a luta anti corrupção está a ficar mais mansa.”

Exemplo 19: “Temos de agradecer, sobretudo, aos partidos do arco governativo e respetivas famílias: PS, PSD, CDS e todos os apêndices novos que surjam, como o 'novo' Aliança entre outros.”

Exemplo 20: “Outra coisa seria de esperar? O sistema foi bem concebido para eles nunca serem agarrados.”

Exemplo 21: “Estas noticias tiram-me do serio...é preciso muita força de vontade para uma pessoa se continuar a preocupar com o colectivo....com a sociedade, quando os nossos representantes insistem em nos oferecer estas prendas...”

⁴ Comentários e notícia disponíveis em: <https://sol.sapo.pt/artigo/651187/face-oculta-prescricao-de-crimes-deixa-manuel-godinho-a-espera-em-liberdade> Consultado: 26/03/2019

⁵ Comentários e notícia disponíveis em: <https://www.publico.pt/2019/03/25/sociedade/noticia/crimes-manuel-godinho-processo-face-oculta-declarados-prescritos-1866732> Consultado: 26/03/2019

Os casos anteriores levam-nos a fazer uma reflexão sobre o conceito de “teoria da conspiração”. Após a Segunda Guerra Mundial entrou-se numa fase em que as teorias da conspiração ganharam especial destaque. Primeiro através de produções de cinema e televisão, em que eram representadas teorias da conspiração inspiradas pelos medos da sociedade da época. Mas além de refletiram os medos, essas produções cinematográficas também influenciam as atitudes e ideias das pessoas (Arnold, 2008). Com o assassinato do presidente americano F. Kennedy em 1963, as teorias da conspiração tornam-se ainda mais complexas e mais frequentes, principalmente nos EUA. Já no início do século XXI, o ataque de 11 de setembro de 2001, impulsionou novamente o surgimento de mais teoria da conspiração. Este acontecimento marcou também a percepção de que a Internet estava a ser um meio eficaz para a difusão de teorias da conspiração, e que algumas dessas teorias estavam a migrar da internet diretamente para os média tradicionais. As teorias passavam por Nostradamus, Illuminati, a vinda dos tempos milenares profetizados na bíblia, entre outras teorias (Barkun, 2013).

Apesar da sua durabilidade como tema político e cultural, a teoria da conspiração não tem tido uma definição estática, a sua definição mudou constantemente ao longo do tempo. No início o termo começou por ser um sinónimo de medo e paranoia, mas em tempos atuais pode significar uma visão específica do mundo em que se evoca um estado de espírito desconfortável causado pelo medo de uma conspiração (Arnold, 2008). Ou de outro modo, a crença de que uma organização composta por indivíduos ou grupos está a agir de modo secreto para alcançar um fim malévolo (Barkun, 2013).

Nos exemplos anteriores podemos verificar em alguns casos que os indivíduos independentemente da orientação política sofrem com um estado de espírito desconfortável causado pelo medo de uma conspiração. Mas também o termo “teoria da conspiração”, é utilizado com bastante frequência como argumento para tirar credibilidade a um adversário. No caso de estudo aqui presente podemos encontrar esse cenário. Tanto os indivíduos de esquerda como os da direita tentam desacreditar os seus rivais políticos com teoria da conspiração, e no final ridicularizam as teorias dos seus adversários.

Ridicularizar um ponto de vista é uma maneira de o depreciar ou gozar com ele. Quando alguém utiliza o ridículo como parte de um argumento comete uma falácia de relevância, porque faz um apelo ao ridículo. Uma falácia de relevância tenta sustentar uma conclusão usando uma premissa irrelevante. As premissas que contém o ridículo são irrelevantes porque gozar com uma afirmação não a torna falsa, e um ponto de vista ainda pode ser verdadeiro, mesmo que pareça ridículo. Neste tipo de falácia também encontramos

uma ligação com um argumento *ad hominem* porque ambos visam atacar um indivíduo. Um argumento *ad hominem* geralmente ataca a pessoa diretamente, enquanto que o apelo ao ridículo ataca a pessoa indiretamente (Bock, 2019). Nestes tipos de argumentação podemos encontrar um apelo à emoção que tenta contornar uma avaliação racional. Nos comentários recolhidos podemos verificar que há um misto de apelo ao ridículo com argumentação *ad hominem* em que os indivíduos com lealdade partidária recorrem com frequência, onde as suas emoções superam a lógica e a imparcialidade.

Ao analisar os comentários on-line é difícil para o investigador descobrir se está perante um comentário em que o usuário expressa um medo real através de uma teoria da conspiração, ou se está perante um *troll* ou algum usuário com lealdade partidária que visa atacar a oposição do partido que apoia. Por isso é necessário seguir os comentários que o usuário sob suspeita faz durante algum tempo, analisando as notícias que mais comenta juntamente com as discussões com outros usuários. Esta temática será debatida mais adiante.

Mas também estamos mais cientes que aquilo que podemos identificar como teoria da conspiração acontece com bastante frequência. Para isso basta recordar o caso de Edward Snowden ou dos documentos do *Wikileaks*. No entanto, geralmente temos uma visão obscura das teorias da conspiração e acabamos por ridicularizar aqueles que acreditam nelas. Outras vezes ouvimos as pessoas a dizer, “*eu não sou um teórico da conspiração, mas ...*”, o que geralmente indica que uma teoria da conspiração vais ser apresentada e o teórico não quer ser ridicularizado por ser considerados um teórico da conspiração (Dentith, 2014). As pessoas quando contam uma teoria da conspiração geralmente acreditam que aquilo que estão a dizer é verdade, elas não pretendem enganar ninguém.

Em Portugal verifica-se a circulação de uma grande quantidade de teorias da conspiração. Os temas mais frequentes são: a máfia do futebol; políticos corruptos; jornalistas corruptos. Esta realidade até já passou para a ficção através da série televisiva, “Teorias da Conspiração”, que foi exibida pela RTP. Não se está a dizer que algumas teorias não se venham a verificar na prática, algumas teorias têm-se mostrado reais. O objetivo deste trabalho não é “caçar” teorias da conspiração, ou sugerir mais teorias. Mas sim, reconhecer que as teorias da conspiração podem ser um excelente modo de analisar a maneira como as pessoas comuns narram as desigualdades sociais, e como essas desigualdades interferem no modo como as pessoas analisam as notícias.

2.3 - Ladrão é quem rouba pouco, quem rouba muito faz apenas um desvio

A frase, *“Ladrão é quem rouba pouco, quem rouba muito faz apenas um desvio”*, é provavelmente a frase mais proferida nos comentários de notícias sobre casos de corrupção, ou em conversas informais com amigos ou desconhecidos sobre casos de corrupção em Portugal. Esta frase faz menção aos vários casos de corrupção, em que pessoas com grande poder em Portugal utilizaram a sua influência para roubar e lesar o Estado português em milhões, e que após as investigações das autoridades e julgamentos em tribunal saem sempre ilesas. Do outro lado, as pessoas comuns que ao menor erro ou transgressão da lei são imediatamente condenadas, como expresso anteriormente no exemplo 17, *“Pena não ter roubado um pão, ia dentro”*. Em outras ocasiões as pessoas brincam com a seguinte frase, *“se deveres três mil euros ao banco estás metido em sarilhos, mas se deveres três milhões, o banco e os contribuintes é que estão em sarilhos”*. Com esta frase fazem referência aos vários escândalos de corrupção do passado recente de Portugal. As conversas sobre corrupção em Portugal são bastante frequentes, mesmo com desconhecidos as pessoas comentam casos de corrupção. As conversas sobre corrupção concorrem muitas vezes com o que se entende como “conversa fiada” sobre a meteorologia, no que toca aos temas mais frequentes para “conversa fiada”. Geralmente começam com uma expressão idêntica, *“viu aquela notícia sobre...”*, e terminam com a expressão, *“é uma vergonha”*.

Dracklé no seu estudo sobre corrupção em Odemira no início deste século, relata que tanto em entrevistas como em espaços públicos ouvia constantemente, *“eles são todos corruptos aqui”*, todos comentavam que a corrupção era o flagelo do Alentejo. Circulavam muitas histórias que envolviam agricultores, empresários e políticos que desviam fundos comunitários. Uma das histórias que a antropóloga conseguiu registar relata a compra de jipes por agricultores através de fundos comunitários. Os agricultores pediam fundos à União Europeia para investimento na pecuária, mas quando o dinheiro chegava gastavam tudo em jipes. As autoridades quando vinham fazer a inspeção à aplicação dos fundos eram enganadas pelos agricultores, que faziam circular a mesma manada de vacas entre as várias propriedades agrícolas, para induzir as autoridades a pensar que os agricultores tinham aplicado o dinheiro na compra de mais gado. Assim, enganavam as autoridades e conseguiam desviar os fundos da União Europeia para comprar jipes ou para outros luxos pessoais (Dracklé, 2005).

Em espaços públicos, como cafés de bairro ou de aldeia em que os clientes se conhecem e frequentam assiduamente o espaço, é comum ouvir história e até mesmo confissões de pequena corrupção. O objetivo não é olhar para estas histórias e confissões

para posteriormente as denunciar. Como Dracklé diz, a denúncia do ponto de vista teórico e antropológico dificilmente deve ser o propósito dos estudos de antropologia sobre a corrupção (Dracklé, 2005).

Durante a hora de almoço as pessoas encontram-se com os seus amigos e vizinhos nos cafés da sua área de residência, principalmente nas localidades do interior do país. Nesses locais a essa hora as televisões estão ligadas e todos assistem às notícias do telejornal, onde raramente não há uma notícia sobre corrupção. Nesses momentos as pessoas proferem todos os tipos de insultos contra as pessoas acusadas de corrupção, e mais uma vez surge a frase, “*ladrão é quem rouba pouco, quem rouba muito faz apenas um desvio*”. Depois seguem-se as acusações de corrupção e incompetência contra o ministério público e contra a justiça, em que no final é quase sempre proposto para que os acusados tenham uma pena cruel sem que se pense que poderão estar inocentes. Ou seja, “*se passa na televisão, é verdade*”.

É também comum ouvir “eles” ou “os grandes” para se referirem aos políticos. Os indivíduos em muitos casos não se consideram como fazendo parte do Estado, para eles o Estado são os políticos a quem chamam de “eles” ou “os grandes”. Por vezes também utilizam o pronome pessoal “ele” para se referirem ao Estado, acusando-o de ser o maior ladrão do povo. No que toca aos termos usados pelos indivíduos para se referirem a pessoas com orientações políticas opostas, os indivíduos com lealdade partidária de direita chamam os indivíduos da esquerda de “tortos”, enquanto que os indivíduos da esquerda utilizam por vezes o neologismo “direitralha”, para se referirem aos indivíduos da direita. Mesmo quando as notícias sobre o Estado ou os políticos relatam boas medidas políticas, os indivíduos demonstram descrença dizendo que, “*o Estado não dá ponto sem nó, eles vão ganhar alguma coisa com isto*”.

Quando a corrupção é vista como significativa, é provável que isso desencoraja qualquer envolvimento político por parte dos indivíduos. Em vez de participar em eleições e confiar em instituições políticas, os indivíduos tendem a mostrar *incivisme*, termo que caracteriza atitudes individuais que rejeita a ideia de que as pessoas se devem envolver na política (Rose & Peiffer, 2019). O exemplo 21 expressa claramente o início de um comportamento de *incivisme*, “*Estas notícias tiram-me do serio...é preciso muita força de vontade para uma pessoa se continuar a preocupar com o colectivo....com a sociedade, quando os nossos representantes insistem em nos oferecer estas prendas...*”. Segundo os dados do PORDATA, tomando o exemplo das eleições para a Assembleia da República

podemos verificar que desde 1975 até 2015, a abstenção eleitoral tem crescido significativamente⁶.

Segundo o politólogo António Costa Pinto, a abstenção tem vindo a aumentar progressivamente fazendo com que Portugal seja um dos países da União Europeia com maior taxa de abstenção, estando próximo das democracias pós-comunistas da Europa central e oriental. António Costa Pinto aponta como principal razão o descontentamento com os partidos do Governo e com a classe política, que em Portugal, contrariamente ao que acontece em algumas democracias em que o eleitor descontente opta por votar em partidos novos, populistas ou de protesto, leva a que o eleitor se sinta despolitizado e não vá votar⁷.

Votar é a única atividade política em que a maioria dos cidadãos está envolvido. O ato de não votar pode ser causado pelo facto de as pessoas serem indiferentes ao que os governantes distantes fazem, ou porque são alienados por políticos que abandonam as suas promessas eleitorais quando chegam ao poder (Rose & Peiffer, 2019).

Além da abstenção causada por falta de confiança no sistema político e nos políticos, a grande corrupção dos políticos pode encorajar outro tipo de comportamentos individualistas. Durante o processo de investigação foi possível registar algumas confissões de “pequena” corrupção, que alguns indivíduos se orgulhavam de confessar após comentarem os casos de corrupção que lhes chegavam através das notícias. Muitas vezes, durante essas confissões de corrupção ficávamos com a ideia de que estes indivíduos se estavam a gabar das suas habilidades de conseguir enganar o sistema, em que o objetivo seria a admiração por parte dos restantes indivíduos que os escutavam. Estes indivíduos falavam com um tom de voz alto para que todos sem exceção os pudessem ouvir. Outras vezes, as pessoas confessavam com revolta que estavam a ser obrigados a cometer tais atos devido ao sistema corrupto que não atendia as suas necessidades, é uma forma de se subvertem ao sistema.

É comum entre os antropólogos a tendência de justificar atos de corrupção dos seus informantes como sendo sabotagem ou subversão contra um sistema corrupto. O antropólogo James Scott na década de 1980, num estudo sobre os camponeses pobres do sudoeste asiático, terá sido um dos pioneiros dessa visão por parte dos antropólogos, chamou aos comportamentos subversivos dos camponeses pobres contra as autoridades de “armas dos

⁶ Dados do PORDATA disponíveis em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Eleitores+nas+eleições+para+a+Assembleia+da+República+total++votantes+e+abstenção-2181> Consultado 26/05/2019

⁷ Artigo do Jornal Expresso, “Votar ou não votar?”, disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2015-09-27-Votar-ou-nao-votar-#gs.cpyqa9> Consultado 26/03/2019

fracos”. Essas armas seriam comportamentos como: ignorância fingida; roubo; falsa conformidade; sabotagem e assim por diante (Eriksen, 2015).

Muitas das confissões registadas na prática, se analisadas de modo ético não podem ser vistas como crimes, mas se os seus perpetradores forem descobertos com toda a certeza irão ser condenados com severidade. A confissão mais frequente vem de indivíduos na casa dos sessenta anos que possuem problemas de saúde graves. Nessas confissões, os indivíduos confessam que pediram ao patrão para os despedir e mandar para o fundo de desemprego, porque já não conseguem trabalhar devido a problemas de saúde, e como já lhes falta pouco tempo para se aposentarem, nunca chegam a procurar um novo emprego. Estes indivíduos que optam por este meio, normalmente têm dificuldade de obter uma baixa médica, muitas vezes por falta de informação adequada dos seus direitos e deveres. Sentem-se revoltados por não tomarem em consideração os seus problemas de saúde, enquanto que indivíduos que fingem problemas de saúde, por vezes, conseguem obter baixa médica de modo fraudulento. Por várias vezes estes indivíduos proferem insultos contra o Estado e os políticos, que acusam de defenderem os ladrões e os corruptos. Acrescentando ainda, estes indivíduos salientam que trabalham desde tenra idade e têm uma longa carreira contributiva.

Por outro lado, há muitos indivíduos que optam por este sistema simplesmente porque não querem trabalhar, alegando que têm um salário baixo e que ganham o mesmo sem trabalhar no fundo de desemprego, ou porque querem obter um rendimento extra. Por vezes a entidade patronal também ganha com o esquema, e costuma ser um familiar ou um amigo próximo. Nos casos em que a entidade patronal ganha com o esquema, o funcionário continua a trabalhar, mas a entidade patronal não paga os seguros de trabalho, subsídios e impostos. Portanto, para a entidade patronal este esquema pode ser bastante lucrativo, mais lucrativo do que ter um colaborador a trabalhar de modo regular e legal. Para o indivíduo que supostamente está no fundo de desemprego, apenas há o risco de sofrer um acidente de trabalho e ficar sem o suporte de um seguro de trabalho, ou muito dificilmente ser descoberto pelas autoridades. Em outros casos, pequenos empresários optam por recorrer aos serviços de indivíduos já aposentados de modo a fugirem ao pagamento de impostos e seguros de trabalho. Quando alguém mostra desagrado confrontado estes indivíduos sobre estes atos ilícitos, eles defendem-se fazendo referência a notícias sobre os crimes perpetrados pelos políticos e pela alta finança, dizendo com ênfase, “*cada um safa-se como pode*”. Por vezes, algumas pessoas com quem conversei durante longas viagens de autocarro também relatavam histórias idênticas, que envolviam pessoas que conheciam.

Outros indivíduos criticam fortemente estes casos, mas nunca fazem queixa às autoridades. Nos jornais on-line não se registam confissões destes esquemas, pelo simples motivo dos usuários poderem vir a ser insultados ou ainda investigados pelas autoridades. Os relatos sobre os indivíduos envolvidos em esquemas que lesam o Estado, são bastante frequentes. Por vezes, alguns indivíduos em locais públicos em jeito de conversa fiada com um desconhecido, contam o caso de alguém que conhecem que recorre a estes esquemas. Nessas conversas normalmente incluem sempre alguma notícia de corrupção recente, com o intuito de justificar que o Estado protege os corruptos e os ladrões.

Conclusões

Assim, podemos demonstrar que as constantes notícias sobre casos de corrupção em que os acusados nunca são condenados, podem ter seguintes efeitos no público: gerar descontentamento sobre a justiça, o Estado e os políticos no geral; dar origem a teorias da conspiração; promover comportamentos de *incivisme* que se pode manifestar de vários modos, desde a abstenção de participação política até ao surgimento de atos subversivos contra o Estado; servir de modelo e justificação para pequenos atos de corrupção. O objetivo não é sugerir que os meios de comunicação deixem de transmitir esse tipo de notícias, é um dever dos meios de comunicação transmitir tais notícias, do mesmo modo que é um dever transmitir, os casos em que as autoridades e a justiça consegue dismantelar esquemas de corrupção e condenar de modo justo os indivíduos corruptos. Há muitas questões éticas que os média comerciais devem ponderar.

A lealdade partidária é um dos factos mais influentes na análise de notícias sobre política, nomeadamente sobre casos de corrupção. Em que podemos verificar que a interpretação sobre uma notícia muda consoante a lealdade partidária do indivíduo. Tanto indivíduos com lealdade partidária como sem lealdade partidária, recorrem às teorias da conspiração para narrarem a sua visão do mundo. Para indivíduos com lealdade partidária, a oposição política é sempre responsável pela criação de teorias da conspiração que visam denegrir o seu partido. Para os elementos da oposição política, os seus adversários políticos são sempre considerados culpados independentemente da consistência da acusação. Para os indivíduos sem lealdade partidária, todos os acusados de corrupção são considerados corruptos. A lealdade partidária será o fator mais importante na análise de uma notícia sobre política, mais precisamente corrupção política.

Capítulo 3 - *Trolls*, Desinformação e Propaganda

Desde o surgimento da Internet que se houve falar com bastante frequência em *trolls*, um termo que vai buscar as suas influências a uma figura da mitologia nórdica, uma criatura horrenda que se caracteriza pela sua maldade e falta de astúcia. Além da mitologia, este termo também possui um significado que advém da pesca, nesse sentido, envolve amarrar linhas de isca através de um barco (Phillips, 2015), mais precisamente “pesca à corrida”. O *troll* será um indivíduo que se move pelo propósito de desestabilizar um fórum on-line, perturbando outros usuários deliberadamente, ou poderá ser um indivíduo que busca disseminar desinformação. O *troll* pode-se fazer passar por uma pessoa real ou criar uma pessoa fictícia para realizar a sua atividade que é comumente chamada de *trolling*.

O ano de 2014, ficou marcado pela crise da Ucrânia. Nesse ano o jornal britânico *The Guardian* registou um número massivo de comentários pró-russos fora do comum nos seus fóruns. Embora não haja evidências conclusivas sobre quem estaria por trás de tais ações, especula-se que os comentários tenham sido colocados por expatriados russos na Alemanha, Índia e Tailândia. Há também grandes suspeitas que os *bloggers* e *trolls* ao serviço do Kremlin estejam a atuar na Ucrânia e nos EUA (Herpen, 2016). Este caso é uma amostra de uma tendência que na atualidade está em voga, além dos comentários de usuários ditos normais, surgem comentários de outros usuários que têm uma agenda política, comercial ou simplesmente de desestabilização.

Segundo o especialista em segurança sobre a Rússia, Marcel Herpen, em 2009 o Kremlin desenvolveu um projeto chamado *Kremlin School of Bloggers*. Este projeto tem como função criar especialistas em disseminação de propaganda do Kremlin, especialmente direcionada para jovens. As suas atividades mais frequentes são a criação de blogues pró-russos, atacar sites da oposição interna e externa e colocar vídeos ideológicos no *Youtube* (Herpen, 2016).

Neste caso os objetivos dos *trolls* não serão humilhar e incomodar outros usuários do mesmo modo que os *trolls* ditos tradicionais, exceto usuários da oposição política, o seu objetivo será disseminar propaganda, que em muitos casos pende simplesmente para o lado da desinformação. Vários regimes ao redor do mundo estão a ser acusados de patrocinarem exércitos de *trolls* nas redes sociais e em jornais on-line. A Arábia Saudita é um dos regimes acusados de patrocínio de *trolls*. Um artigo do *The New York Times* acusa o regime saudita de ter perseguido o jornalista Jamal Khashoggi e outros críticos do regime saudita recorrendo

a exércitos de *trolls* nas redes e sociais⁸. Será esta uma prática recorrente por parte de alguns regimes, em especial os regimes sinistros que todos conhecemos?

3.1 - Desinformação e Propaganda

A desinformação caracteriza-se como sendo informação enganosa que se destina a ser (ou pelo menos prever) enganosa, em que na maioria das vezes a fonte sai beneficiada em detrimento do destinatário. Mas é necessário ter em atenção, que dizer que a desinformação pretende enganar as pessoas, não significa que as pessoas enganadas sejam o objetivo final. Será apenas um passo intermediário até atingir outro fim daí derivado. A desinformação faz com que as pessoas sejam enganadas sobre tópicos importantes, como candidatos políticos, oportunidades de investimento, tratamentos médicos, o que pode gerar vários tipos de danos, que podem ser emocionais, financeiros ou até mesmo físicos. Além de causar este tipo de danos diretos, podemos salientar que a desinformação pode ainda prejudicar as pessoas indiretamente, corroendo a confiança e inibindo a nossa capacidade de compartilhar informações com outras pessoas (Fallis, 2015). Portanto a desinformação tem um efeito duplo, por um lado fornece-nos informações erradas, e por outro lado corrói a nossa confiança deixando-nos na dúvida sobre determinadas informações.

Associado ao termo desinformação surge frequentemente o termo propaganda. O termo propaganda terá começado a ganhar forma no século XVII, através da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé (*Sacra Congregatio de Propaganda Fide*) criada pelo papa Gregório XV, com o objetivo de combater os protestantes e manter o poder na Igreja Católica. A palavra “propaganda” provém da palavra latina *propagare* que significa “gerar” e “propagar”, ou ainda por extensão significa “aumentar”, “ampliar”. Terá sido usada recorrentemente por Cícero com o significado de “conquista” e de ampliação de território para novas áreas, utilizada juntamente com a palavra *bellum* (Prendergast & Prendergast, 2013). O plano de Gregório XV lançou as bases para o que hoje podemos chamar de técnicas de propaganda, na medida em que enfatizou o controlo de opiniões de modo a controlar as massas (Somerville, 2012).

As conotações negativas terão surgido pela primeira vez devido aos conflitos entre o papa Gregório XV e os protestantes, mas foi no século XX que as conotações negativas ao termo terão sido solidificadas, devido a Josef Goebbels, ministro da propaganda de Hitler (Alleyne, 2003). A propaganda foi uma prática que impregnou todo o século XX, e esteve

⁸ Artigo do *The New York Times* disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/20/us/politics/saudi-image-campaign-twitter.html> Consultado: 20/04/2019

envolvida em quase todos, ou mesmo todos, os eventos catastróficos deste século com especial destaque para os genocídios. Por esses motivos as conotações negativas ficaram tão fortemente associadas ao termo.

Antes de 1914, o termo “propaganda” no geral significava simplesmente, os meios pelos quais os convertidos tentavam persuadir os não convertidos, em que os convertidos não teriam que ser necessariamente pessoas com ideias desagradáveis ou más intenções (Taylor, 2003). A Primeira Guerra Mundial foi também a primeira guerra global da informação, embora a propaganda sempre tenha estado ligada à guerra tanto para motivar os soldados ou para levar os civis a fazer esforços de guerra. Durante Primeira Guerra Mundial a propaganda foi praticada a uma escala nunca antes vista, tendo a propaganda britânica e americana superado a propaganda alemã. Assim sendo, a derrota alemã não terá sido nas trincheiras, mas sim nas mentes do povo alemão (Jansen, 2013).

A propaganda pode ser definida num sentido amplo como, a técnica de influenciar a ação humana pela manipulação de representações (Alleyne, 2003). Jacques Ellul definiu o termo propaganda como um conjunto de métodos utilizados por um grupo organizado que deseja provocar a participação ativa ou passiva nas ações de uma massa de indivíduos psicologicamente unificados, através de manipulações psicológicas incorporadas em uma organização (Ellul, 1973 [1962]). Taylor define a propaganda como uma tentativa deliberada de persuadir as pessoas, através de qualquer mídia disponível, de modo a que elas se comportem de um determinado modo desejado pelo propagandista (Taylor, 2003).

No que toca aos tipos de propaganda, ela é dividida frequentemente segundo a autoria do seguinte modo: 1) propaganda branca, em que o propagandista reconhece abertamente a autoria da propaganda; 2) propaganda cinzenta, em que a autoria da propaganda é deixada de modo ambíguo; 3) propaganda negra, a autoria da propaganda é falsamente atribuída a um autor, que em princípio será inimigo do propagandista (Barclay, 2018).

Na ótica de Jacques Ellul a propaganda não existia em sentido pleno antes da chegada dos meios de comunicação em massa, dos avanços científicos, nos avanços na psicologia e sociologia, e da capacidade de os detentores de poder poderem afetar o pensamento das pessoas no contexto de indivíduos desenraizados e inseguros, que compartilhavam uma consciência de massa. Ellul argumenta ainda que as mensagens difundidas por um propagandista não têm que ser necessariamente falsas. Na ótica de Ellul, Joseph Goebbels era um excelente modelo de propagandista bem-sucedido. Goebbels não recorria a mentiras, pois caso fosse descoberto perderia toda a sua credibilidade. Por isso o propagandista

escolhe meticulosamente os factos que lhe são favoráveis e distorce-os do modo que lhe seja mais favorável, ao mesmo tempo que oculta factos que lhe são desfavoráveis (Randal, 2013).

Portanto a essência da propaganda encontra-se em métodos persuasivos aliados a novas médias tecnológicas cada vez mais eficazes, sem que seja necessário avaliar a moralidade da intenção do propagandista. A falsidade ou a mentira não constituem algo necessário para que haja propaganda, tanto pode ser parte integrante como não. Também podem ser considerados propaganda, os alertas das autoridades para os riscos de doenças; garantir que as crianças aprendam a atravessar a estrada; construir um propósito de senso comum perfeitamente legítimo entre os cidadãos de uma democracia (Jowett & O'Donnell, 2015). A propaganda é muitas vezes associada a regimes autocráticos, o que nos leva a pensar que a propaganda em democracia não existe. Mark Alleyne questiona o elogio dos valores da democracia como sendo também uma forma de propaganda em nome dessa forma de governo, e de governantes específicos que aderem ou reivindicam aderir a essas ideias. Portanto, a conclusão deste autor é que devemos considerar a propaganda como um conceito de valores neutros e como um processo, e não como um rótulo negativo (Alleyne, 2003).

3.2 - Trolls nos sites de notícias em Portugal

Na atualidade seria ingênuo da nossa parte pensar que todo o jornalismo pretende nos informar de modo imparcial sobre os acontecimentos, e que esse jornalismo se sustenta dos jornais impressos que vende ou das assinaturas de leitores on-line. Com toda a certeza existem jornalistas honestos que lutam para informar os seus leitores de modo sério e imparcial. Mas mesmo esses jornalistas por vezes têm que lidar com editores excêntricos ou com outras forças opositoras. Uma prova da volatilidade das notícias sustenta-se na orientação partidária ou financiamento privado de alguns jornais. Por vezes, grandes grupos económicos adquirem jornais para que possam controlar uma parcela da informação que circula junto de um público que pretendem manipular. Portanto, o valor económico de um jornal na atualidade encontra-se ligado à manipulação da opinião pública.

A mesma notícia geralmente é transmitida de modo distinto nos diferentes jornais, o que por vezes deixa os leitores confusos e revoltados com o jornalismo. Não existe uma fórmula cem por cento eficaz que nos permita apurar quais as informações mais credíveis, o leitor terá que saber confortar as várias informações com outras fontes e questionar a credibilidade dessas fontes.

No que toca à capacidade de resistência à propaganda, Jacques Ellul desconfiava da capacidade dos intelectuais de resistir à propaganda, pois o intelectual por ter um grande grau de instrução considera-se imune à propaganda. Outro aspecto que caracteriza os intelectuais, é a sua sensibilidade aos valores da razão, justiça, igualdade, democracia, autodeterminação e afins. Toda a propaganda que apele a estes valores possui uma boa chance de sucesso entre os intelectuais (Marlin, 2013). A propaganda não se identifica como sendo propaganda, aparece em muitos casos de um modo bastante subtil. Principalmente a propaganda que pende para a desinformação. Com as novas médias tecnológicas tornou-se mais difícil para um indivíduo escapar há propaganda tecnológica, principalmente à propaganda com objetivos obscuros que pende para a desinformação.

Mas nem só na notícia em si se encontra a informação de uma notícia on-line. Os comentários a essas notícias muitas das vezes contêm ainda mais informação, desinformação ou contra informação, do que propriamente a notícia em si. Nesse espaço de interação entre usuários, além dos usuários genuínos, outros usuários movidos por intenções de propaganda ou de *trolling*, frequentam e perturbam o normal funcionamento dos fóruns. Esses comportamentos também devem ser analisados, porque interferem com os comportamentos e opiniões dos usuários ditos normais. Durante o trabalho de pesquisa foi possível detetar e analisar as atividades de usuários movidos por interesses obscuros. A identificação desses usuários deve-se a um longo processo de acompanhamento de comentários colocados por esses usuários e de interações com eles. Por vezes chega a ser complicado registar esses comentários, porque eles podem ser movidos imediatamente após a publicação para *spam* pelos moderadores do fórum.

O estudo de *trolls* não é novo em Antropologia, a antropóloga Gabriela Coleman juntamente com vários jornalistas, e investigadores da área da Internet, destacando-se Julien Dibbel e Claire Hardaker, são alguns dos autores pioneiros no estudo de *trolls*. Tendencialmente os trabalhos de estudo sobre *trolls* são feitos por equipas multidisciplinares, envolvendo investigadores de áreas como antropologia, jornalismo e investigadores da Internet. Esses estudos chegam a levar anos de investigação, em que se registam milhares de comentários elaborados por supostos *trolls* (Philipps, 2015).

Os *trolls* com objetivos de disseminar propaganda política ou de atacar e difamar políticos de partidos da oposição, têm revelado uma presença assídua nos vários jornais on-line em Portugal. Como exemplo de atividades de *trolls* propagandistas podemos considerar o seguinte exemplo retirado da notícia do jornal Sol como o título, “António Costa: Portugal

vai continuar a crescer e a crescer acima da média europeia”⁹: **Exemplo 22:** “*Embaixador dos EUA, Richard Grenell, na Alemanha declarado “persona non grata”*”; no fórum da mesma notícia foi possível encontrar outro exemplo da mesmo usuário; **Exemplo 23:** “*Militares que fugiram da Venezuela foram traídos*. <https://www.youtube.com/wat...>”. Estes dois comentários não fazem qualquer referência ao tema da notícia. O usuário que os colocou costuma colocar vários comentários deste género em que as suas fontes por hábito são o canal internacional financiado pelo Kremlin, *Russia Today*, neste caso o mesmo canal em língua espanhola.

O canal internacional *Russia Today* foi anunciado em 2005 por Putin, posteriormente o *RT* tornou-se conhecido por se ter tornado num concorrente global da *CNN*, *BBC World* e *Al Jazeera*. O canal *RT* conseguiu tornar-se no canal informativo de eleição de vários milhões de pessoas, principalmente nos EUA e Grã-Bretanha entre 2009 e 2013. Após adquirir protagonismo entre os espectadores, o *RT* iniciou uma campanha de propaganda contra o Ocidente. Ajudou a disseminar dúvidas sobre: o nascimento de Barack Obama; teorias da conspiração sobre o 11 de setembro; divulgação de teorias sobre bases secretas americanas no Afeganistão que tinham como objetivo um ataque contra a Rússia no futuro (Herpen, 2016).

Por vezes os moderadores dos fóruns após denúncia de conteúdos duvidosos analisam e bloqueiam alguns comentários que podem ser considerados suspeitos. O seguinte comentário feito na notícia do jornal Sol “Face Oculta. Prescrição de crimes deixa Manuel Godinho à espera em liberdade”,¹⁰ é um desses casos, **exemplo 24:**

“..... **Sem este esclarecimento os Direitolas não percebem**
.....
*Glorioso Super Mário, Melhor Economista do Ano, Ronaldo das Finanças.
Aquilo não é um show de televisão ou de selfies, aquilo é economia e governar a sério,
um verdadeiro serviço público. Super Mário Centeno não vai ser comentador, nem
professor catedrático por ajuste directo, vai ser poderoso, vai forçar a definição de uma
nova expectativa política na Europa e no Mundo, vai pôr em causa a água choca desta
desordem estabelecida pela Coelheira Neoliberal com as suas políticas Bancarroteiras da
austeridade recessiva.
O Glorioso Mário Centeno nunca perde aquela postura imponente, aquele sentido da
palavra útil e oportuna, perante a imensa mediocridade de jornaleiros e politiquieiros que
o difamam...”*

Este comentário já não se encontra disponível, porque foi bloqueado como *spam* cinco minutos após ter sido publicado. No momento exato em que foi publicado, procedeu-se à sua cópia prevendo-se que iria ser movido para *spam* nos minutos seguintes. Tal como os

⁹ Comentários e notícia disponíveis em: <https://sol.sapo.pt/artigo/650455/antonio-costa-portugal-vai-continuar-a-crescer-e-a-crescer-acima-da-media-europeia> Consultado em: 11/04/2019

¹⁰ Link de ligação para a notícia de onde o comentário foi registado antes da sua remoção: <https://sol.sapo.pt/artigo/651187/face-oculta-prescricao-de-crimes-deixa-manuel-godinho-a-espera-em-liberdade> Consultado em: 11/04/2019

comentários anteriores este comentário encontra-se fora do contexto da notícia. Este comentário não transmite propriamente uma opinião, o seu conteúdo prende-se com sátira, crítica da situação política portuguesa, propaganda partidária e ofensa a entidades políticas. É claramente um comentário que vai contra as normas estabelecidas para a publicação de comentários. O usuário que colocou este comentário costuma fazer comentários com bastante frequência no jornal Sol. Os seus comentários caracterizam-se pelos ataques à direita política portuguesa, *like* nos próprios comentários e pelo uso da letra em negrito e itálico. O uso da letra em negrito e itálico permite ao usuário fazer com que os seus comentários adquiram uma maior visibilidade no fórum, em detrimento dos restantes comentários.

Alguns usuários e em especial os *trolls* recorrem a várias estratégias para que os seus comentários ganhem mais visibilidade no fórum. Em alguns jornais on-line, os fóruns para os usuários têm um grande destaque na página da notícia, nesses casos os usuários por vezes podem selecionar os comentários que pretendem ver primeiro através de critérios como o mais votado, o mais recente ou o mais antigo. Geralmente os usuários têm selecionada a opção, ordenar pelos mais votados. Usuários com interesses propagandísticos ou de *trolling* normalmente recorrem principalmente a duas estratégias para que os seus comentários não passem despercebidos no fórum. A primeira estratégia consiste em criar outras contas fictícias para suportar com *like* os comentários de uma conta, a segunda estratégia consiste em colocar os comentários como resposta aos comentários com mais *likes*.

A segunda estratégia é frequentemente utilizada por propagandistas como no, **Exemplo 25:** “*###sssss44-Encontre mulheres despidaas em sua cidade aqui : Ej.Uz/Mulheres*”¹¹, este comentário tem sido difundido em massa em alguns jornais on-line em Portugal. Muitas vezes termina bloqueado pelos moderadores dos fóruns chegando mesmo a conta a partir da qual é disseminado a ser bloqueada. Após o bloqueio da conta, o *troll* cria outra conta e continua a disseminar o mesmo comentário até que seja novamente bloqueado.

Por vezes também surgem comentários de cariz religioso difundidos em massa como os seguintes:

Exemplo 26: “*Pesquise por: "Manual Católico, formação, confirmação e convite a verdadeira conversão."*”

¹¹ Comentário disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/653411> Consultado em: 11/04/2019

Peçamos a intercessão dos Arcanjos São Miguel, São Gabriel e São Rafael para que desçam com as legiões de anjos bons para lutar por nós e junto de nós contra as legiões infernais. Amém."¹²

Exemplo 27: *"Pesquisem por: "Manual Católico, formação, confirmação e convite a verdadeira conversão." Conversão meu povo, conversão. Os globalistas e senhores desse mundo se preparam para a vinda do Anticristo. Pesquisem também pelo dia 1 de junho de 2016, dia da inauguração do maior túnel ferroviária na Suíça. Na cerimônia estavam presentes os principais líderes europeus e essa apresentação foi um ritual satânico baseado no livro Apocalipse.*"¹³

Exemplo 28: *"Pesquisem por: "Manual Católico, formação, confirmação e convite a verdadeira conversão." Conversão meu povo, conversão. Pesquisem também pelo dia 23 de setembro de 2017, que foi um evento estelar exatamente como está em Apocalipse 12, 1-2"*¹⁴

Comentários propagandísticos de partidos com orientação de extrema direita e esquerda também são frequentes, neste caso propaganda cinzenta, em que a autoria da propaganda é deixada de modo ambíguo, como os comentários seguintes difundidos em massa por um usuário no site da RTP:

Exemplo 29: *"Estas eleições europeias são ilegais e ilegítimas.... onde pára o responsável pelo regular funcionamento das instituições Portuguesas?... Não há democracia na Europa e as eleições europeias são ilegais e ilegítimas O povo não votou para estar na Europa, Não houve referendo e, por isso, fomos traídos pelos políticos. Nossa Constituição é muito clara sobre a nossa soberania nacional que não pode ser violada e pertence ao povo e só o povo pode decidir. Os políticos devem respeitar a Constituição, eles não foram Eleitos para acabar com a nossa Soberania e portanto não têm legitimidade para o fazer. Eles não podem fazer tudo o que querem. A Constituição Portuguesa é muito explícita sobre a nossa soberania nacional que não pode ser violada. Então estas eleições Europeias são ilegais. Constituição portuguesa.*

Constituição portuguesa - Artigo 3.º - Soberania e legalidade -1. A soberania, una e indivisível, reside no povo, que a exerce segundo as formas previstas na Constituição. - 2. O Estado subordina-se à Constituição e funda-se na legalidade democrática. - 3. A validade das leis e dos demais atos do Estado, das regiões autónomas, do poder local e de quaisquer outras entidades públicas depende da sua conformidade com a Constituição."¹⁵

Exemplo 30: *"Soberania?... Que Soberania?..... Até parece que querem agradar aos Juizes para poderem fazer o que querem com a nossa soberania..... Quanto às Europeias... Não há democracia na Europa e as eleições europeias são ilegais e ilegítimas O povo não votou para estar na Europa, Não houve referendo e, por isso, fomos traídos pelos políticos. Nossa Constituição é muito clara sobre a nossa soberania nacional que não pode ser violada e pertence ao povo e só o povo pode decidir. Os políticos devem respeitar a Constituição, eles não foram Eleitos para acabar com a nossa Soberania e portanto não têm legitimidade para o fazer. Eles não podem fazer tudo o que querem. A Constituição Portuguesa é muito explícita sobre a nossa soberania nacional que não pode ser violada. Então estas eleições Europeias são ilegais. A o fazerem isto não estão a ser melhores que o Maduro na Venezuela. E Como não tivemos Referendo para entrar....*

¹² Comentário disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/648811> Consultado em: 11/04/2019

¹³ Comentário disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/648808> . Consultado em: 11/04/2019

¹⁴ Comentário disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/648806> Para consultar o perfil e outros comentários do usuário basta clicar no seu nome. Consultado em: 11/04/2019

¹⁵ Comentário disponível em: http://www.rtp.pt/noticias/mundo/partido-do-governo-hungaro-foi-suspenso-do-partido-da-direita-europeia_n1136107. Consultado em: 11/04/2019

também não precisamos de um para SAIR... E Por isso como PROTESTO e Defensor do meu PAÍS irei votar em algum partido extremo à esquerda ou direita para acabar com a ilegalidade do Parlamento europeu

Constituição portuguesa - Artigo 3.º - Soberania e legalidade -1. A soberania, una e indivisível, reside no povo, que a exerce segundo as formas previstas na Constituição. - 2. O Estado subordina-se à Constituição e funda-se na legalidade democrática. - 3. A validade das leis e dos demais atos do Estado, das regiões autónomas, do poder local e de quaisquer outras entidades públicas depende da sua conformidade com a Constituição.”¹⁶

Estes comentários pertencem ao mesmo usuário, a sua conta é claramente uma conta criada para propaganda. O usuário não selecionou a opção que bloqueia o acesso à atividade da sua conta por parte dos restantes usuários, assim é possível analisar todos os comentários feitos a partir dessa conta. A conta apenas possui comentários idênticos aos anteriores, o que demonstra que não é a conta de um usuário comum, mas sim de algum usuário interessado em disseminar propaganda. A utilização de contas para disseminação de propaganda está a tornar-se uma prática cada vez mais frequente tanto nos fóruns dos jornais on-line como nas redes sociais. No que toca às redes sociais, o Partido Nacional Renovador (PNR) tem estado envolto em escândalos de propaganda enganosa, em que utiliza perfis falsos de apoiantes negros do BE para atizar ódio racial e apelar ao voto na extrema-direita¹⁷.

Também podem surgir comentários que apelam diretamente ao voto como no caso seguinte, retirado da notícia do jornal Sol na notícia, “*GOL não descarta origem interna de ataque informático*”¹⁸:

Exemplo 31: “Votem no PNR, não se deixem enganar, perigosos são os esquerdalhos paridos de Abril, votem PNR, prometo eliminar o lixo social parasitário, os roubos e a insegurança vão acabar, os empregos são para os portugueses, fronteiras fechadas e controladas e acaba-se com o aborto e a aberração gay que polui o ar que respiramos. SIEG HEIL MEIN FÜHRER.”

Além do apelo direto ao voto, também podemos verificar indícios de homofobia e ódio a migrantes.

Durante o trabalho de observação, outros usuários demonstraram comportamentos suspeitos, mas torna-se difícil comprovar que são *trolls*. Um usuário que faz comentários frequentemente no *site* da RTP revela alguns comportamentos que deixam algumas dúvidas. A característica mais marcante desse usuário é a sua estratégia de argumentação, ele leva

¹⁶ Comentário disponível em: http://www.rtp.pt/noticias/politica/proposta-do-ps-poe-juizes-acima-de-teto-salarial-em-orgaos-de-soberania_n1139041 Para consultar o perfil e outros comentários do usuário basta clicar no seu nome. Consultado em: 17/04/2019

¹⁷ Artigo do jornal Polígrafo disponível em: <https://poligrafo.sapo.pt/sociedade/artigos/propaganda-pro-pnr-utiliza-perfis-falsos-de-supostos-apoiantes-negros-do-be-para-atizar-odio-racial-e-apelar-ao-voto-no-pnr> Consultado em: 11/04/2019

¹⁸ Comentário disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/653927> Consultado em: 17/04/2019

as pessoas que têm uma opinião diferente dele a desistir de comentar por exaustão. Os debates com esse usuário podem durar dias, ele utiliza todo o tipo de falácias *ad hominem* juntamente com a famosa falácia do espantalho de modo a descredibilizar o seu oponente. Quando um usuário não lhe responde ele volta-se para outro, lançando sempre a isca até que algum usuário que não concordar com ele decida lhe responder. No final do debate o último comentário é sempre o do *troll*, em que a sua opinião prevalece.

Um usuário que frequenta o jornal Sol e o jornal i, tem uma abordagem diferente que não tem a mesma eficácia, mas que por vezes dá os seus frutos. A estratégia deste usuário passa pelo controle de várias contas que suportam a sua conta principal com *likes*. Após um longo tempo de observação foi possível verificar que quando este usuário era acusado de ser um *troll* a sua fotografia de perfil era alterada no dia seguinte, provavelmente com a intenção de comprovar a veracidade da sua identidade. Provavelmente neste caso estamos perante um caso de roubo de identidade on-line, em que o *troll* roubou um conjunto de fotografias de outra pessoa, provavelmente através das redes sociais. Este usuário tem por hábito o insulto e a perseguição de usuário da oposição política, fazendo com que eles se abstenham de expressar a sua opinião. Além de controlar várias contas, outros usuários possivelmente também *trolls* fornecem-lhe suporte insultado em grupo outros usuários, ao mesmo tempo que colocam *likes* em todos os seus comentários. O objetivo será dar a ideia à vítima de que ela é a única a pensar desse modo, e por isso está errada. É um modo de promover o que se entende como *argumentum ad populum*, em que alguém considera que uma crença é verdadeira porque um grande número de pessoas a promove (McCraw, 2019).

A estes dois usuários suspeitos podemos chamar de “*trolls* propagandistas profissionais”, pois quem os observa não consegue reunir motivos para os denunciar e banir do fórum de comentários. Mesmo após várias denúncias, eles continuam em atividade. Estes usuários nocivos têm como objetivo fazer que determinados usuários se abstenham de fazer comentário de modo a controlar a opinião do fórum de notícias¹⁹.

De acordo com Claire Hardaker em entrevista ao jornal *The Guardian*, o derrame de ódio contra outro usuário tem como objetivo manipular os seus sentimentos com o objetivo de o ferir, ou fazer que o usuário remova a sua conta.²⁰ Ou seja a sua função é a censura de

¹⁹ A identidade destes dois prováveis *trolls* não pode ser revelada devido a motivos de imparcialidade e independência política. Ao contrário de outros *trolls* aqui mencionados, estes nunca colocaram comentários em que fosse demonstrado claramente a sua identidade enquanto *trolls*.

²⁰ Artigo do jornal *The Guardian* disponível para consulta em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2013/jul/01/internet-trolls-guide-to-different-flavours> Consultado em:11/04/2019

determinadas opiniões, inibindo a liberdade de expressão e promovendo uma espécie de autocensura.

Diferentemente destes usuários, o usuário comum não tenta promover com tanto afínco e dedicação a sua opinião, embora por vezes surjam grandes debates, os usuários comuns por norma demoram mais tempo a fazer comentários do que estes usuários, que chegam a estar quase vinte e quatro horas on-line a lutar em todas as frentes, ao mesmo tempo que comentam todas as notícias sobre política.

Também foi possível em alguns casos assistir a confrontos entre *trolls* da esquerda e da direita política portuguesa. Normalmente os *trolls* entram em conflito pelo controlo do fórum de comentários de uma notícia. Nestes casos de conflito a troca de mensagem de ódio entre os vários grupos de *trolls* rivais constitui a maioria dos comentários do fórum, entupindo completamente o fórum, em que é quase impossível ler os comentários de usuários normais. Há casos no jornal Sol em que algumas notícias onde se deram esses confrontos, é possível verificar várias centenas de comentários, por vezes chegam até aos mil comentários. O objetivo final destes usuários maliciosos prende-se com fazer prevalecer a sua opinião em detrimento das restantes. Analisando os comentários de vários jornais portugueses on-line, é possível em algumas notícias levantar suspeitas de que os comentários foram colocados massivamente de modo a impor e controlar uma opinião.

Mas também alguns usuários ditos normais podem disseminar desinformação, o objetivo desses usuários não será como nos exemplos anteriores fazer circular desinformação ou obter vantagens, mas mesmo assim os seus comentários podem ser nocivos. O seguinte exemplo retirado da notícia online da RTP, “Ataque na Holanda com várias vítimas”²¹, é um bom exemplo de desinformação disseminada por um usuário comum:

Exemplo 32: “Em Portugal estamos safos , temos os tijolos de esquerda para nos defender . com eles não precisamos de forças armadas ou de segurança, aliás segundo um dos seus tijolos, as forças armadas e de segurança deveriam ser extintos. estamos safos e podemos dormir descansados à noite, pois temos alguém que olha pelos nossos filhos.”

Resposta ao comentário anterior por outro usuário: “Eu lembro-me do Bloco de Esquerda querer extinguir os Comandos justificando que Portugal já não necessita dessa força especial visto que temos outras tropas especiais igualmente competentes, em que não andam a morrer pessoas nos treinos. Eu concordo em ter os Comandos, são de imenso valor para o exercito português. Agora eliminar as forças de segurança não me recordo. Quais são as suas fontes para fazer tais afirmações? Indique por favor eu também quero saber.”

²¹ Comentários disponíveis em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/ataque-na-holanda-com-varias-vitimas_e1135547. Consultado em: 11/04/2019

Neste caso, este tipo de desinformação poderia, por exemplo, alterar intenções de voto de outros usuários, num momento em que a segurança está fortemente ameaçada a nível global e é um dos pontos chave das campanhas eleitorais. A questão da segurança foi expressa também no exemplo 31. Tendencialmente este tipo de comentários é colocado por pessoas com lealdade partidária. Ao contrário dos exemplos 29, 30 e 31, este usuário não faz um apelo ao voto de maneira direta ou indireta, nem está a disseminar a sua opinião de modo minimamente coerente. Além disso foi de imediato desmentido e foram-lhe solicitadas provas que ele nunca veio a revelar. Tendencialmente o *troll* ou propagandista quando confrontado dá quase sempre uma resposta, tentando arranjar argumentos e provas para o que diz, ou quando não consegue opta pelo insulto de modo a humilhar e intimidar o usuário que se atreve a questioná-lo. Além disso a conta deste usuário aparenta ser normal, e durante a investigação foi possível encontrar o usuário a fazer comentários considerados normais em vários jornais on-line.

Conclusões

Foi possível verificar que além dos usuários ditos normais, nos fóruns de notícias on-line outros usuários com interesses obscuros levam a cabo atividades que podem colocar em risco o bom funcionamento de um fórum. A colocação em massa de publicidade a *sites* pornográficos e propaganda religiosa, pode fazer com que os usuários percam o interesse em consultar o fórum de uma notícia. Além disso esses comentários por vezes ofuscam os comentários dos usuários comuns, principalmente quando há um número considerável de comentários no fórum. Os *trolls* preocupados em promover uma agenda política em muitos casos além de difundirem desinformação acabam por inibir outros usuários de usarem os fóruns e dar a sua opinião.

Os fóruns on-line têm sido usados por vários usuários para difundir desinformação de modo voluntário. Embora seja frequente opiniões de usuários mal informados sobre determinados assuntos, esses usuários nunca chegam a representar o mesmo perigo que os *trolls* propagandistas. Por vezes, usuários comuns quando cometem imprecisões como no exemplo 32, são imediatamente desmentidos por outros usuários. Além disso nota-se que os comentários de usuários normais são mais espontâneos do que os dos *trolls*, que preparam minuciosamente os seus comentários. Apesar de tudo a desinformação é sempre um perigo, tanto a desinformação gerada por um *troll* ou usuários normais prejudicam as pessoas indiretamente, corroendo a confiança e inibindo a sua capacidade de partilhar informações com outras pessoas.

Philip Taylor levanta a questão sobre quem são os propagandistas. Todos nós sabemos de Goebbels, considerado um “gênio do mal”, ou outras personagens históricas idênticas. Mas onde ficam as pessoas comuns como nós (ou alguns de nós)? Segundo Taylor somos todos em algum grau também propagandistas, do mesmo modo como também somos vítimas de propaganda (Taylor, 2003). Outro aspecto importante é que nem sempre a propaganda se propaga necessariamente de cima para baixo. Ou seja, quem se encontra no poder, também pode ser vítima de propaganda proveniente dos estratos mais baixos da sociedade (Auerbach & Castronovo, 2013). Devemos ter também em atenção que a propaganda pode produzir efeitos que não são pretendidos pelo propagandista.

Na realidade a interferência on-line de indivíduos com interesses obscuros não é uma novidade em Portugal. Em 2017, o jornal Observador revelou um artigo de investigação que desmascarava o *modus operandi* de *bloggers* que defendiam José Sócrates desde 2005. Estes *bloggers* entraram nos radares das autoridades através do processo Marquês. Em 2010 o Jornal Correio da Manhã já levantava algumas suspeitas em que Almeida Ribeiro, formado em Filosofia e Marketing Político, ex-funcionário do Serviço de Informações de Segurança (SIS), seria o grande estratega de toda a máquina de propaganda. Mas Almeida Ribeiro refutou sempre essa acusação. Além do já mencionado, eram utilizados meios e recursos do Estado para “ações de propaganda política”.²²

Este caso investigado no âmbito do processo Marquês demonstra claramente a dificuldade em suportar acusações de crimes informáticos. Assim, indivíduos que cometem crimes informáticos saem ilesos de tais acusações, mas o mesmo já não se pode dizer dos denunciantes. O objetivo do trabalho não se prende com denuncia nem visa atingir objetivos ou ganhos políticos, devido a estes motivos nestas páginas não se faz nenhuma menção direta de entidades políticas, exceto quando os comentários e os artigos de jornal mencionam entidades políticas. Assim sendo, não irão ser reveladas as contas sob suspeita de atividades de *trolling*. Acima de tudo um trabalho científico deve ser imparcial e independente.

Há uma grande probabilidade de todos, ou a maioria, dos partidos políticos portugueses recorrem a estratégias idênticas com objetivos de *opinion maker*. Foram encontrados usuários suspeitos de todas as orientações políticas. Estes usuários eram extremamente críticos em relação à opinião de alguns partidos, defendendo com uma tenacidade incrível um determinado partido em todas as circunstâncias. Chegavam a ir muito

²² Artigo do jornal Observador disponível em: <https://observador.pt/especiais/o-modus-operandi-do-blogger-que-defendia-socrates/> Consultado: 10/05/2019

além do simples usuário com lealdade partidária, que por vezes era crítico de algumas atitudes ou medidas do seu partido.

Capítulo 4 - Populismo

4.1 - Populismo Análise Conceitual

Além do ano da pós-verdade, o ano de 2016 ficará lembrado como o ano do populismo. Desde esse ano que a palavra populismo é frequentemente usada pelos comentadores de política internacional, e de modo extremamente abusivo pelos jornalistas. O populismo é um conceito altamente polissêmico, sendo propenso a muitas descrições e ambiguidades. É extremamente difícil restringir a sua definição conceitual a uma limitação semântica rigorosa e unívoca (Anselmi, 2018). Alguns autores devido à dificuldade de encontrar uma definição conceitual para o termo populismo, comparam o termo populismo com o termo pornografia, pois o conceito de pornografia também é difícil de ser definido, mas sabe-se o que é quando se vê. Ninguém consegue definir plenamente estes termos, mas quando se encontram perante eles são capazes de os identificar (Gusterson, 2017).

Atualmente o populismo é dividido no geral entre populismo clássico e neopopulismo. Ao populismo clássico, são associados os populismos que ocorreram no século XX em diferentes partes do mundo: o populismo russo; o populismo americano; Perón e todos os populismos latino-americanos. Na categoria de neopopulismo, incluem-se os populismos que surgiram desde o final do século XX como resultado de profundas transformações nas democracias contemporâneas, especialmente devido aos processos de globalização. Esta distinção é baseada mediante duas condições gerais: os populismos clássicos emergiram em contextos de construção dos estados e de formação de sistemas políticos democráticos em que as dinâmicas eram todas internas; os neopopulistas surgem em contextos em que o sistema político democrático já está formado, e onde o estado-nação está a ser erodido pela globalização, bem como por novos equilíbrio geopolíticos externos (Anselmi, 2018).

Os motivos que fazem com que a globalização seja apontada como fomentadora dos neopopulismos são os seguintes: 1) os problemas que emergem dentro de um Estado fazem-se sentir também em outros Estados; 2) os governos de alguns estados tomam decisões que têm um grande impacto em outros estados, em que essas decisões não são legitimadas pelos cidadãos; 3) a globalização dá voz a atores internacionais como corporações multinacionais e organizações internacionais como o *WOT*, *IMF* ou o *World Bank* (Fuchs & Klingemann, 2019).

Portanto os neopopulismos emergem quando o sistema democrático se encontra em fragilidade. Embora também haja populistas que desafiam democracias fortes, mas nesses

casos, estamos perante pessoas que têm ideais antidemocráticos e pretendem construir um sistema político diferente. O colapso dos sistemas partidários forma uma realidade que fornece espaço para que surjam fenómenos populistas. Nesses contextos de emergência de populismos, há sempre ideia de que as pessoas são melhores do que os seus governantes, e que esses governantes traem os seus interesses (Pasquino, 2008). O problema emerge quando os cidadãos colocam todos os políticos num único conjunto classificado de corrupto. É nessa situação que os partidos populistas formam um discurso que coloca as pessoas como sendo “puras”, face a uma elite política “corrupta”. Assim os populistas conseguem criar uma crise de legitimidade e angariar votos (Fuchs & Klingemann, 2019). Além dos governantes os intelectuais, os jornalistas e magnatas financeiros também costuma ser vítimas de descrença (Pasquino, 2008).

Ghita Ionescu e Ernest Gellner, foram dois estudiosos influentes do populismo. Estes autores identificaram alguns pontos que podem ser consideradas pontos chave para a compreensão do populismo. De entre os vários pontos que estes autores identificaram, podemos seleccionar alguns de modo sucinto: o populismo é anti-intelectual; é sempre contra a elite dominante; é propenso ao desenvolvimento de teorias da conspiração; do ponto de vista económico há uma preferência por pequenas cooperativas; o populismo é mais moralista do que pragmático (Anselmi, 2018).

Um autor igualmente importante para o estudo do populismo é o historiador argentino Laclau, na perspetiva deste autor o populismo é um conceito neutro: nem é negativo nem positivo. Laclau concluiu que a negatividade do termo populismo tem origem na literatura crítica neoliberal, que sempre se esforçou por desacreditar as massas e as multidões. Para Laclau, essa negatividade sobre as massas é particularmente visível em Le Bon. O populismo segundo Laclau não tem uma conotação ideológica precisa, o populismo na sua perspetiva pode ser tanto de direita como de esquerda, nacionalista ou ainda progressista. Na análise de Laclau, tanto o fascismo como o maoísmo em alguns contextos podem ser populistas (Anselmi, 2018).

Mas apesar da negatividade de Le Bon sobre as massas, Le Bon na sua obra *The Crowd* nos finais do século XIX, estava ciente do poder crescente que as massas estavam a adquirir desde o final do século XVIII. Segundo Le Bon, “o destino das nações era elaborado no coração das massas, e não mais no conselho dos príncipes” (Le Bon, 2001 [1896]: X). Gabriel Tarde posteriormente acrescentou ao trabalho de Le Bon a importância dos meios de comunicação, e que o público seria o grupo social do futuro (Soules, 2015).

Yves Mèny e Yves Surel são dois cientistas políticos franceses que iniciaram o estudo do populismo na Europa nos anos noventa. Estes autores foram os primeiros a explicar o populismo à luz dos processos de globalização, atualizando a categoria do próprio populismo. Mèny e Surel são creditados por destacarem a relação entre o neopopulismo contemporâneo, e as suas mudanças profundas dos Estados-nações produzidos pelo processo de globalização. A perspectiva de estudo de Mèny e Surel parte do papel central desempenhado pelo conceito de soberania popular no fenómeno populista. Na perspectiva destes dois autores o populismo pode desempenhar um papel que retira legitimidade ao aparato institucional existente, como um mecanismo legitimador de formas mais diretas de consenso e governo. Ao analisarem os neopopulismos europeus, Mèny e Surel sublinharam a relação entre dinâmicas populistas e transformações partidárias. Enquanto que ao longo do século XX existia uma forte estruturação de partidos políticos que refletiam uma divisão social “congelada” do eleitorado, no final do século esse panorama mudou significativamente e a volatilidade eleitoral tornou-se numa constante, favorecendo os partidos populistas (Anselmi, 2018).

O debate sobre o crescimento do populismo no mundo leva-nos a pensar numa crise da democracia. Será que a democracia está por um fio? Esta questão está a causar um intenso debate. Fuchs e Klingemann através dos casos da Venezuela com Chávez, da Rússia com Putin e da Turquia com Erdogan, exemplificam como líderes populistas carismáticos que entram em contacto com o povo de modo não mediado, e que fornecem soluções simples, chegam ao poder e posteriormente mantêm esse poder. A estratégia consiste no seguinte: 1) chegar ao poder através de eleições; 2) marginalizar a oposição política; 3) enfraquecer a sociedade civil (Fuchs & Klingemann, 2019).

Na atualidade a questão sobre a contribuição dos média no desenvolvimento do populismo tem sido frequentemente levantada. Neste caso o termo “média” é usado para nos referirmos a jornais eletrónicos e impressos, jornalismo, indústria do entretenimento e canais televisivos. O mal-estar político e social são uma pré-condição comum para o crescimento dos sentimentos antipolíticos. Esse mal-estar não é criado pelos média, mas os média desempenham um papel de disseminação desse mal-estar, mantendo determinados temas na agenda pública de um país, ou espalhando desconfiança que pode ser explorada facilmente por políticos populistas. Há evidências claras de que o cinismo público de determinados meios de comunicação e certas campanhas contra a corrupção política, erros de governantes e políticas controversas, podem ser responsáveis pela difusão de descontentamento político, e até atitudes antipolíticas entre os cidadãos. Esse é um terreno fértil para sentimentos populistas, mesmo quando os média cumprem as regras de

apresentação equilibrada e pluralista de eventos políticos, como no caso dos média de serviço público (Mazzoleni, 2008). No capítulo sobre corrupção foi possível analisar esse mal-estar político e social.

Por vezes, os média mantêm um determinado tema de notícias através de “ondas de notícias”. As “ondas de notícias” são um dos elementos frequentemente identificados nos noticiários em todo o mundo. Emergem a partir de um evento que desencadeia a atenção dos média, partindo desse evento é posteriormente lançado o tema. Subsequentemente, todo o incidente ou declaração que pode confirmar o tema de notícia recebe mais atenção do que o habitual, posteriormente desaparece gradualmente (Maneri, 2018).

4.2 - Notícias e Populismo

Tal como em muitos países, em Portugal o discurso populista anda essencialmente em torno dos refugiados, migrantes e racismo. Não com a mesma intensidade que outros países da Europa, que são locais de passagem ou o destino preferencial para refugiados. Mas também a descrença no sistema político e nos políticos está a começar a ganhar contornos bastante expressivos. Estará a democracia em Portugal a entrar em crise? É uma questão difícil que vai além das intenções de pesquisa deste trabalho. De acordo com Paul Rabinow, as pessoas já estão cansadas da falta de capacidade de previsão dos especialistas, ou da falta capacidade dos especialistas de fazer o futuro acontecer como previsto (Rabinow, 2008). Outras questões sobre quem é ou não é especialista, também podem ser levantadas. Analisando a imprensa nacional e internacional, é possível verificar uma grande expansão do populismo ao redor do mundo, mesmo em países onde a democracia parecia ser sólida. Ao mesmo tempo, as pessoas clamam por morte e violência, enquanto que num passado não muito longínquo, as pessoas clamavam por liberdade e direitos humanos.

Comentários feitos a notícias sobre refugiados e assaltos são alguns dos contextos onde podemos encontrar uma maior visibilidade do discurso populista, que tem por base o ódio racial e o medo do terrorismo. No que toca a ódio racial, são as pessoas de etnia cigana e os afrodescendentes os mais visados. Estes comentários populistas, podem surgir em sites de notícias on-line ou em qualquer lado em que as pessoas assistam a notícias sobre os temas.

O racismo em Portugal é particularmente distinto do racismo em outros países, porque em Portugal há uma tendência generalizada para negar o racismo. A negação busca as suas fontes no luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, que foi usado abusivamente pelo Estado Novo

de modo a promover o colonialismo. Através do luso-tropicalismo surge uma visão de Portugal como sendo um bom colonizador, um colonizador melhor do que os restantes europeus. Através do passado glorioso cheio de acontecimentos heroicos, ocultam-se crimes, como a escravatura e os trabalhos forçados (Henriques, 2016). A jornalista e socióloga Joana Henriques, intitula Portugal como o país dos brandos costumes, em que pode haver racismo, mas ninguém é racista. O racismo em Portugal é relegado para os outros povos. Segundo Henriques, em Portugal há um pacto de silêncio sobre o racismo (Henriques, 2018). Poucos são aqueles que gostam de ser identificados como racistas. Mas em grande medida as pessoas que negam ser racistas, têm comportamentos racistas.

4.3 - Comentários Racistas

Os comentários racistas são muito frequentes no dia-a-dia em Portugal. Por várias vezes em locais públicos durante a realização deste trabalho, foi possível ouvir comentários racistas. *“O mundo está perdido, então na televisão é só pretos”*, ou, *“agora só dão desgraças na televisão, é o fim do mundo, agora também é só pretos em todo o lado”*, em várias ocasiões foi possível ouvir estas frases ou frases idênticas, em espaços como autocarros ou salas de espera em hospitais. Alguns indivíduos atribuem os acontecimentos de muitas das más notícias que vêm na televisão aos afro descendentes, como se eles fossem responsáveis por tudo de mal que acontece principalmente em Portugal. Por vezes sobram ainda algumas culpas para os ciganos, que alguns indivíduos chamam de “ciganada”. Estes comentários são feitos na maioria das vezes sem que nas notícias haja qualquer menção à etnia.

Por vezes, após se proferirem estas acusações infundadas, os comentários dirigem-se contra o Bloco de Esquerda e os seus militantes. Tanto on-line como em espaços públicos foi possível presenciar insultos ao BE, como por exemplo, “Bloco de Esterco”. Ou insultar os militantes do BE como, Mariana Mortágua, Marisa Matias e Catarina Martins chamando-as, “esganiçadas do BE”, ou no caso de Mamadou Ba que é chamado de, “mamado do racismo”, e representante do “Só Racismo”, em vez de SOS Racismo. O infeliz comentário de Mamadou Ba sobre os incidentes do bairro da Jamaica, em que ele insultou a polícia, é utilizado frequentemente para alimentar discursos populistas e atacar a esquerda política. O comentário 32 (capítulo 3) é um exemplo dessa apropriação de um comentário. O comentário de Mamadou Ba é uma debilidade explorada subtilmente por extremistas e pela oposição política.

O Primeiro Ministro de Portugal, António Costa, também não escapa aos insultos racistas. Muitas vezes tanto on-line como em espaços públicos as pessoas referem-se a

António Costa como, o “farrusco” ou o “monhé”. Nos comentários da notícia do jornal Sol, “Sindicato Nacional dos Motoristas de Matérias Perigosas alerta para nova greve caso não haja acordo”²³, podemos encontrar comentários com insultos raciais como os descritos anteriormente, **exemplo 33**:

“Afinal o BE e o PCP até no controlo dos sindicatos já não prestam para nada. Quem deve estar com um grande melão é o A Costa (o monhé) jogou a sua oportunidade nestes artistas e afinal em vez de jokers saíram-lhe duques, é o que acontece aos oportunista e charlatães.”

O insulto a personalidades públicas não é novidade, mas a falta de pudor em fazer comentários racistas sobre personalidades públicas em espaços públicos, por vezes chega a ser chocante. No desporto também têm surgido casos idênticos, nomeadamente no futebol. Muitas vezes estes comentários são removidos após denúncias. A temática do insulto será debatida num capítulo mais adiante.

Na notícia do jornal Sol, “Três jovens esfaqueiam menor em assalto em Lisboa”, podemos encontrar o seguinte comentário, **exemplo 34**: “*Minorias... Continuemos a fingir que não se passa nada, que a culpa é nossa e que afinal somos todos racistas!!*”²⁴. No texto da notícia não se verifica qualquer menção sobre origem ou etnia dos assaltantes, mas mesmo assim alguns usuários deduzem que foram membros de minorias a cometer tal crime. Além disso, este comentário obteve 18 *likes*, algo baste invulgar nos comentários do jornal Sol. São raros os comentários que chegam a obter tal número de votos. Na mesma notícia podemos encontrar outro comentário, que é também um dos mais votados, **exemplo 35**: “*SOS Racismo onde estão agora que não vos ouço?!?!?*”, neste comentário novamente a suposição que foram membros de uma minoria a cometer o crime.

Na mesma notícia encontramos também o comentário, **exemplo 36**:

“*Já o gajo que não nasceu em Portugal e não fala português (aquele dos EUA), passa nas notícias como o português assassino. Engraçado, parece-me que se isto é retirado das declarações da vítima, haveria mais alguma informação para além de serem “jovens”. Conseguimos chegar à hipocrisia da coisa ou não?*”

²³ Comentário disponível para consulta em: <https://sol.sapo.pt/artigo/655157/sindicato-nacional-dos-motoristas-de-materias-perigosas-alerta-para-nova-greve-caso-nao-haja-acordo>. Consultado em: 03/06/2019

²⁴ Comentários (exemplos: 34; 35; 36) e notícia disponíveis para consulta em: <https://sol.sapo.pt/artigo/647664/tr-s-jovens-esfaqueiam-menor-em-assalto-em-lisboa>. Consultado em: 03/06/2019

Este comentário mais ponderado e realista teve apenas um *like*. Normalmente comentários que apelam ao ódio têm um número maior de *likes*, já os comentários mais realistas, como este, acabam por ser ignorados pela maioria dos usuários.

Os comentários que apelam ao ódio quando são publicados, logo após a publicação de uma notícia on-line, começam de imediato a obter *likes* e a receber mensagens de suporte. Nestas situações os comentários mais realistas, acabam por ficar relegados ao fundo do fórum, que a maioria das pessoas não consulta. Por outro lado, as pessoas mais ponderadas ao consultarem o fórum e identificando que os comentários de apelo ao ódio ou assentes em preconceitos são mais apreciados, sentem-se inibidos a fazer comentários que contrariem a maioria. Mais uma vez o *argumentum ad populum* ganha destaque no fórum. Por outro lado, os usuários mais ponderados, sentem-se inibidos a contrariar a maioria simplesmente com o medo de serem insultados e humilhados.

Se um usuário mais ponderado for um dos primeiros a colocar um comentário, os discursos de ódio e preconceito poderão não ganhar tanto destaque. Porque, outros usuários que compartilham a mesma opinião sentem-se confiantes a dar suporte a esse comentário. Desse modo, serão os usuários com intenções de fazer comentários de ódio a sentirem-se inibidos de expressar a sua opinião, devido aos mesmo motivos descritos anteriormente. O medo de discordar da opinião da maioria é visível em muitos indivíduos no dia a dia nos mais variados contextos.

4.4 - Refugiados

Sentir a ameaça de um inimigo, é uma experiência tão antiga quanto a própria espécie humana. Relatos de batalhas históricas do passado, comprovam que o comportamento das pessoas se transforma como resultado da possível presença de um inimigo sentido como uma ameaça. Vergani, dá como exemplo o cerco de Roma em 408 d.C., em que Alarico ameaçava a cidade de Roma. Durante esse cerco, as pessoas de Roma pensavam que ele se devia a um castigo dos Deuses pagãos motivada pela adoção do cristianismo. Este caso histórico é usado como exemplo revelador de como o medo e a ameaça de um inimigo sempre estiveram associados a comportamentos coletivos, como o retorno das tradições ancestrais, o aumento da religiosidade das pessoas, o bode expiatório de pessoas que se percebem ligadas ao inimigo, o apoio à execuções sumárias, disseminação de rumores e superstições. A ameaça de um inimigo faz com que as pessoas se liguem ao grupo de pertença e seus valores tradicionais, fazendo com que a agressão contra o possível inimigo aumente. Para Vergani, a

ameaça do terrorismo cria comportamentos semelhantes aos descritos neste caso histórico (Vergani, 2018).

Na atualidade podemos comparar o caso dos refugiados provenientes de países de maioria muçulmana com este relato histórico. Muitos dos comportamentos no Ocidente causados pelo medo do terrorismo promovido pelo extremismo islâmico, causam comportamentos idênticos aos descritos anteriormente. Os refugiados provenientes de países de maioria muçulmana tornaram-se numa espécie de bode expiatório, tal como os cristãos foram no cerco de Roma. Em torno dos refugiados circulam ainda vários rumores com um toque de teoria da conspiração. As teorias mais comuns registadas na Internet são: os refugiados escolheram emigrar, são migrantes económicos; os refugiados sugam os impostos dos contribuintes; os refugiados trazem o terrorismo; os refugiados pagam milhares aos contrabandistas porque não querem emigrar de modo legal; eles querem invadir a Europa; os muçulmanos são todos radicais. Estas suposições sobre os refugiados são alimentadas com falta de informação adequada e por preconceito. Além disso, nem todos os refugiados são muçulmanos, o que mais uma vez revela uma falta de conhecimento da realidade.

Os refugiados e os deslocados são um dos problemas mais complexos a nível humanitário e político da atualidade no Médio Oriente. É nesta região do globo que se encontra o maior número de refugiados e requerentes de asilo do mundo (Canefe, 2018). O número de pessoas forçadas a deixar as suas casas devido a extrema violência tem vindo a aumentar. A solução que ao início parece ser mais fácil, é atravessar as fronteiras internacionais. Mas a situação agrava-se ainda mais quando essas pessoas chegam a outros países e se tornam vítimas de ultranacionalismos e xenofobia (Perham, 2018). No caso das pessoas provenientes do Médio Oriente, a questão prende-se essencialmente com islamofobia e com o medo do terrorismo promovido por radicais islâmicos.

A falta de informação adequada é o motivador de muitos dos comentários que se encontram on-line, quer em jornais ou nas redes sociais. Um número significativo de comentários não tem por base qualquer conhecimento sobre o que se pretende comentar. Por exemplo, na notícia do jornal Sol, “PJ alerta para o potencial risco de mãe de jihadista”²⁵, recolhemos o comentário, **exemplo 37**: “*E o que espera Portugal para retirar a nacionalidade aos terroristas que querem regressar independentemente do género? Foram ... lá devem ficar!*”. O usuário que escreveu este comentário desconhece que a lei portuguesa não permite que a nacionalidade seja retirada a um cidadão. Para obter essa informação basta consultar

²⁵ Comentário e notícia disponível para consulta em: <https://sol.sapo.pt/artigo/652728>. Consultado em: 03/06/2019

o Portal das Comunidades Portuguesas²⁶, em que é referido que, “a perda da nacionalidade portuguesa só pode ocorrer a pedido do próprio interessado e desde que ele tenha uma nacionalidade estrangeira”.

Recorrendo ao site da Fundação Francisco Manuel dos Santos²⁷ podemos obter informações com bastante detalhe sobre o assunto:

A Constituição protege a cidadania, atribuindo-lhe o regime dos direitos fundamentais.

Esta proteção implica, sobretudo, o direito a não ser privado da cidadania por motivos políticos — ou seja, em consequência de ações ou opções políticas, mesmo aquelas tidas como «antipatrióticas» — ou como resultado de uma pena ou de um efeito de pena. A Constituição e a lei apenas preveem a perda de cidadania em caso de renúncia pelo seu titular.

Por isso, a perda da cidadania portuguesa depende exclusivamente da declaração da vontade do cidadão em causa — e desde que tenha outra nacionalidade, a fim de que não se torne apátrida. Assim, só perde a nacionalidade portuguesa o cidadão que, sendo nacional de outro Estado, declare que não quer ser português.

Deve evitar-se a apatridia, isto é, a condição de quem não tem nacionalidade, porque a ausência desse estatuto priva a pessoa de um conjunto de direitos importantes como os de circular livremente, entrando e saindo do território do Estado, e o direito a votar e ser eleito para cargos políticos.

No plano europeu, a apatridia deve ser evitada na medida em que a atribuição da cidadania europeia depende de o indivíduo ser nacional de um Estado-membro da União Europeia pelo que a perda da nacionalidade de um Estado-membro implica a perda da cidadania europeia e dos direitos que lhe são associados.

Apesar da informação sobre vários temas ser de fácil acesso, alguns usuários dispensam a sua consulta. Além disso o resumo do site da Fundação Francisco Manuel dos Santos, leva-nos para temas que no geral uma grande parte dos usuários desconhece. É também importante referir, que quando um usuário bem informado coloca um comentário esclarecedor apoiado por fontes como sites, fontes governamentais, ONGs ou outros jornais on-line, acaba muitas vezes ridicularizado. Qualquer usuário que faça um apelo a direitos humanos é de imediato chamado de “esquerdista”, “membro da esquerda caviar” ou “tijolo esquerdo”.

A expressão “tijolo esquerdo” é uma das mais usadas, tanto on-line como em espaços públicos, no exemplo 32 (capítulo 3), foi possível encontrar essa expressão. Esta expressão

²⁶ Informações disponíveis em: <https://www.portaldascomunidades.mne.pt/pt/servicos-consulares/nacionalidade%23perda-da-nacionalidade>. Consultado em 03/06/2019

²⁷ Informações disponíveis em: <https://www.direitosedeveres.pt/q/constituicao-politica-e-sociedade/cidadania/como-se-perde-a-cidadania-portuguesa-e-quem-pode-ou-nao-perdela>. Consultado em: 06/05/2019

é utilizada para insultar algum indivíduo sempre que ele tente se exprimir em defesa dos direitos humanos. Tendencialmente são os partidos políticos com orientação de esquerda que dão especial atenção a casos de direitos humanos, por isso, todos os que expressam vontade em defender direitos humanos têm uma grande probabilidade de serem insultados com esta expressão, mesmo que a sua orientação política seja de direita. Talvez seja irrealista, colocar o rótulo de simpatizante ou militante da esquerda política a todos os que se expressão em defesa dos direitos humanos, nomeadamente a defesa dos refugiados que em muitos casos, são vítimas de regimes apoiados por governos ocidentais, partidos políticos de esquerda e direita de países ocidentais ou multinacionais ocidentais.

Não são apenas comentários de cariz negativo que constituem um fórum on-line, mas esses comentários têm um impacto maior dos que comentários informados e realistas. No JN on-line, na notícia, “A nova vida do pai do menino que emocionou o mundo quando morreu”²⁸, podemos encontrar a seguinte troca de comentários, **exemplo 38**:

Usuário 1 - *“Este é o mesmo que os “passageiros” do barco que ele próprio tripulava que o identificaram como sendo o seu “ofício” de transportar “passageiros” para a Europa? Porque é que o JN faz romances ocultando a verdadeira história?”*

Usuário 2 em resposta ao usuário 1 - *“Que doente! Volta lá para o teu amigo Bolsonaro e desampara a loja!”*

Usuário 3 em resposta ao usuário 1 - *“Porque e que tu tens um espírito tão maldoso? Mesmo que essa tua “história” seja verdadeira este homem já pagou o bastante. Tu és o protótipo de pessoa que incita ao ódio, quando a atitude a demonstrar com o sofrimento deste homem é compaixão.”*

Usuário 1 em resposta ao usuário 2 - *“Dylan Evc vc é doente do Lula Ladrão da Silva...então é bandido e eu não discuto com criminosos”.*

No artigo é contada a história de Abdalá Kurdi, que foi o único sobrevivente de um bote que tentava chegar à Europa e naufragou na Turquia em 2015, a sua família morreu neste incidente. A fotografia do cadáver de um dos seus filhos correu o mundo como um alerta para a crise de refugiados no Mediterrâneo. A fotografia também está presente no artigo on-line, e mesmo assim usuários movidos por ódio não têm qualquer pudor em fazer comentários insultuosos, como o usuário 1 neste exemplo.

Segundo declarações do alto comissário das Nações Unidas para os Refugiados, Filippo Grandi, a “toxicidade e linguagem venenosa” presentes na política, nos média e nas redes sociais sobre refugiados, migrantes e estrangeiros “não tem precedentes”. Na notícia

²⁸ Comentários e artigo do jornal JN para consulta: https://www.jn.pt/mundo/interior/a-nova-vida-do-pai-do-menino-que-emocionou-o-mundo-quando-morreu-10840473.html?utm_source=jn.pt&utm_medium=recomendadas&utm_campaign=afterArticle&_ga=2.124887178.1623677298.1556545754-1404351954.1556545754 .Consultado em: 18/05/2019

do jornal Observador, “ONU denuncia linguagem venenosa sem precedentes sobre refugiados”²⁹, onde se encontram estas declarações de Grandj, os comentários de ódio mais uma vez marcam presença, **exemplo 39:**

Usuário 4 - *“Tóxico é este tipo que vive dos impostos de quem trabalha, como este especialista. Não tenho de pagar rsi, casa e a expropriação de terrenos para a construção de mesquitas. A importação do islão que não passa de uma ideologia misogena, totalitária, homofóbica e intolerante não é opção”.*

Usuário 5 em resposta ao usuário 4 - *“O Islão é a cura para o feminismo que destrói (e já destruiu) as sociedades ocidentais civilizadas.*

As próprias mulheres, que na sua esmagadora maioria votam sistematicamente nas esquerdas, promoveram a invasão islâmica e irão aprender finalmente o que é um patriarcado...Terão apenas o que merecem.

Serão apedrejadas até à morte por cometer adultério, serão apedrejadas até à morte se forem violadas ou terão de apresentar várias testemunhas (e têm de ser mais homens que mulheres) para provar que realmente foram violadas.

Serão obrigadas a tapar-se e a ficar em casa a cuidar dos filhos e terão de tolerar a poligamia dos homens.

Obviamente terão de converter-se ao Islão e se não o fizerem serão perseguidas e mortas. Se forem lésbicas, serão mortas. Se forem trans-género, serão mortas.

É pena que para eliminar o feminismo tóxico seja preciso destruir a quase totalidade do mundo civilizado, mas assim é o vírus feminista e de esquerda...arrasa com tudo aquilo no qual toca, sem possibilidade de retorno.”

Usuário 6 - *“O veneno começou a ser produzido nessa bastarda organização quando começou chamar refugiado a quem foi aliciado apenas a mudar de país e continente com propósitos que nada tinham a ver com fugas a cisa nenhuma.O propósito único foi o ‘grand remplacement’ e o pretexto foi o de refugiado apenas.”*

No comentário do usuário 5, podemos verificar o que foi dito anteriormente sobre a esquerda no que toca à defesa de refugiados. O comentário do usuário 4 expressa um argumento muito comum nos comentários das notícias on-line, a questão dos impostos que os contribuintes pagam que são mal aplicados. O exemplo seguinte, exprime de um modo mais claro esse argumento, **exemplo 40:**

“Porquê só ciganos? E os pretos? E os refugiados que vêm para aqui, vivem da SS durante 2 anos e vão para outro país mamar mais subsídios? Acabe-se com os subsídios, há que tratar de vida, se pudesse escolher o meu dinheiro era aplicado no que interessa e não a dar de comer a bandalhos.”³⁰

²⁹Comentários e artigo do jornal observador para consulta: <https://observador.pt/2019/04/10/refugiados-onu-denuncia-linguagem-venenosa-sem-precedentes-sobre-refugiados/>. Consultado em: 18/05/2019

³⁰ Comentário recolhido no jornal Sol disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/650057/-querer-que-a-comunidade-cigana-tenha-direitos-mas-tambem-deveres-faz-de-nos-perigosos-racistas->. Consultado em: 18/05/2019

Sempre que se fala em ajudar outras pessoas, a questão do dinheiro dos impostos é levantada por alguns usuários. Além do mundo virtual, também se ouvem expressões idênticas. É comum ouvir indivíduos quando assistem aos noticiários em que as notícias têm o tema dos refugiados ou minorias étnicas, comentários idênticos ao seguinte, “e quem paga sou eu, pois, e os portugueses pobres?”.

Durante uma viagem de autocarro em novembro de 2018, dois passageiros e o motorista comentavam as notícias que tinham saído naqueles dias, relativas a uma caso em que a água e a eletricidade tinham sido cortadas a um grupo de refugiados que viviam em Miranda do Corvo, em que se alegava que eles não pagaram as contas. Um dos intervenientes ao contrário dos outros dois, não negava a assistência a refugiados, mas salientava que eles teriam que trabalhar para que pudessem pagar as suas contas. Todos eles argumentam que deveria ser dada prioridade aos portugueses em situação de carência e que os refugiados estavam a colocar isso em causa. No final, a conversa que se ouvia por todo o autocarro, prosseguiu com críticas a pessoas que eles conheciam e que recebiam benefícios do Estado de modo indevido. Estavam revoltados com essas situações ao mesmo tempo que questionavam o propósito de pagarem impostos.

Além do questionamento sobre para onde vai o dinheiro dos impostos, os cidadãos têm tendência para perguntar se estão a receber mais ou menos daquilo que contribuem. Estas preocupações serão agudas se as pessoas sentirem pouca solidariedade umas com as outras. Acreditar que as outras não são confiáveis, principalmente quando se trata de medidas redistribuídas necessárias para sustentar a maioria dos direitos sociais, pode ter como consequência comportamentos independentes que visam obter vantagens individuais, como foi também possível verificar no capítulo sobre corrupção. Esses comportamentos a longo prazo podem vir a demonstrar-se negativos até para quem os pratica (Bellamy, 2008).

No exemplo 39, no comentário do usuário 6, podemos verificar um dos maiores mitos sobre os refugiados. A confusão de refugiado com migrante económico. Uma grande parte das pessoas que alimentam discursos de ódio contra refugiados, desconhece que um número significativo de refugiados se encontra na condição de apátrida que os impede de viajar de modo legal. Comentários idênticos ao do usuário 6 são bastante comuns no mundo virtual como no físico.

Grande maioria dos apátridas encontram-se detidos em campos de detenção, outros migram de um lugar para o outro de modo clandestino sob o constante temor da deportação. Há uma aceitação de violação de direitos humano, com o objetivo de proteger a ordem social

e a identidade nacional. Após o 11 de setembro, assistimos a uma securitização crescente da migração motivada pelo medo do terrorismo. A partir desta data, muitos dos requerentes de asilo passaram a ser tratados como “terroristas islâmicos”. O presente é marcado por uma sensação de insegurança em relação ao terrorismo, à imigração e outras ameaça à segurança nacional. Esses medos, acabam por ser explorados deliberadamente pelos média e por alguns políticos (Lecht & Newman, 2013).

O interesse na cidadania nunca foi tão alto como na atualidade. Os governos de todo o mundo promoveram o ensino da cidadania, em que escolas e universidades introduziram testes de cidadania para emigrantes que buscam tornar-se cidadãos naturalizados. A cidadania permite a um indivíduo pertencer a um tipo particular de comunidade política. Aqueles que gozam do status de cidadania, têm o direito de participar em igualdade de condições com os seus concidadãos na tomada de decisões coletivas que regulam a vida social. Tradicionalmente, a cidadania refere-se a um conjunto particular de práticas políticas, que envolvem direitos e deveres públicos específicos em relação a uma determinada comunidade política. A ampliação do seu significado para as relações humanas, seria diminuir a importância das tarefas distintamente políticas que os cidadãos desempenham para moldar e sustentar a vida coletiva da comunidade (Bellamy, 2008).

O estatuto do apátrida é pouco discutido na atualidade, embora seja uma das grandes preocupações da comunidade internacional desde o advento da Liga das Nações, sendo também uma das primeiras questões abordadas pelas Nações Unidas. Na atualidade há fortes evidências de que ter uma nacionalidade é essencial para se ter segurança (Manly & Wass, 2009), o caso dos refugiados é um exemplo dessa realidade. A cidadania é frequentemente chamada de “direito de ter direitos”, no entanto muitos ativistas de direitos humanos têm criticado o caráter exclusivo da cidadania por essa mesma razão, sustentando que os direitos devem estar disponíveis a todos em igualdade de condições, independentemente de onde se nasceu ou viveu. Segundo Bellamy, há muita justiça nessas críticas, mas elas são deficientes em alguns aspetos. Segundo este autor, os cidadãos de democracias bem administradas desfrutam de um nível e variedade de direitos que se estendem além do que a maioria das pessoas caracterizaria como direitos humanos. Como salienta Bellamy, podemos argumentar que muitos desses Estados exploram de modo indireto e direto Estados mais pobres, muitas vezes não democráticos. Nesses abusos incluem-se por vezes abusos relacionados com direitos humanos, como a venda de armas aos governantes desses Estados mais fracos. Além disso, em segundo lugar, os direitos também resultam das atividades positivas dos próprios cidadãos e das suas contribuições

para a sua comunidade política. Como Bellamy salienta, esta visão leva-nos a alguns paradoxos (Bellamy, 2008).

Segundo Lecht e Newman, um dos problemas destacados por Agamben, é o modo como os direitos humanos são cada vez mais incluídos no discurso do humanismo, no qual eles são circunscritos e despolitizados. Nos dias de hoje, quando se pensa em direitos humanos pensa-se nos espetáculos humanitários de sofrimento e catástrofe que se podem assistir com bastante regularidade na televisão. Podemos assistir a imagens de vítimas maltratadas e atormentadas por guerras, massacres e fome, ao mesmo tempo que se fazem apelos de ajuda humanitária e intervenção Ocidental. Ao mesmo tempo a ideologia do humanismo também se torna num modo de legitimar intervenções militares. Enquanto tudo isto acontece, podemos assistir à indiferença dos poderosos em relação a todo o sofrimento, em algumas situações a sua prontidão em intervir é mais patente em alguns casos que em outros. Lecht e Newman concluem que os direitos humanos foram usados como cobertura para os interesses individuais, particularmente para os poderes dominantes (Lecht & Newman, 2013).

Muitas vezes quando se fala na crise de refugiados do Mediterrâneo, a questão sobre a legalidade da migração é frequentemente levantada. *“Mas porque é que os refugiados não emigram de modo legal? Eles até têm dinheiro para pagar a traficantes e para comprar smartphones.”* As pessoas que levantam estas questões desconhecem que os refugiados na sua maioria estão com um estatuto de apátrida e não têm documentos de identificação, logo é impossível migrar de modo legal. Essas pessoas ficaram nessa situação devido a conflitos armados, perseguições étnicas, perseguições religiosas, colapso de Estados, entre outros motivos.

4.5 - Terrorismo Análise Histórica

O termo “terrorismo” tomou um lugar de destaque no século XXI, embora de um modo extremamente exagerado na maior parte das situações. Um exemplo desses exageros, é a constante rotulagem de uma série de atos violentos como “terrorismo”. Os atos mais frequentemente rotulados como terrorismo pelas pessoas e pelos jornalistas, podem ser atos tão díspares como: um bombardeio; o assassinato de um chefe de Estado; os massacres de civis por uma unidade militar; o envenenamento de produtos nas prateleiras de um supermercado; invasão de um servidor de email. Ou seja, qualquer ato de violência dirigido contra a sociedade, praticados por: dissidentes anti governo; o próprio governo; sindicatos;

crime organizado; protestos de pessoas em manifestações; protestos de militares (Hoffman, 2017).

Segundo Vergani, nas modernas democracias da Europa, América do Norte e Austrália, a percepção da ameaça terrorista é diferente da ameaça do crime ou da guerra. As preocupações com ataques terroristas são exageradas nos média, embora as baixas por terrorismo sejam menores do que em outras regiões do mundo. O motivo de tal preocupação, prende-se com o facto do terrorismo ser visto como a única ameaça de violência politicamente motivada, que pode atingir qualquer cidadão de modo indiscriminado, a qualquer hora e em qualquer lugar. Se um cidadão morre em um crime, ou um soldado em combate, provavelmente não fará a primeira página do jornal. Mas se um cidadão ocidental morrer num ataque terrorista, com toda a certeza estará na primeira página dos jornais. Isto denota que a percepção da ameaça terrorista é maior do que outras ameaças de violência como a guerra e o crime (Vergani, 2018).

O termo “terrorismo” não tem uma definição clara. A definição de terrorismo mais amplamente aceite é fundamentalmente política. Em que o terrorismo é o emprego de violência ou a ameaça de violência, que é usada com o propósito de obter fins políticos. A indefinição conceitual deve-se ao significado mutante do termo “terrorismo”. A palavra terrorismo foi popularizada pela primeira vez durante a Revolução Francesa. Em contraste com a atualidade, naquela época o terrorismo tinha uma conotação decididamente positiva (Hoffman, 2017).

No século XIX, particularmente através do extremista republicano italiano Carlo Pisacane, o terrorismo ganha novos contornos. Segundo Pisacane, a violência era necessária não apenas para chamar a atenção ou gerar publicidade por uma causa, mas também para educar, informar e reunir as massas por trás da revolução. A primeira organização a colocar em prática o dito de Pisacane terá sido a *Noradnaya Volya*. Era um pequeno grupo de constitucionalistas russos que se uniram em 1878 para desafiar o poder do Czar. Devido à apatia das massas russas pela sua causa, eles recorreram à violência para chamar as massas à atenção para a sua causa. Este grupo recorria ao que se chamava “propaganda por ação”, escolhiam as vítimas entre as personalidades do poder opressivo, em que o critério seria o seu valor simbólico. Assim pessoas inocentes, em princípio, estavam a salvo dos seus ataques. Este grupo além de precipitar o começo do fim do domínio czarista, também influenciou profundamente revolucionários individuais e organizações subversivas em outros lugares. Um exemplo da influência da *Noradnaya Volya*, terá sido o *Anarchist Movement* que também apelava na época à estratégia de “propaganda por ação”. Os anarquistas foram

responsáveis por uma impressionante série de assassinatos de chefes de Estado, e um número particularmente notório de atentados desde 1878 até à segunda década do século XX (Hoffman, 2017).

Os eventos anteriores à Primeira Guerra Mundial na Bósnia, em que grupos de nacionalistas, intelectuais, estudantes e até crianças, coletivamente conhecidos como *Mlada Bosna*, se insurgiram contra a soberania dos Habsburgo, são amplamente conhecidos devido aos eventos do dia 28 de junho de 1914, quando um elemento deste grupo assassinou o arquiduque dos Habsburgo, Franz Ferdinand, em Sarajevo, desencadeando uma sucessão de acontecimentos que culminaram na Primeira Guerra Mundial. Foi após a Primeira Guerra Mundial que o termo “terrorismo” começou a ganhar contornos negativos, até essa data, era visto como sendo um ato revolucionário (Hoffman, 2017).

No caso da Irlanda, foram os grupos terroristas irlandeses os primeiros a reconhecer a importância de estabelecer uma base estrangeira além do alcance do seu inimigo para melhor sustentar e promover uma campanha terrorista prolongada. Também foram os grupos irlandeses que impulsionaram a utilização de engenhos explosivos que permitiam a fuga do terrorista, assim poderiam garantir uma maior sustentação da campanha terrorista. Estas características marcaram o padrão do século XX (Hoffman, 2017).

Após a Segunda Guerra Mundial, o terrorismo adquiriu novamente algumas conotações revolucionárias. Naquela época, o termo era usado em referência às revoluções violentas organizadas por grupos nacionalistas/anticolonialistas indígenas que emergiram em zonas do globo como África, Médio Oriente e Ásia, no final da década de 1940 e na década de 1950. Foi também durante este período que a denominação “combatentes da liberdade” entrou em voga, o objetivo era legitimar politicamente junto da comunidade internacional estes movimentos. Nesta época foi surgindo uma linguagem menos crítica para descrever estes movimentos revolucionários, o termo “guerra de libertação” começou também a ser proferido neste período em vez de terrorismo. Até aos anos 70, o terrorismo continuou a ser visto dentro de um contexto revolucionário. No entanto esse uso expandiu-se para incluir grupos separatistas nacionalistas e étnicos fora de uma estrutura colonial ou neocolonial. Esta visão ganhou mais ênfase com Arafat, que declarou uma diferença entre o revolucionário e o terrorista. Segundo a Arafat, a diferença consiste no motivo pelo qual cada um luta. Quem quer que seja que esteja a lutar por uma causa justa, liberdade e libertação da sua terra dos invasores e colonos, não pode ser chamado de terrorista (Hoffman, 2017).

No início dos anos 80, o terrorismo passou a ser considerado um meio calculado para desestabilizar o Ocidente como parte de uma vasta conspiração global. O terrorismo tornou-se numa espécie de guerra encoberta, onde Estados mais fracos poderiam confrontar rivais mais poderosos, sem o risco de retribuição. Na década de 90 o significado do terrorismo foi ainda mais obscurecido pelo surgimento de novos conceitos ligados ao terrorismo, como por exemplo, o narcoterrorismo. Em 2001 após o 11 de setembro, o termo “terrorismo” voltou a ser redefinido mais uma vez (Hoffman, 2017).

Complicando ainda mais os esforços para que se encontre uma definição consensual de terrorismo, as semelhanças entre ataques terroristas e bombardeios estratégicos são bem patentes. No fundo ambas as estratégias tentam coagir um povo aterrorizando-o, recorrendo a estratégias de pressão política indireta, infligindo deliberadamente mágoa e medo. Na Segunda Guerra Mundial tanto alemães como britânicos, atacaram cidades através de bombardeamentos e mísseis balísticos de modo a destruir a moral da população civil, particularmente a moral dos trabalhadores industriais. Os EUA fizeram algo idêntico com o Japão, antes do lançamento da bomba atômica em agosto de 1945 (Brooker, 2010).

Na atualidade, segundo o senso comum o termo terrorismo anda intimamente ligado ao Islão, em que qualquer ato de violência perpetrado por um muçulmano é imediatamente considerado terrorismo. Este modo de pensar está a tornar-se numa barreira à ajuda de refugiados, ao mesmo tempo que coloca o ódio a refugiados no discurso de políticos populistas. Além da ameaça aos direitos humanos e à democracia, esta visão impede que se tenha uma visão realista da conjuntura internacional. Particularmente da intervenção de muitos países ocidentais nos países de onde os refugiados são maioritariamente provenientes, que logo por coincidência, são países ricos em recursos como petróleo, ouro, diamantes ou urânio.

4.6 - Terrorismo Como Estratégia de Tensão

A estratégia de tensão é uma forma de engenharia política, ou seja, é uma ação politicamente motivada, usada por grupos políticos para alcançar algum efeito desejado no sistema social e político. O terrorismo pode ser uma das táticas usadas dentro de uma estratégia de tensão. A tensão entre identidades atribuídas e adquiridas, em combinação com certas características de personalidade, pode sustentar a força e definição da identidade social. O ser humano é potencialmente definido por múltiplos grupos de pertença, como por exemplo: idade; género; ideologia; classe social; entre outros. Como é óbvio, diferentes ameaças podem despertar respostas emocionais e comportamentais diferentes em cada

indivíduo. Vergani defende que o terrorismo é uma potencial ameaça de identidade, porque pode tornar as identidades salientes, uma categorização em grupo e fora do grupo (Vergani, 2018).

O terrorismo é extremamente temido no Ocidente, Vergani enumera três parâmetros que justificam o temor do terrorismo no Ocidente: 1) as mortes às mãos dos outros provocam mais indignação moral do que as acidentais; 2) o próprio objetivo do terrorismo é aterrorizar uma população através das maneiras pelas quais o ataque é conduzido e comunicado através dos média, os terroristas visam a máxima publicidade e impacto político, que geralmente é diferente da violência criminal e doméstica; 3) os média ampliam a ameaça de terrorismo mais que outras ameaças de magnitude similar, ou ainda maior. Os meios de comunicação fazem uma contribuição importante para ampliar as percepções de ameaça, especialmente em países onde não há experiência direta com o terrorismo (Vergani, 2018).

O modo como os média apresentam os ataques terrorista pode influenciar reações emocionais ao terrorismo, que por sua vez, influencia a preferência de um indivíduo por diferentes políticas antiterroristas. Nos casos em que os noticiários mostram e descrevem um terrorista ameaçador, os espectadores passam a ter mais medo, e conseqüentemente, aumentam a sua preferência por negociações e retirada de ações militares. Nos casos em que os noticiários enquadram um ato terrorista como uma injustiça, os espectadores passam a sentir mais raiva, e conseqüentemente, promovem políticas de agressão contra os possíveis terroristas. Além destas conclusões, Vergani, refere ainda que a percepção da ameaça terrorista tende a ser maior nos países com sistemas em que os média são predominantemente orientados para o mercado (Vergani, 2018).

Os terroristas exploram os média para criar um espetáculo de terrorismo e para instalar medo no público alvo. O terrorismo não é só uma tática militar, mas também, e talvez ainda mais importante, uma forma de comunicação entre e dentro dos grupos terroristas. O terrorismo é usado com os seguintes objetivos: transmitir mensagens à comunidade que os terroristas afirmam defender e a possíveis recrutas; os terroristas pretendem comunicar o seu poder a outros grupos; o terrorismo é usado para atrair a atenção para uma causa e criar medo, dúvidas, desespero e incerteza entre os inimigos (Vergani, 2018).

Apesar de até ao momento em Portugal não se ter registado um ataque terrorista perpetrado por muçulmanos radicais, o medo do terrorismo tem ganho uma grande expressão. Analisando os comentários de um artigo de opinião de Alexandre Brito, “Não há

"Fake News". Há aldrabões. E jornalismo. São coisas diferentes"³¹, publicado no site da RTP, o seguinte comentário chamou à atenção por vários motivos, **exemplo 41**:

"Tem V. Exa. muita razão.

De facto, existem a desinformação (e até a ocultação da verdade) e as notícias, sendo que me parece que, ultimamente, as primeiras duas têm existido nos meios de comunicação social tradicionais, politicamente engajados com o regime, e as notícias têm existido na Internet, apesar de alguma informação falsa.

Por exemplo, foi pela Internet - e não pelo "jornalismo sério" - que fiquei a saber da traição abjecta do Pacto de Marraquexe (aquele sobre o ESCANCARAR das fronteiras para os invasores, o tal "coiso" que foi assinado praticamente nas costas do povo e à traição - com a conivência do "jornalismo a sério", diga-se de passagem - para além de outros atropelos à democracia.

Portanto, como vê o senhor tem toda a razão.

Lembra-se do que aconteceu à mídia americana aquando da eleição do Sr. Presidente Donald Trump, nos EUA? Desejo que vos acobteça o mesmo, porque os senhores merecem pagar, tal como eles!"

Este comentário além de mencionar as temáticas do artigo ao que se dirigia, demonstra um claro desagrado com o Pacto de Marraquexe em que Portugal se comprometeu a receber refugiados. A referência aos refugiados como invasores também está extremamente difundida. O terrorismo juntamente com um cenário de invasão constitui um dos principais argumentos da maioria dos discursos populistas. No cenário da invasão, os mais céticos entendem que a sua identidade e os seus valores estão ameaçados pela chegada dos refugiados.

Neste exemplo também está expressa a tendência para a consulta de informação na Internet em detrimento do jornalismo. Em particular, as redes sociais têm ganho um enorme destaque na difusão de informações sob a forma de notícia, que conseqüentemente tem contribuído para que o jornalismo se degrade. Os jornalistas deixaram de ser os únicos produtores de notícias, esta realidade tem aspetos positivos, mas também tem aspetos negativos.

No cenário do terrorismo, tendo em contas os parágrafos anteriores, podemos perceber de imediato que a estratégia de exploração dos média por parte dos terroristas instalou o medo e desconfiança em alguns portugueses tal como em muitos europeus. Por outro lado, declarações dadas por alguns chefes de Estado, como o caso de Assad em 2017, que declarou que entre os refugiados se encontravam terroristas, fez com que a aversão aos refugiados na Europa fosse ainda maior. Ao mesmo tempo, começaram a circular provas falsas na Internet de que possíveis terroristas se encontravam entre os refugiados. Nesses casos a extrema direita juntamente com grupos terroristas eram os suspeitos de colocar essa

³¹ Artigo de opinião e comentário disponíveis em: https://www.rtp.pt/noticias/opiniao/alexandre-brito/nao-ha-fake-news-ha-aldraboos-e-jornalismo-sao-coisas-diferentes_1108323. Consultado: 19/05/2019

desinformação. O objetivo de todos estes agentes é disseminar o medo ao mesmo tempo que eliminam um inimigo comum, neste caso os refugiados. Muitos dos refugiados são opositores aos regimes opressores e grupos terroristas de que fogem, ao mesmo tempo que constituem uma ameaça na ótica de alguns grupos de orientação de extrema direita na Europa. Ou seja, todos exploram os refugiados de modo a obter um ganho político. É também importante referir, que o objetivo do terrorismo não são as mortes de pessoas como a maioria das pessoas considera, mas sim obter ganhos políticos ou militares com essas ações.

Conclusões

Neste capítulo através dos comentários feitos a várias notícias, foi possível captar alguns elementos do discurso populista em Portugal. Podemos verificar que esse discurso tem por base os seguintes aspetos: racismo; xenofobia; o medo do terrorismo; o medo de uma invasão cultural; nacionalismo; desconhecimento do estatuto de refugiado e do problema a nível global; descontentamento com os políticos. O discurso de ódio acompanha sempre estes aspetos, e consegue ainda ofuscar os discursos mais ponderados e realistas.

As notícias em que os temas se prendem com refugiados, migrantes ou assaltos, são aquelas que possuem mais potencialidades para serem exploradas por indivíduos com discursos populistas. Além de explorar as notícias, os populistas exploram ainda a falta de conhecimentos das pessoas sobre as temáticas anteriormente referidas, mas também em alguns momentos podemos considerar que os políticos populistas possuem poucos conhecimentos da realidade global, e até mesmo sobre política. O conteúdo das notícias na maioria das vezes também não contribui para uma informação adequada, muito menos os comentadores que surgem na televisão, que por serem avançados ou simplesmente não possuir conhecimentos relativos às temáticas, apenas geram desinformação. Os média limitam-se a transmitir atos terroristas como sendo um ato que visa apenas ferir e matar pessoas, há uma negligência de todo o contexto que leva até ao ato.

Capítulo 5 - Liberdade de Insulto

No cotidiano os insultos ou os comportamentos insultuosos acontecem com bastante frequência. O insulto continua a ser um dos aspectos mais negligenciados durante a interação social cotidiana. Um insulto na maioria das vezes será uma opinião severamente negativa de uma pessoa ou grupo, com o objetivo de subverter a sua autoestima e estima positiva. De outro modo, o insulto trata-se de um abuso verbal. Podemos considerar como sinónimos de insulto: menosprezar; ridicularizar; vituperação; rejeitar; gozar. O insulto pode ir além do verbal, como por exemplo, trajes inadequados, maneiras inadequadas, um tom de voz fora do normal ou ainda gestos obscenos (Conley, 2010).

Acompanhando o insulto em muitas ocasiões podemos encontrar atitudes de snobismo. Há um número ilimitado de coisas que as pessoas podem utilizar como desculpa para desprezar outros indivíduos. Os insultos mais frequentes costumam ser sobre: famílias; educação; nacionalidade; religião; etnia; origem geográfica; orientação sexual; aparência física; profissão. Já o snobismo, é acreditar que se é superior a outras pessoas em certos aspectos, porque se está associado a algum grupo que se coloca acima das outras pessoas. A palavra snobe é claramente uma palavra pejorativa em que é impossível usá-la de modo neutro em termos de valor. É uma palavra que não descreve apenas ações, podendo também pode ser usada para insultar alguém (Westacott, 2012).

Segundo Westacott, as vítimas de comportamentos snobes em muitas ocasiões ficam com a sensação de que estão presas numa condição social inferior. Geralmente a argumentação de indivíduos com atitudes snobes assenta em generalização, ao qual se seguem conclusões que pendem para o insulto. A generalização é uma constante, uma grande maioria dos indivíduos têm tendência para generalizar, como já foi possível verificar no que toca aos refugiados, em que nesse caso seriam todos terroristas ou parasitas que vivem à custa de subsídios sociais. Em casos onde as premissas do indivíduo snobe são verdadeiras, as vítimas tendem a ficar envergonhadas, aceitando posteriormente a conclusão errada. Essas conclusões podem resultar em faltas de respeito, crenças injustificadas ou crenças depreciativas (Westacott, 2012).

Em várias ocasiões durante a realização do trabalho de investigação foi possível presenciar vários casos de insultos. Principalmente nos comentários de notícias on-line, no mundo físico os insultos eram raros e nunca adquiriram a severidade dos insultos on-line. Por várias vezes imperava a sensação de que as pessoas ao discutirem cara a cara, sem a mediação do computador ou outro aparelho, tinham mais respeito pelo próximo e com quem

não concordava com a sua opinião. Também se pode verificar que era mais fácil chegar a um consenso de opinião nos debates de notícias cara a cara do que em debates on-line. Estes pontos são um indicador de que há grandes diferenças no debate de notícias on-line e cara a cara, que depois se traduzem na interpretação da notícia.

Ao debater as notícias com as pessoas cara a cara, em muitos casos a conversa tornava-se agradável fazendo com que a conversa fosse para temas além do tema da notícia debatida. Mesmo nos casos em que a diferença de idades entre os intervenientes fosse significativa, ou em que os intervenientes tivessem diferentes estatutos socioeconómicos. Em muitos casos, durante a troca de opiniões cara a cara era possível adquirir novos conhecimentos e diferentes visões de um determinado tema. Embora também isso possa acontecer on-line, mas os casos são mais raros. On-line a realidade é completamente distinta, porque provavelmente entram em cena fatores como anonimato juntamente com uma suposta igualdade entre os intervenientes que contraria as normas sociais.

É bem patente que o anonimato desinibe comportamentos considerados rudes, ao mesmo tempo que poupa os indivíduos a vergonhas. O anonimato também faz com que pessoas que devido ao seu estatuto socioeconómico ou devido à falta de formação académica, possam dar a sua opinião sem serem ignorados ou se sentirem intimidados por pessoas com um estatuto considerado superior. O anonimato on-line pode criar um clima de igualdade em alguns aspetos, mas de outro modo pode ser um elemento desestabilizador, dando voz a indivíduos que não têm qualquer conhecimento sobre determinados temas. Como também já foi possível verificar anteriormente, no caso do usuário que exigia que a cidadania portuguesa fosse retirada a um cidadão, enquanto que a lei portuguesa não permite retirar a cidadania a um cidadão. O anonimato em muitas ocasiões aparece como “um pau de dois bicos”, fomenta a liberdade e a igualdade por um lado, ao mesmo tempo que promove comportamentos nocivos.

5.1 - *Trolls* e Insultos

Além dos comportamentos de *trolls* com orientação política já analisados, ou de *trolls* que colocam *links* de pornografia, podemos encontrar alguns que colocam comentários como o seguinte comentário, **exemplo 42**: “*MANOS CARA TUGAS GAYS CABROES TA BRODER CARA NO BAGULHO MEU CARA TAASE PO DA BRANCA CARA NO BAGULHO MEU TUGAS SAO GAYS CABROES E SO FUTEBOIS NESSAS CORNADURAS*”. Comentários idênticos a este foram encontrados em várias notícias on-line durante cerca de uma semana, em muitas ocasiões acabavam bloqueados, ou acabavam por ficar perdidos no meio de outros

O pior que pode acontecer a um *troll* que difunde comentário de ódio é ser ignorado pelos outros usuários. O maior erro que um usuário pode cometer perante um *troll* deste género é responder aos seus comentários, essa atitude apenas irá promover mais comentários idênticos. No geral a maioria dos usuários ignora este tipo de comentários, mas a situação agrava-se quando estamos perante *trolls* com o objetivo de promover agendas políticas. Nesse caso, os usuários na maioria das vezes não conseguem detetar que estão perante um *troll* e acabam por ser insultados e humilhados sempre que respondem. Os *trolls* com agenda política tendencialmente tomam a iniciativa de comentar os comentários de outros usuários, que selecionam como sendo as suas vítimas, ao contrário dos *trolls* com objetivos de insulto, que deixam um comentário e esperam que alguém morda o isco.

Trolls com agenda política tentam intimidar através do insulto os usuários normais, de modo a que eles deixem de comentar em determinados jornais on-line. O objetivo será controlar a opinião nos fóruns de notícias on-line. A seguir segue-se um conjunto de comentários de intimidação retirados do perfil de um usuário suspeito³⁴:

1 - *“Vai ressabiar para outro lado.”*

2 - *“O asno do teu dono que não passava de um láparo comeu o dinheiro do povo e aumentou a dívida. Dinheiro poupadinho foi para ele e para a sua corja!”*

3 - *“Tu andas aqui o dia todo... Vai trabalhar, malandro.”*

4 - *“Ignorante!”*

5 - *“Fabuloso, depois há sempre um sacristão ou uma rata de sacristia que vem dizer ámen.”*

6 - *“Ignorante, não atrapalhes.”*

7 - *“Metem-os no teu traseiro.”*

8 - *“Vai lá dormir que o teu mal é sono.”*

9 - *“Parvalhão assenta-te lindamente.”*

10 - *“O pessoal não te passa cartucho. Vai lá beber um copo para afogares as tuas mágoas.”*

11 - *“Este labrego ficou contente com isto!”*

12 - *“Velhadas, vai tomar os comprimidos, vai. Hoje estás pior. Tome já um antiácido que se sentirá melhor.”*

13 - *“Esta beata o que anda aqui fazer?”*

³⁴ Por motivos de imparcialidade e independência política a fonte não será disponibilizada.

Sempre que um usuário dá uma opinião que desagrade a um *troll*, tem uma grande probabilidade de ser insultado. O *troll* raramente justifica a sua opinião, o mais provável é partir logo para o insulto de modo a intimidar o usuário. Na maioria das vezes o comentário do *troll* tem um tom imperativo, como se pode verificar nos exemplos recolhidos. O *troll* que é autor destes comentários, por hábito regista as contas e os emails do Disqus dos usuários que observa. Sempre que um usuário que este *troll* persegue, altera o nome ou a imagem do perfil, o *troll* faz de imediato um comentário a relatar a alteração ao mesmo tempo que acusa a vítima de ser um *troll*. A estratégia de levantar suspeitas sobre um usuário é amplamente usada por este *troll*. Mas por vezes os *trolls* são descobertos pelos usuários normais. O exemplo seguinte expressa um usuário normal a responder a um *troll* que o mandou calar, **exemplo 44:** “*Achas mesmo que um reles troll avençado como tu me diz o que fazer? LOOOL Coitado.*”³⁵

Durante o trabalho de pesquisa enquanto observava os comentários de uma notícia on-line, um usuário que frequentava recorrentemente o jornal Sol, entrou em conflito com um *troll*, esse usuário foi de imediato socorrido por outro usuário que lhe deixou o seguinte comentário, **exemplo 45:**

Não vale a pena dar trela.
Ele é um troll avençado e até admitiu:
"não nos pagam para descer mais baixo que eles" LOOL
<https://imgur.com/a/suMspTo>
Foi antes de mudar de nome, mas o avatar mantém-se.³⁶

O *link* deixado pelo usuário dá acesso a um *printscreen* alojado na plataforma do imgur. No *printscreen* recolhido por este usuário, podemos verificar uma discussão com recurso a insultos entre um possível *troll* e um usuário comum, em que os comentários do *troll* foram apagadas pelos moderadores do fórum. No final outro *troll* chama à atenção o seu colega com o seguinte comentário, “*Então companheiro, não podes ser tão rasca, perdes a credibilidade toda! Não nos pagam para descer mais baixo do que eles, temos que manter o nível mínimo para que a mensagem passe! Ainda és despedido!*”. Este comentário pertence ao mesmo *troll* que andava a provocar usuários normais naquela notícia. Após algum tempo do *printscreen* ter ocorrido o *troll* mudou o nome e continuou a sua atividade. Após ser acusado de ser um *troll* nos comentários daquela notícia, o possível *troll* dirigiu os seus comentários para outras notícias. Os *trolls* nem sempre alcançam o sucesso, por vezes também acabam humilhados, chegando mesmo a ter que criar novas contas para fazer comentários.

³⁵ Por motivos de imparcialidade e independência política a fonte não será disponibilizada.

³⁶ Por motivos de imparcialidade e independência política a fonte não será disponibilizada. Mas no *link* do comentário podemos encontrar algumas informações de identidade política dos usuários, ficará ao cargo do leitor tirar as devidas conclusões.

Mas também podemos levantar várias questões. Será o usuário Farsola Bancarroteiro mesmo um *troll*? O usuário Astrolábio que disponibilizou o *printscreen* é um *troll*? O *printscreen* é verdadeiro, ou trata-se de uma montagem? São os dois usuários *trolls*? Apenas sabemos que há um *troll* no meio disto tudo. Ou seja, há a probabilidade de termos que lidar com *trolls* quando comentamos notícias em jornais on-line. Vários indivíduos que se intitulam especialistas aparecem na televisão e em artigos de jornal, dizem que em Portugal não devemos nos preocupar com desinformação nas eleições. Estará essa opinião devidamente fundamentada com a realidade? Já foi possível verificar que não.

É extremamente difícil identificar um *troll*, é necessário um longo período de observação. Há alguns comportamentos que podem servir como indicadores de estarmos perante um *troll* político, os indicadores são os seguintes: nos comentários é expressa uma grande lealdade partidária; ataques insultuosos à oposição política; divulgação de *links* com informação tendenciosa; comentários propagandísticos de exaltação, como o do exemplo 24 (capítulo 3); perseguição a alguns usuários; comentam apenas notícias sobre política; um número elevado de comentários, exemplo 5 mil em um ano; colocar *like* nos próprios comentários, usam ainda contas falsas para dar suporte com *likes*, normalmente são sempre as mesmas contas a suportar com *likes*.

5.2 - Cyberbullying

Temas como insultos e *trolls*, levam-nos até ao *cyberbullying*. Todos estão familiarizados com o conceito de *bullying*, mas graças ao alcance da Internet hoje é mais fácil para um agressor atacar as suas vítimas, sendo neste contexto que emerge o *cyberbullying*. Geralmente é considerado *cyberbullying* sempre que se verificam ataques repetidos e deliberados com o objetivo de prejudicar alguém. Os objetivos do *cyberbullying* serão mais concretamente, assediar, intimidar, humilhar, manipular ou espalhar mentiras. As formas mais comuns de *cyberbullying* são o assédio, a ameaça e o *cyberstalking* (Netzley, 2014).

O ciberespaço facilita o anonimato através do uso de pseudónimos que contribuem para aumentar o sentimento de insegurança das vítimas, ao mesmo que podem desinibir os agressores que não são capazes de enfrentar as suas vítimas. Além disso a Internet reduz os sentimentos de empatia em relação aos alvos. Como também já foi possível verificar a empatia continua a ser um fator preponderante para a troca de ideias de modo saudável. As capacidades de disseminação de informações on-line são enormes, com um público amplo e um número ilimitado de possíveis apoiantes (Baldry et. al., 2018).

As vítimas de *cyberbullying* normalmente sentem-se frustradas, zangadas, com vontade de vingança, desamparadas e profundamente tristes. Além disso o anonimato protege os agressores de poderem vir a sofrer represálias pelas suas ações on-line (Netzaley, 2014). O mesmo acontece com os *trolls* políticos e as suas vítimas. É impossível responsabilizar um *troll* pelos seus atos nefastos, e mesmo após denúncias de abusos, em muitos casos a conta do *troll* continua ativa e os comentários ofensivos não são removidos. A vítima fica com três opções: deixar de comentar; criar uma nova conta; continua a ser perseguida.

5.3 - Tipos de Insultos

Todos estão familiarizados com insultos em determinados contextos, o futebol será provavelmente o contexto que a maioria das pessoas associa de imediato ao insulto. Insultos e futebol andam de “mão dada”, por isso não será necessário recorrer a exemplos para este contexto. Os insultos em comentários de notícias on-line são bastante frequentes, na maioria das vezes basta um usuário não concordar com uma opinião para ter início o confronto de insultos. Alguns usuários que já se conhecem de comentar em outras notícias, na maioria das vezes nem comentam a notícia, atacam de imediato o outro usuário. O exemplo seguinte expressa essa realidade, **exemplo 46**:

Usuário 1: “Sócrates é fraude internacional!”

Usuário 2: “Internacional é que é, é outra coisa: Já tínhamos o Paulo Portas na Alemanha e agora José Sócrates em França. Isto de ser primeiro-ministro, ou vice, ou ministro pode ser muito vicioso, porém a serem corruptos que sejam internacionais e tragam notoriedade para Portugal.
“pior do que falarem mal de mim é não dizerem nada”.”

Usuário 3: “Pá-tá-ti, pá-tá-tá... Mais uma figurinha de urso para terminar o dia em beleza. Não consegues resistir, pois não merdoso?”

Usuário 2: “Vaca, dás leite ou estás prenha?”

Usuário 3: “A ti, merdoso, dou-te outras coisas que te serão infinitamente mais úteis - umas vergastadas no lombo ou uns açoites no traseiro, tudo o que te faça sair desses turpor e indigência mental e moral e te ajude a ser gente.”

Usuário 2: “Esta de choca passou a vaca das cordas.”

Usuário 3: “Pá-tá-ti, pá-tá-tá outra vez, merdoso!”

Usuário 2: “Está a doer-te o úbere?”

Usuário 3: “És verdadeiramente erudito no que toca a vacas, merdoso. Suspeito que aprendeste com a mãezinha. Quanto ao resto, a mesma sequência matemática: a conversa balofa, envezada e rasteira seguida duma metralha de atoardas avulsas sobre temáticas caseiras - o relógio suiço made in Pakistan, sempre a horas...”

Usuário 2: “Isso passa com a ordenha.”³⁷

Este exemplo demonstra vários tipos de insultos. Os insultos com menção a animais são dos mais comuns no dia a dia, neste exemplo podemos verificar vários. O insulto

³⁷ Comentários insultuosos disponíveis em: <https://sol.sapo.pt/artigo/647005/marqu-s-socrates-responde-ao-ataque-a-noticia-de-que-podera-perder-o-mestrado-franc-s> . Consultado em: 19/05/2019

“figurinha de urso”, é um dos insultos mais comuns em Portugal. Estes diálogos insultuosos podem levar dias, apenas terminam quando um elemento desiste de responder. Além dos insultos com base em animais, insultos com base em sexo, orientação sexual, religião, nacionalidade ou etnia são os mais comuns. Insultos com base em preconceitos de nacionalidade são frequentes em Portugal, **exemplo 47**: “*Não poderei ir ao Brasil, porque não conheço línguas estrangeiras. E para conviver com vigaristas já chega os bandidos brasucas que infelizmente por cá param.*”³⁸ Em outras situações a linguagem abusiva, é apenas abusiva dependendo do contexto ou do tom irónico ou sarcástico (Conley, 2010). O exemplo 43, que relata um incidente com a troca de um corpo para cremação, não tem palavras insultuosas, mas naquele caso a ironia é bastante insultuosa.

O fórum está programado para bloquear comentários de modo automático quando estes contêm palavrões. De modo a evitar que os comentários sejam bloqueados, os usuários quando pretendem escrever palavrões optam por várias estratégias. Podem acrescentar um letra a uma palavra, como por exemplo, “phuta” em vez de “puta”; podem deixar um espaço entre a palavra, como por exemplo, “pu ta”; podem optar por escrever com as iniciais em vez da palavra ou expressão completa, como por exemplo, “PQTP” para “puta que te pariu”; podem optar por caracteres especiais ou símbolos, como por exemplo “cabr@o” para “cabrão”. No exemplo 46, surge a palavra “merdoso” que não é detetada automaticamente pelo fórum, mas se a palavra fosse “merda”, o comentário era movido automaticamente para *spam*. Esta realidade denota que os indivíduos no geral confundem liberdade de expressão com liberdade de insulto, além da originalidade de contornar as normas.

A liberdade de expressão é altamente valorizada nas sociedades democráticas, mas nunca foi um direito irrestrito. O discurso é regulado por um amplo conjunto de leis que abrangem um espectro que inclui difamação, pornografia, limites de contribuição para campanhas políticas, regulamentações de licença de radiodifusão, entre outros (Melkonian, 2012). O insulto também é uma clara violação da liberdade de expressão, e chega a ser irónico verificar pessoas que se orgulham de viver numa sociedade onde existe uma relativa liberdade de expressão, não saberem o que significa liberdade de expressão.

Conclusões

Foi possível constatar que os insultos apesar de serem condenáveis do ponto de vista ético e moral, são amplamente utilizados por usuários on-line. Tanto usuários comuns como

³⁸ Comentário disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/bolsonaro-retira-embaixada-de-jerusalem-apos-aviso-do-egipto_n1110214. Consultado em: 19/05/2019

trolls, recorrem ao insulto frequentemente. Mesmo com os bloqueios automáticos de comentários ou os bloqueios por parte dos moderadores, os usuários teimam em fazer comentários insultuosos. O objetivo destes comentários será inibir ou humilhar outros usuários.

Nos comentários de notícias em que os indivíduos interagem cara a cara como outros indivíduos que também comentam as notícias, o cenário é diferente. Os insultos não são tão recorrentes, principalmente quando comentam uma notícia com pessoas desconhecidas. Durante a realização do trabalho ao comentar notícias com pessoas cara a cara, conhecidas e desconhecidas, o insulto nunca surgiu. Na maioria das vezes a conversa estendia-se para lá do tema de notícias, como por exemplo, uma análise de uma notícia sobre política nacional, que se transformou numa conversa de cerca de uma hora sobre mecânica com um motorista de autocarros. Nos debates cara a cara os indivíduos chegam mais facilmente a uma conclusão em que ambos concordam. Apesar dos meios tecnológicos fazerem parte do nosso dia a dia na atualidade, a diferença entre a realidade virtual e o mundo físico é significativa.

No final deste capítulo não ficamos apenas com respostas, ficamos também com algumas questões. Será que as novas tecnologias nos estão a aproximar de outros indivíduos, ou nos estão a afastar? Estarão as novas tecnologias através do anonimato a promover comportamentos insultuosos?

Capítulo 6 - *Fake News*

Durante a campanha de Donald Trump em 2016, registou-se um elevado número de desinformação que circulava sob a forma de notícias on-line, os jornalistas norte americanos para se demarcarem dessa desinformação, começaram a utilizar o termo *fake news* para se referirem a informações falsas colocadas sob a forma de notícias. Mas o conceito começou a ser utilizado de imediato por vários candidatos políticos para se referirem a notícias de que não gostavam. Donald Trump desde 2016 tem utilizado esse termo para atacar o jornalismo, alguns políticos pelo mundo têm feito exatamente o mesmo, assim o conceito passou a ser aplicado também aos jornalistas.

Segundo Donald Barclay a definição mais ampla de *fake news* pressupõe qualquer informação que é criada sob o pretexto de ser credível, e que na realidade não é. Barclay divide as *fake news* em três categorias de um modo abrangente: 1) notícias falsas mercenárias, em que o objetivo não é promover nenhum tipo de agenda política, comercial ou organizacional, sendo frequentemente usada para aumentar o número de visualizações em uma determinada página da internet com publicidade; 2) notícias falsas com agenda, quando notícias falsas são intencionalmente criadas para promover uma agenda específica; 3) notícias falsas satíricas, fornecer informações falsas com base na sátira (Barclay, 2018).

O modelo de classificação de *fake news* da jornalista Claire Wardle, publicado no seu artigo "*Fake news. It's complicated*", é um dos modelos mais difundidos. Neste artigo as *fake news* são classificadas em sete tipologias de um modo bastante detalhado: 1) sátira ou paródia, em que a intenção não é causar danos, mas tem potencial para o fazer; 2) conteúdo enganoso, utilização enganosa da informação para enquadrar uma questão ou indivíduo; 3) informação de um impostor, quando alguém se faz passar por um especialista e não é; 4) conteúdo fabricado, quando o conteúdo é 100% falso; 5) falsa conexão, em que as manchetes, recursos visuais ou legendas não são compatíveis com o conteúdo; 6) contexto falso, quando o contexto genuíno é visualizado com informação contextual falsa; 7) conteúdo manipulado, quando o conteúdo é alterado para enganar³⁹.

³⁹ Wardle, Clair (2017, fev., 16). *Fake news. It's complicated*. First Draft. Consultado em dezembro 16, 2018 em: <https://firstdraftnews.org/fake-news-complicated/>

McComiskey para exemplificar o modo de funcionamento das *fake news* com agenda, recorre a exemplos que envolvem a indústria do tabaco e a indústria dos combustíveis fósseis. As indústrias do tabaco juntamente com os fabricantes de combustíveis fósseis começaram a ser acusadas recentemente de financiarem pesquisas falsas. Essas pesquisas eram divulgadas como credíveis nos mais variados meios de informação, o seu objetivo era lançar a dúvida sobre questões relacionadas com o aquecimento global no caso dos combustíveis fósseis, ou no caso do tabaco, deixar dúvidas sobre os seus impactos na saúde das pessoas. Assim as pessoas e os seus governantes ficam na dúvida em que estudos confiar, ao mesmo tempo que essas indústrias podem expandir os seus negócios sem qualquer oposição (McComiskey, 2017).

6.1 - A moda das fake news

Como é óbvio o objetivo deste trabalho não foi caçar *fake news*, embora durante a sua realização uma grande quantidade de notícias analisadas poderiam ter levado esse rótulo, sem qualquer margem de dúvida. Na atualidade muitos indivíduos quando consultam uma notícia com que não concordam, dizem quase sempre, “é uma *fake news*”. Quando questionados sobre os motivos que os levaram a tomar essa conclusão, o mais provável é contarem uma teoria da conspiração ou responder com insultos. Está na moda alegar que algo é falso só porque não dá jeito que seja verdade, pois está contra os preconceitos e interesses individuais, não se acredita que seja verdade só pelo facto de não se acreditar ser verdade, ou ainda, porque é verdade e a verdade incomoda. Normalmente as acusações de *fake news* são acompanhadas por insultos a jornalistas. Como é óbvio, podemos argumentar que uma notícia é falsa, mas para isso devemos apresentar bons argumentos e provas de que de facto é uma notícia falsa. Dizer apenas que é falsa sem dar qualquer tipo de justificação válida é a tendência atual.

Algo típico da atualidade é também a constante crítica de cariz negativo, se uma notícia não é criticada pela veracidade do seu conteúdo, pode ser criticada porque é simplesmente uma notícia. Como neste comentário recolhido em uma notícia da RTP, **exemplo 48**: “*E porque nos interessa tudo isso a nós? Os agressores fugiram para Portugal?*”.⁴⁰ A insatisfação está sempre presente e as pessoas encontram sempre um pretexto para criticar de modo negativo, mesmo até para criticar temas de que não possuem qualquer conhecimento. Podemos percorrer todas as notícias on-line que encontramos nos mais variados jornais durante um dia, consultando todos os seus comentários, e muito

⁴⁰ Comentário disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/alemanha-video-mostra-outra-versao-do-ataque-a-lider-da-extrema-direita_n1122222 . Consultado: 19/05/2019

provavelmente não encontramos um único comentário que assente em uma crítica positiva. Também podemos chegar a um café pedir uma bebida e ficar a observar as pessoas a comentar as notícias do telejornal, e chegamos mais uma vez à conclusão de que os comentários na sua maioria se prendem com críticas negativas.

Também podemos fazer a experiência de perguntar às pessoas o que elas pensam sobre os jornalistas. Ao fazer esta experiência, a maioria das respostas que obtive apontam os jornalistas como sendo uns “chatos intrometidos”. Para complicar ainda mais a situação, até os próprios jornalistas dizem mal do jornalismo nos mais variados meios. Quase todas as pessoas têm uma má imagem dos jornalistas.

Os insultos dirigidos a jornalistas são bastante frequentes em Portugal, tanto na Internet ou no mundo físico. Os insultos a jornalistas ocorrem pelos seguintes motivos: sempre que alguém discorda do conteúdo da notícia; sempre que nos jornais impressos ou artigos on-line se encontra algum erro ortográfico, devido por exemplo, a troca de letras ou um espaço colocado no meio de uma palavra, ou simplesmente porque sim, não se consegue entender qual o motivo.

Na atualidade são inúmeros os casos em que as notícias são contraditórias. O caso da crise venezuelana é um bom exemplo de notícias contraditórias e sobre acusações de *fake news*. Neste caso, é praticamente impossível saber o que é verdade e o que é falso, os jornalistas e usuários de redes sociais de ambos os lados relatam os mesmos acontecimentos de modo diferente. Nestes casos há indivíduos que escolhem um lado, enquanto que outros ficam perdidos no meio de tanta informação e desinformação. Ao que tudo indica as pessoas estão a ser forçadas a tomar uma decisão de modo emocional. Forças as pessoas a tomar decisões de modo emocional sem que se informem devidamente, é a nova estratégia daqueles que querem controlar a opinião pública.

No dia 1 de maio, a RTP acompanhou os protestos na Venezuela convocados por Juan Guaidó. Criou uma página no seu *site* que seguia os acontecimentos dos protestos na Venezuela, atualizando a informação enviada pelos seus correspondentes na Venezuela⁴¹. Durante o acompanhamento dos acontecimentos um usuário deixou os seguintes comentários, **exemplo 49**:

Comentário 1: *“Esqueceram-de dizer que Leopoldo López fugiu da prisão domiciliária de forma ilegal.”*

⁴¹ Comentários e lista de notícias disponíveis em: https://www.rtp.pt/noticias/mundo/incerteza-na-venezuela-apos-ato-de-forca-anunciado-por-guaido_e1144714 . Consultado em: 19/05/2019

Comentário 2: *“Como desmontar propaganda da RTP com uma só imagem: <https://scontent.fbkk1-6.fn...> Pois é, como a grandessíssima massa de apoio ao golpe de que a RTP freneticamente falava ontem... era uma grandessíssima mentira, a RTP hoje usa uma fotografia de uma gigante manifestação PRÓ-MADURO para capa do seu site. Que triste incoerência.”*

Comentário 3: *“ja podem apagar (como sempre) os meus 2 comentários anteriores, já fiz printscreen. :)”*

“Mas não deveriam, pois a Venezuela é que é supostamente uma ditadura que censura, ahahaha.E Portugal é que supostamente seria uma democracia de liberdade de expressão. Só que não, pois esta RTP paga também com os meus impostos CENSURA sistematicamente o que eu escrevo.”

Comentário 4: *“cara RTP, mostre estas imagens dos golpistas disparando balas reais contra os carros da polícia:<https://www.instagram.com/p...>”*

Comentário 5: *“cara RTP, mostre imagens panorâmicas e à distância, para que os portugueses fiquem a saber que os participantes do golpe gringo não passavam das centenas na auto-estrada de Altamira, enquanto que uma multidão se reuniu em apoio ao governo de Maduro protegendo o Palácio Presidencial de Miraflores:<https://twitter.com/lqnomad...>”*

Resposta de outro usuário: *“Comunista descerebrado lastima que a RTP(izquierdista) no halla pasado las imaginas reales de millones de venezolanos apoyando a nuestro presidente interino Juan Guaido....no fales sobre mi pais sin tener idea comunista escoria”.*

Resposta ao usuário que o interrompeu: *“VENEZUELA: Westerners have lost the ability to reason!<https://nomadicthoughts.blo...>”*

“Venezuela: portugueses e restantes ocidentais perderam a capacidade de raciocinar!<https://pensamentosnomadas...>”

“Deficiente mental:

1 - a RTP é uma televisão estatal, de um país vassalo dos EUA, logo não é esquerdista.

2 - fazes figura de atrasado mental desmentido factos! Sim, milhões apoiam e elegeram Maduro! Queres desmentir estas imagens de ontem: <https://twitter.com/vijaypr...>

3 - Juan Guaidó não foi eleito pelos venezuelanos, estudou nos EUA, trabalha para o imperialismo gringo

4 - não sou comunista

5 - "escória" é uma ofensa desnecessária, apenas útil a deficientes mentais como tu que não tem argumentos nem razão.

6 - falo da Venezuela SEMPRE e QUANDO me apetecer, e não és tu que me impedirá de o fazer, como se pode provar nos meus sites em português e em inglês:

Venezuela: portugueses e restantes ocidentais perderam a capacidade de raciocinar!

<https://pensamentosnomadas...>

VENEZUELA: Westerners have lost the ability to reason!

<https://nomadicthoughts.blo...>”

Comentário 6) *“Cara RTP, faça o que a destemida jornalista búlgara Dilyana Gaytandzhieva fez: denunciar o uso de metralhadoras norte-americanas por parte dos golpistas: <https://twitter.com/dgaytan...>”*

Comentário 7) *“Cara RTP, mostre as caras e idades dos pobres miúdos, soldados rasos, que participaram na patética tentativa de golpe de estado, e que agora estão todos presos: <https://www.instagram.com/t...>”*

“mais aqui: <https://web.facebook.com/pe...>”

Comentário 8) “Cara RTP, veja o que os militares têm a dizer aos norte-americanos que se atreveram a por os pés em solo venezuelano: <https://twitter.com/redfish...>”

Comentário 9) “Cara RTP, deixe de ser o que acusa a Coreia do Norte de ser e abra espaço a perspectivas diferentes e até opostas ao vosso mantra anti-Maduro. Fica-vos mesmo mal esse vosso inquebrável consenso de verdades oficiais ao estilo de Estaline!

Mostrai, por uma vez que seja, a maioria apoiante do governo legítimo, a mesma maioria que votou em Maduro há 1 ano atrás e que agora o defende com milhões de cidadãos junto ao Palácio Miraflores.

Provas não faltam, apenas vontade de as partilhar e de fazer o que jornalista deve fazer: mostrar TODOS os factos e não defender nenhum lado”

Comentário 10) “Quando é que a RTP vai deixar de manipular e esconder informação, e mostrar que milhões de venezuelanos se encontram na rua apoiando o seu governo democraticamente eleito:

<https://twitter.com/vijaypr...>

Quão fundo poderá ainda descer a propaganda da RTP, fiel servente do imperialismo terrorista dos EUA?”

Comentário 11) “O que a RTP não ousam mostrar, milhares de militares fiéis ao governo democraticamente eleito de Maduro:

<https://twitter.com/florene...>

A RTP não informa pois não quer informar...”

Comentário 12) “Literalmente milhões de pessoas apoiando Maduro nas ruas Caracas.

Este vídeo de 30 segundos mata toda a propaganda e mentira da RTP!

Basta de mentira e propaganda, basta!

<https://twitter.com/lgnomad...>”

Este usuário colocou em causa toda a informação que a RTP emitiu, além disso as suas fontes não são cem por cento confiáveis. Utilizar as redes sociais e blogues duvidosos como fonte, não parece ser o mais credível. Principalmente num período em que o Facebook emite constantemente comunicados, em que revela que bloqueou contas com perfis promotores de desinformação. Mas por vezes estas ações podem conseguir manipular os leitores, são inúmeros os casos de notícias falsas difundidas nas redes sociais em que as pessoas acreditam. O objetivo deste usuário foi desacreditar a RTP por completo, acusando a RTP de propaganda enganosa.

Mais uma vez também neste exemplo, surge uma espécie de *argumentum ad populum* em que o usuário coloca uma série de *links* de modo a comprovar que tinha apoio de outros indivíduos, neste caso *bloggers* e supostos jornalistas. São bastante comuns os casos em que alguns indivíduos buscam o apoio de outros que possuem uma opinião concordante com a sua, de modo a impor a sua crença ou vontade.

A acusação de parcialidade contra a RTP deste usuário pode ser vista como uma maneira de impugnar e desacreditar a RTP. As acusações e suposições de parcialidade são bastante comuns on-line, e em alguns casos constituem verdadeiras falácias *ad hominem*

bias. Esse tipo de argumentação tem como objetivo colocar em questão o carácter do outro, podendo ser a favor ou contra, mais precisamente legitimando ou deslegitimando (Wrisley, 2019). Além do descrito anteriormente, podemos verificar uma bela troca de insultos entre usuários. Neste caso concreto será preferível não tomar partido devido à falta de conhecimentos de base.

As falácias *ad hominem bias* são amplamente usados por *trolls* com agenda política para descredibilizar as suas vítimas, é comum um *troll* insinuar que um usuário normal é um *troll*, assim faz com que outros usuários comecem a suspeitar da credibilidade desse usuário e ignorem os seus comentários. Mas também pessoas comuns cometem falácias deste género, como por exemplo, supondo ou acusando alguém de ser da esquerda política e de fumar ganza, quando esse indivíduo está envolto numa atividade como ativista de direitos humanos.

Antes da difusão da Internet as notícias eram filtradas principalmente por governantes e editores que atuavam como guardiões das massas, controlando o conteúdo comunicado ao povo. Com a Internet mudou tudo, a Internet criou uma massa de criadores de conteúdo que começaram a difundir conteúdos nos seus círculos. Mas são poucos os usuários que produzem conteúdo, a maioria dos usuários apenas consulta os conteúdos produzido pelos membros mais ativos (Vergani, 2018). Nos comentários de notícias on-line essa realidade está bem patente, apenas um grupo pequeno de usuários faz comentário recorrentemente. A maioria dos usuários apenas consulta a notícias e os comentários sem criar conteúdo, enquanto que outros usuários apenas consultam a notícia e ignoram os comentários.

A RTP é acusada de ter removido dois comentários e que o autor alega possuir um *printscreen* que comprova a remoção. Esta acusação contra a RTP pode ser falsa, porque um comentário após ser removido continua na conta do usuário com a indicação do motivo pelo qual foi removido. Durante o processo de investigação fiz vários comentários com o intuito que fossem bloqueados só para saber o que acontecia, pude verificar que o comentário após ser removido do fórum permanece na lista de comentários feitos pelo usuário, à qual apenas ele pode consultar na sua conta. Portanto não é necessário nenhum *printscreen* para comprovar a remoção de um comentário. Além disso, em muitas ocasiões fica a informação no fórum de que um comentário foi removido daquela página.

São comuns as queixas de usuários que alegam que os seus comentários foram removidos e não sabem o motivo. A remoção de comentários leva-nos a pensar na liberdade de expressão e nas muitas formas de a suprimir. Há muitos comentários em alguns jornais

portugueses que são removidos de um modo bastante questionável. Quais serão os sentimentos de um usuário ao ver um comentário com a sua opinião ser removido? A primeira vez que me removeram um comentário de modo injusto, coloquei o comentário várias vezes, só para dar trabalho ao moderador do fórum de o remover e para que mais algumas pessoas o pudessem ler.

Mas nem todas as pessoas reagem do mesmo modo em situações iguais, por isso questionei algumas pessoas sobre o que faziam nessas situações. Algumas disseram que desistiram de comentar porque “ainda levavam com algum processo em tribunal”, ou porque não estavam para se chatear com o assunto, ou seja era promovida uma espécie de autocensura. Outras disseram que apresentavam queixa às autoridades alegando que não tinham respeitado a sua liberdade de expressão, mas podemos ficar tentados a pensar que não iriam fazer qualquer queixa devido ao custo dos processos judiciais. De facto, em muitas situações a remoção de alguns comentários são uma espécie de censura, que pode atuar de dois modos, por um lado elimina um comentário considerado perigoso para os interesses do autor da notícia, e por outro lado, pode promover a autocensura inibindo um usuário de comentar.

Países como a China, Irão, Turquia, Índia, Arábia Saudita, Uzbequistão, entre outros, censuram e proíbem o acesso à Internet. Os governantes desses países estão em guerra aberta contra a Internet, referem-se à Internet como sendo um instrumento de propaganda ocidental. De modo a combaterem a “propaganda ocidental”, estes países recorrem a vários meios para bloquear o acesso a várias informações on-line. Deibert dá o exemplo do Uzbequistão que bloqueia várias informações online, enviando aos usuários a informação que o site que tentaram consultar está bloqueado porque contém pornografia, embora os sites bloqueados não sejam pornográficos, mas de natureza política (Deibert, 2009). Em algumas ocasiões a Internet está longe de promover a liberdade de expressão, em vários contextos a Internet está a ser usada como um meio de manipular a opinião do público e para remover as opiniões diferentes.

A Internet é vista claramente como um fórum para a liberdade de expressão, mas na realidade, o discurso na Internet está sujeito a censura e discriminação. Ao contrário das empresas de telefones e serviço postal, que são obrigados por lei a discriminar o conteúdo que estão encarregadas de carregar, na Internet acontece precisamente o oposto. Cada vez mais alguns canais de fala na Internet investem em métodos de censura de expressões, o objetivo desta censura prende-se com a necessidade de promover os interesses de alguns agentes. Na atualidade as mentes já não são manipuladas nas ruas e nas praças como antes.

Agora os intercâmbios de ideias mais significativas e a conformação da opinião pública ocorre nos meios de comunicação de massa, em especial na Internet (Nunziato, 2009).

Conclusões

Desde 2016 que as *fake news* atormentam o nosso dia a dia. O seu diminutivo “*fake*”, é na atualidade uma das palavras mais proferidas nos mais diversos contextos, passando pela política, até aos comentários nas redes sociais e nos jornais on-line. Na campanha para as eleições europeias até um “*fake candidato*” foi apontado por Paulo Rangel, para se referir a Pedro Marques como sendo um candidato falso. Estrangeirismos e política à parte, dizer apenas que uma notícia é falsa sem dar qualquer tipo de justificação válida é a tendência atual.

Também é possível verificar que as redes sociais têm um lugar de destaque para a aquisição de informações por parte de alguns usuários, assim, o jornalismo é cada vez mais relegado para segundo plano. Os jornalistas deixaram de ser os únicos produtores de conteúdo, e cada vez mais o cidadão comum ganha destaque na difusão de informação e desinformação. Ao mesmo tempo a liberdade de expressão encontra-se ameaçada de igual modo para jornalistas como para o cidadão comum. Não podemos esquecer os jornalistas que foram e continuam a ser assassinados, perseguidos e presos com o objetivo de os censurar. O presente está marcado por novos géneros de censura.

Capítulo 7 - Reflexão Metodológica

A internet e outras formas de mídia integram-se cada vez mais com aspetos da vida cotidiana, mesmo nas regiões mais remotas do planeta, e o “virtual” confunde-se e torna-se real, e questões levantadas por uma antropologia do virtual tornam-se necessariamente as questões para a antropologia em geral (Whitehead & Wesch, 2012). Agora não temos tanta certeza sobre o que o campo é, ou onde deveria estar, se é real ou talvez virtual, ou até mesmo se tem de haver um (Hannerz, 2010). O digital deve e pode ser um meio altamente eficaz para refletir sobre o que significa ser humano. O digital como toda a cultura material, é mais do que um substrato, está a tornar-se uma parte constitutiva do que nos torna humanos (Miller & Horst, 2012). Assim em muitos casos é cada vez mais difícil levar a cabo um estudo dissociado de uma abordagem em que o digital não está presente.

Devido ao tema do trabalho a etnografia digital tem claramente uma presença mais acentuada em alguns temas debatidos, nomeadamente toda a temática em torno dos *trolls*. Mas por outro lado, a etnografia multissituada demonstrou ser igualmente importante para o trabalho de investigação, fornecendo informações que seriam impossíveis de adquirir recorrendo apenas à etnografia digital. A interação com as pessoas em espaços públicos, muitas vezes sem a presença de qualquer meio digital, permitiu obter alguns dados através de pequenas entrevistas, questionários e debates, igualmente relevantes que permitiram compreender melhor os dados obtidos através da etnografia digital. Através do trabalho de campo multissituado, foi possível analisar alguns comportamentos que podem ser classificados como consequências das notícias transmitidas, em particular os comportamentos de *incivisme* e racismo.

O imaginário multissituado tem desempenhado um papel crucial na expansão das possibilidades da antropologia e da gama de tópicos que poderiam ser considerados adequados para o “trabalho de campo” (Candea, 2009). Permitindo repensar a relação entre lugares, projetos e fontes de conhecimento, abrindo espaços que de outra forma poderiam ser invisíveis num único sítio. Embora a etnografia multissituada ceda ao pesquisador menos tempo e menos profundidade interpretativa em cada local específico, o método pode dar ao pesquisador em estratégia organizacional uma profundidade de interpretação maior do que teria de outra forma (Hovland, 2011). Mas apesar das múltiplas vantagens também surgem algumas desvantagens que devem ser ponderadas mediante o tema que se pretende estudar. Como Hannerz salienta, muitos estudos multissituados dependem muito mais de entrevistas, o que não significa que a etnografia multissituada deva depender de entrevistas (Hannerz, 2010).

Nesta investigação, as entrevistas foram realizadas de modo informal ocorrendo durante a observação participante de modo a não isolar os indivíduos selecionados da sua zona de conforto. Os indivíduos que estavam a ser estudados não foram informados que estavam a ser estudados de modo a evitar o *Hawthorne Effect*, que consiste na mudança de comportamento dos indivíduos estudados baseada no conhecimento de que estão a ser estudados (Jordan, 2013). Devemos ter em conta o que vários antropólogos têm chamado de “conspiração do silêncio sobre o trabalho de campo”, em que se critica o modo como se oculta o papel do investigador como um “intruso indesejável” aos olhos das pessoas que tenta estudar. Transmitindo-se a imagem de que as relações de poder funcionam em favor do antropólogo, o que na prática não acontece, pois ele está sujeito em grande parte das vezes à vigilância das pessoas que estuda (Gallo, 2011). Também é importante ter em conta que há aspetos que as pessoas não podem ou não expressam se lhes perguntarmos diretamente (Tauber & Zinn, 2015).

Seria impossível abordar o tema de outro modo, em contrapartida esta investigação esteve intimamente comprometida em respeitar o bem-estar das pessoas que estavam a ser estudadas, bem como o seu anonimato. O anonimato de algumas fontes, por outro lado, deve-se à sensibilidade do conteúdo das informações transmitidas, pois caso a identidade dessas fontes seja revelada, elas poderão ser prejudicadas. Por outro lado, algumas fontes de informações obtidas on-line também não poderão ser reveladas na íntegra devido a possíveis impactos políticos.

O antropólogo Ulf Hannerz no ano de 1969, num dos seus primeiros trabalhos em Washington, preferiu deixar as pessoas andarem e falarem para que todos os eventos do dia a dia pudessem fazer o seu curso, que ele acreditava que deveriam ocorrer normalmente sem a sua presença. Na atualidade Hannerz considera que poderá ter tido uma atitude exagerada (Hannerz, 2010), e até a própria observação participante acaba deste modo por ser negligenciada, pois o investigador perde informação no que toca a experiência pessoal, e que apenas poderia ser adquirida através da interação com as pessoas que estuda. Este tipo de metodologia de estudo nos casos em que as pessoas não sabem que estão a ser estudadas, pode-se assemelhar aos olhos de alguns, ao que se entende como espionagem. Aplicando o que foi dito anteriormente a este trabalho de pesquisa, podemos descartar o rótulo de espionagem, porque este trabalho não visou ganhar qualquer vantagem sobre as pessoas que foram estudadas, mas sim tentar responder às questões de estudo levantadas pelo projeto, nem se recorreu a qualquer ato ilícito ou coercivo para se obter informações.

Existe uma crença amplamente difundida de que os estudantes precisam se dedicar ao trabalho de campo etnográfico clássico antes que possam se tornar antropólogos de verdade. Embora muitos antropólogos apoiem pesquisas multissituadas, eles por vezes consideram isso mais aceitável como um “segundo” projeto realizado por um antropólogo que já realizou etnografia de maneira tradicional (Tomlinson, 2011), o mesmo poderá acontecer com a etnografia digital. Ao mesmo tempo é argumentado que a pesquisa etnográfica sempre foi multissituada, em que a novidade é apenas um novo olhar para o trabalho dos fundadores da antropologia social (Cornwall, 2011). Marcus observa que o trabalho de campo como postulado por Malinowski, na sua forma convencional pode ser percebido inerentemente como multissituado, pois Malinowski seguiu objetos que iam acumulando significado através de um complexo sistema de trocas entre várias ilhas (Marcus, 1995).

Mas como Tim Ingold salienta, Antropologia não é etnografia. A Antropologia e a etnografia são empreitadas de ordens diferentes. Na perspectiva de Ingold, uma não é mais importante ou mais honrosa que a outra, apenas não são a mesma coisa. Nesta visão não é negado que a Antropologia e a etnografia dependem uma da outra de modo significativo. Os relatos das vidas de outras pessoas que advêm da etnografia, são peças de trabalho de uma futura análise antropológica. O que distingue a Antropologia das outras abordagens é que ela é um estudo “*com*”, e não “*de*”, é um estudo com as pessoas. É uma espécie de filosofia “fora de portas”, em que o mundo e os seus habitantes, humanos e não humanos, são os professores, mentores e interlocutores (Ingold, 2008).

Conclusão

O contexto em que este trabalho foi realizado foi adequado ao tema devido ao clima de eleições e insatisfação política em Portugal. Durante este período circularam muitas informações e notícias contraditórias sobre os mais diversos temas, que colocaram os cidadãos em sobressalto, ao mesmo tempo as pessoas tinham que tomar decisões em que era possível analisar as suas crenças, preconceitos, conhecimentos, comportamento e opiniões. Assim foi possível captar algumas das principais essências dos comentários que as pessoas fazem no seu dia a dia às notícias, que consultavam nos mais variados meios e espaços. Tendo sido também possível analisar alguns dos novos problemas resultantes da atual revolução tecnológica.

Existem vários fatores que podem influencia a análise de uma notícia por um indivíduo, neste trabalho foi possível identificar alguns desses fatores. Um dos aspetos mais marcantes dos comentários de notícias sobre política, mais concretamente sobre corrupção, é o fator lealdade partidária. Possuir ou não lealdade partidária, influencia de modo claro a interpretação de uma notícia por parte de um indivíduo. Indivíduos com lealdade partidária tendem considerar uma notícia com falsa, sempre que essa notícia menciona que o seu partido político ou algum membro como estando envolvido num caso de corrupção. Normalmente os seus argumentos de defesa baseiam-se em teorias da conspiração aliadas de um discurso falacioso em que o *whataboutism* é preponderante. Ao mesmo tempo ridicularizam as teorias da conspiração da oposição e os seus argumentos, a oposição faz exatamente o mesmo perante a mesma situação. Escusado será dizer que essas discussões nunca dão em nada, apenas geram mais ódio em ambos os lados.

Por outro lado, verifica-se que os indivíduos sem lealdade partidária tendem a condenar todos os atos em que supostamente um partido ou alguém seja acusado de um crime de corrupção. Nem equacionam na maioria das vezes que os acusados possam estar inocentes, partem do pressuposto de que se são suspeitos, são culpados. Ao mesmo tempo começam a criar uma série de teorias da conspiração, que algumas vezes se têm mostrado verdadeiras, dando um contributo crucial para alimentar atitudes subversivas e individuais.

As teorias da conspiração promovidas por indivíduos sem lealdade partidária sobre temas como corrupção, são uma manifestação clara de mal-estar social. Esse mal-estar social irá ter repercussões nas análises e escolhas dos cidadãos, ao mesmo tempo que nos revelam alguns dos seus medos. Já as teorias lançadas por indivíduos com lealdade partidária em muitas situações, se não na maioria, podem ser classificadas como desinformação que visa

obter ganhos políticos. Neste caso trata-se de tentar impor medos e preconceitos nos cidadãos, e não uma manifestação de medo ou desconforto por parte desses indivíduos. Assim sendo, foi possível verificar que as teorias da conspiração sobre corrupção são abundantes em Portugal, e ocupam um lugar de relevo nas conversas sobre as notícias que relatam casos de corrupção. Além disso interferem claramente na análise do conteúdo das notícias.

Como foi possível verificar, fazer um comentário on-line em que se expresse uma opinião sobre uma notícia pode ser um dos maiores desafios de um usuário. Esses desafios podem ser, por exemplo: confrontos com *trolls* de vários géneros; usuários ofensivos; desinformação colocada por outros usuários; censura. Por outro lado, em algumas situações os usuários querem comentar algumas notícias e essa possibilidade está-lhes vedada, simplesmente porque não foi colocado um espaço para que os usuários possam realizar os seus comentários. Também é possível interagir com outros usuários de modo harmonioso e educado, mas é mais provável ocorrer o contrário.

Os *trolls* com agenda política são sem margem de dúvida um dos maiores desafios para os usuários normais. Sempre que um usuário comenta uma notícia sobre algum tema político direto ou indireto, tem uma grande probabilidade de se confrontar com um *troll* com uma opinião diferente. Se o usuário tiver ainda mais azar, tem que lidar com um exército de *trolls* que irão tentar utilizar todo o tipo de estratégias para o humilhar e fazer com que deixe de fazer comentários, promovendo uma espécie de autocensura. Também é possível encontrar verdadeiras batalhas entre *trolls* em alguns jornais on-line, nestas situações o objetivo será expulsar os *trolls* adversários e tomar o controlo do fórum de uma determinada notícia. No meio destes confrontos os comentários dos usuários normais acabam por ficar ocultados pela massa de comentários dos *trolls*. Ou seja, podemos verificar lutas pela manipulação da informação de uma notícia, em que os *trolls* lutam entre si com o objetivo impor uma visão, ou seja, *opinion maker*. Mais uma vez a censura aparece de modo bastante subtil.

Através da análise de comentários de notícias feitos em diferentes meios, foi possível identificar alguns aspetos do discurso populista em Portugal. O discurso populista em Portugal é assente nos seguintes aspetos: racismo; xenofobia; medo do terrorismo; falta de conhecimentos sobre vários temas humanitários e de política global; ódio contra jornalistas; homofobia; descrença nos políticos. Estes aspetos denotam um discurso populista essencialmente nacionalista e de extrema direita. O web-populismo parece estar em ascensão com a disseminação da internet nas sociedades contemporâneas. Na década de

oitenta registou-se o início do tele-populismo que perdura até à atualidade (Anselmi, 2018). Também foi possível verificar que os comentários assentes num discurso de ódio obtinham mais apoio em detrimento dos restantes.

Em virtude dos exemplos mencionados anteriormente, foi possível verificar em muitas situações o uso de linguagem abusiva. O insulto é uma prática recorrente on-line, mas no mundo físico a tendência não revelou ser a mesma. Este aspeto levanta várias questões sobre a disparidade de comportamentos. Com toda a certeza, o anonimato aliado a um sentimento de impunidade serão os fatores que podem justificar esta disparidade. Acompanhado de uma linguagem insultuosa, é frequente encontrar um discurso igualmente assente em falácias dos mais variados tipos, com especial destaque para as falácias *ad hominem*. Os *trolls* são sem margem de dúvida os usuários que recorrem mais ao insulto e outras formas de intimidação como o *cyberstalking*.

A tendência atual de uma elevada massa de informações contraditórias que circula sobre a forma de notícia, deixa os leitores claramente desorientados. Em muitas situações durante a investigação ao analisar os comentários feitos pelas pessoas, a sensação era de que as pessoas estavam a tomar uma opinião tendo por base a arbitrariedade. Sempre que uma notícia não compartilhasse a opinião do leitor, em muitas situações era apelidada de imediato como *fake news*, sem qualquer justificação coerente. Além das acusações infundadas de fake news, acusações de parcialidade e insultos a jornalistas também são frequentes. Podemos agradecer este hábito nocivo difundido globalmente, ao que tudo indica, ao presidente americano Donald Trump.

É claramente visível que os comentários realizados sobre os vários temas das notícias são na maioria das vezes de cariz negativo. Os indivíduos ficam indignados pelo conteúdo da notícia ou pelo tema da notícia ser tema de notícia. Na maioria das vezes as pessoas estão simplesmente indignadas. O jornalismo tem uma preferência por temas que geram indignação. De acordo com alguns autores, os jornalistas utilizam cinco critérios principais para selecionar e priorizar uma história: 1) as histórias devem ser percebidas como podendo acontecer a qualquer um; 2) o público é mais cativado por notícias sobre violência, conflito, desastre ou escândalo; 3) as histórias ganham mais atenção se incluírem situações familiares ao público; 4) as pessoas têm preferências por notícias que são mais próximas a elas; 5) a notícia precisa ser oportuna e inovadora (Vergani, 2018 apud Graber, 2009). Tendo em conta estes parâmetros, fica bastante claro que o jornalismo comercial explora temas que geram indignação com o objetivo de obter audiências e lucros. Mas estas preferências dos

jornalistas podem promover alguns efeitos negativos para sociedade como foi possível verificar.

Levando em consideração alguns aspetos e exemplos mencionados nos capítulos anteriores, podemos considerar que em algum grau somos todos propagandistas e também podemos gerar desinformação. A propaganda não é uma exclusividade dos *trolls*, que nos perseguem ou dos políticos que nos tomam de assalto os ecrãs da televisão. Como já foi referido o conceito de propaganda é neutro. Qualquer indivíduo que expresse a sua opinião de modo oral ou escrito é em algum grau também propagandista, porque nessas situações há um público que irá ponderar a sua opinião. Embora possamos argumentar que é cada vez mais difícil expressar uma opinião, e que as pessoas que optam por expressar a sua opinião são uma minoria. Para constatar esse facto basta consultar uma notícia, por exemplo, no site da RTP e compara o número de comentários com o número de partilhas nas redes sociais. Dentro dessa minoria que opta por expressar a sua opinião, podem ocorrer casos de censura como foi possível analisar, o que restringem ainda mais o número de opiniões.

Tendo em conta os comportamentos analisados nos capítulos anteriores podemos levantar as seguintes questões. Será a liberdade de expressão um mito? O que leva alguns indivíduos a optar pela autocensura? Será que temos que aceitar a opinião da maioria que é frequentemente imposta como um argumento *ad populum*? Por que motivo é que há tanta dificuldade em lidar com opiniões diferentes? Porque é que a opinião de uns, vale mais do que a de outros, sem que eles tenham qualquer conhecimento sobre os temas que debatem? A que se deve a banalização do insulto e da argumentação falaciosa? Estas questões fazem desmoronar um conjunto de generalizações frequentes. Na realidade não somos tão livres e democráticos como supomos, ou de outro modo, como nos fazem crer. Além disso a nossa opinião encontra-se amplamente condicionada pelas notícias que nos chegam instantaneamente nos mais variados meios, e pela opinião de outros indivíduos. Mas também nos tornamos numa condicionante para a opinião dos outros. Somos condicionados e de igual modo também condicionamos outros indivíduos.

Outros fatores além da emoção, das crenças e da lógica, são de igual modo condicionantes das interpretações que fazemos, como por exemplo: as normas sociais; a legislação; a coerção física; o relacionamento com outros indivíduos e entidades; a censura; o medo de ser coagido de algum modo.

O trabalho etnográfico não estabelece hipóteses ao propõe a grande teoria, mas atua como um teste que coloca um travão em amplas generalizações oferecidas pelas teorias

macro. Ouvir as pessoas a falar sobre notícias em situações naturais, fornece respostas extremamente precisas (Arno, 2009). O ideal será cruzar as teorias micro e macro de modo a obter uma visão mais detalhada.

Para os antropólogos que trabalham no mundo contemporâneo, há um enorme desejo de ser relevante (Rabinow, 2008). Na atualidade as ciências sociais são frequentemente solicitadas para justificar e aprimorar a “relevância” do conhecimento que produzem. São levantadas frequentemente questões sobre até que ponto as ciências sociais podem ser relevantes. O futuro das ciências sociais parece estar longe de ser garantido, o que disseminou a urgência da busca por relevância. A relevância aparece como um valor agregado aos conhecimentos produzidos pelas ciências sociais, cujas condições de sucesso parecem depender do reconhecimento realizado por um público (Savransky, 2016). Este modo de pensar as ciências sociais faz com que procuremos sempre a mais complexa das respostas. Mas o conhecimento apenas pode ser alcançado em partes, o alcance dessas partes é marcado pela posicionalidade e pela subjetividade (Peterson, 2009).

Referências Bibliográficas

Alleyne, Mark D. (2003). *Global Lies? Propaganda, the UN and World Order*. New York: Palgrave Macmillan

Anselmi, Manuel (2018). *Populism an Introduction*. London and New York: Routledge

Arno, Andrew (2009). *Alarming Reports: communicating conflict in the Daily News*. New York and Oxford: Berghahn Books

Arnold, Gordon (2008). *Conspiracy theory in film, television, and politics*. London: Praeger

Auerbach, Jonathan & Castronovo, Russ (eds.). (2013). *The Oxford Handbook of Propaganda Studies*. Oxford: Oxford University Press

Baldry, Anna et. al. (2018). *Cyber-bullying and Cybervictimization*. In Baldry, Anna et. al. (eds.). *International Perspectives on Cyberbullying: Prevalence; Risk Factors and Interventions* (pp. 3-24). New York: Palgrave Macmillan

Barclay, Donald (2018). *Fake News, Propaganda and Plan Old Lies*. New York and London: Rowman & Littlefield

Barkun, Michael (2013). *A Culture of Conspiracy* (2nd ed.). Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press

Bellamy, Richard (2008). *Citizenship: A Very Short Introduction*. New York and Oxford: Oxford University Press

Blackburn, Simon (2018). *On Truth*. Oxford: Oxford University Press

Block, David (2019). *Post-Truth and Political Discourse*. New York: Palgrave Macmillan

Bock, Gregory (2019). *Appeal to Ridicule*. In Arp, Robert et. al. (eds.). *Bad Arguments: 100 of the most Important Fallacies in Western Philosophy* (pp. 118-120). Oxford: Wiley Blackwell

Brooker, Paul (2010). *Modern Stateless Warfare*. New York: Palgrave Macmillan

Campani, Giovanna (2019). The Migration Crisis Between Populism and Post-Democracy. In Fitz, Gregor et. al. Populism and the Crisis of Democracy. Vol. 3: Migration, Gender and Religion (pp. 29-47). London and New York: Routledge

Candea, Matei (2009). Arbitrary locations: in defence of the Bounded Field-site. In Falzon, Mark (eds.). Multi-sited ethnography theory, praxis and locality in Contemporary research (pp. 25-46). London: Ashgate

Canefe, Nergis (2018). Death of the Refugee: The Silence of Numbers. In Boulby, Marion & Christie, Kenneth (eds.). Migration, Refugees and Human Security, in the Mediterranean and MENA (pp. 21-50). New York: Palgrave Macmillan

Conley, Thomas (2010). Toward a Rhetoric of Insult. Chicago and London: The University of Chicago Press

Cornwall, Andrea (2011). Part B Introduction. In Coleman, Simon & von Hellermann, Pauline (eds.). Multi-sited Ethnography Problems and Possibilities in the Translocation of Research Methods (pp. 89-91). New York: Routledge

Deibert, Ronald (2009). The geopolitics of internet control: censorship, sovereignty, and cyberspace. In Chadwick, Andrew & Howard, Philip N. (eds.). Routledge Handbook of Internet Politics (pp. 323-336). London and New York: Routledge

Dentith, Matthew (2014). The Philosophy of Conspiracy Theories. New York: Palgrave Macmillan

Dracklé, Dorle (2005). Where the Jeeps Come From: Narratives of Corruption in the Alentejo (Southern Portugal). In Haller, Dieter & Shore, Cris (eds.). Corruption Anthropological Perspectives (pp. 194-211). London: Pluto Press

Derrida, Jacques (1996). Historia da Mentira: Prolegômenos, in Estudos Avançados. (10) 27 Agosto de 1996. Instituto de Estudos Avançados Universidade de São Paulo

Ellul, Jacques (1973 [1962]). Propaganda the Formation of Men's Attitudes. New York: Vintage Books

Eriksen, Thomas (2015). *Small Places Large Issues an Introduction to Social and Cultural Anthropology* (4th edition). London: Pluto Press

Fallis, Don (2015). What is Disinformation? *Library Trends*, vol. 63, NO. 3, 401-426

Fuchs, Dieter & Klingemann, Hans-Dieter (2019). Globalization, Populism and Legitimacy in Contemporary Democracy. In van Beek, Ursula (eds.). *Challenges to Democracy in the 21st Century. Democracy Under Threat a Crisis of Legitimacy* (pp. 3-22). New York: Palgrave Macmillan

Gallo, Ester (2011). The Unwelcome Ethnographer, or What 'Our' People (May) Think of Multi-sited Research. in Coleman, Simon & von Hellermann, Pauline (eds.). *Multi-sited Ethnography Problems and Possibilities in the Translocation of Research Methods* (pp. 54-72). New York: Routledge

Gusterson, Hugh (2017). From Brexit to Trump: Anthropology and the rise of nationalism populism. *American Ethnologist*, vol. 44, NO. 2, 209-214

Hannerz, Ulf (2010). *Anthropology's world. Life in a Twenty-First Century Discipline*. New York: Pluto Press

Hallberg, Pekka & Virkkunen, Janne (2017). *Freedom of Speech and Information in Global Perspective*. New York: Palgrave Macmillan

Herpen, Marcel (2016). *Putin's Propaganda Machine: Soft Power and Russia Foreign Policy*. New York: Rowman & Littlefield

Henriques, Joana (2016). *Racismo em Português, o lado esquecido do colonialismo*. Lisboa: Tinta da China

Henriques, Joana (2018). *Racismo no País dos Brancos Costumes*. Lisboa: Tinta da China

Hoffman, Bruce (2017). *Inside Terrorism* (3rd ed.). New York: Columbia University Press

Hovland, Ingie (2011). "What Do You Call the Heathen These Days?" For and Against Renewal in the Norwegian Mission Society. In Coleman, Simon & von Hellermann, Pauline (eds.). *Multi-*

sited Ethnography Problems and Possibilities in the Translocation of Research Methods (pp. 92-106). New York: Routledge

Ingold, Tim (2008). Anthropology is Not Ethnography. In Johnston, Ron (eds.). Proceedings of the British Academy (pp. 69-92), Volume 154, 2007 Lectures

Jansen, Sue (2013). "The World's Greatest Adventure in Advertising": Walter Lippmann's Critique of Censorship and Propaganda". In Auerbach, Jonathan & Castronovo, Russ (eds.). The Oxford Handbook of Propaganda Studies (pp. 301-325). Oxford University Press

Jordan, Ann (2013). Business Anthropology (2nd ed.). Long Grove: Waveland Press

Jowett, Garth S. & O'Donnell, Victoria (2015). Propaganda & Persuasion (6th ed.) Sage

Keyes, Ralph (2004). The Post-Truth Era. Dishonesty and Deception in Contemporary Life. New York: St. Martin's Press

Le Bon, Gustave (2001 [1896]). The Crowd. A Study of the Popular Mind. New York: Dover Publications

Lecht, John & Newman, Saul (2013). Agamben and the Politics of Human Rights: Statelessness, Images, Violence. Edinburg: Edinburg University Press

Maneri, Marcello (2018). Media hypes, moral panics, and the ambiguous nature of facts. Urban security as discursive formation. In Vasterman, Peter (eds.). From Media Hype to Twitter Storm: New Explosions and Their Impact on Issues, Crises and Public Opinion (pp. 39-60). Amsterdam: Amsterdam University Press

Manly, Mark & Wass, Laura (2009). The value of the human security framework in addressing statelessness. In Edwardes, Alice & Festerman, Carla (eds.). Human Security and Non-Citizens: Low, Policy and International Affairs (pp. 49-81). Cambridge: Cambridge University Press

Marcus, George (1995). "Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography" in *Annual Review of Anthropology*, 24, pp. 95-117.

McCraw, Benjamin (2019). Appeal to the People. In Arp, Robert et. al. (eds.). *Bad Arguments: 100 of the most Important Fallacies in Western Philosophy* (pp. 112-114). Oxford: Wiley Blackwell

Mazzoleni, Gianpietro (2008). Populism and the Media. In Albertazzi, Daniele & McDonell, Duncan. *Twenty-First Century Populism. The Spectre of Western Democracy* (pp. 49-65). New York: Palgrave Macmillan

McComiskey, Bruce (2017). *Post-Truth Rhetoric and Composition*. University of Colorado Press

McIntyre, Lee (2018). *Post-truth*. The MIT Press

Melkonian, Harry (2012). *Freedom of Speech and Society: A Social Approach to Freedom of Expression*. Amherst and New York: Cambria Press

Miller, Daniel & Horst, Heather (eds.). (2012). *Digital Anthropology*. London and New York: Bloomsbury Academic

Netzley, Patricia (2014). *How Serious a Problem is Cyber-bullying?*. San Diego: Reference Point Press

Nunziato, Dawn (2009). *Virtual Freedom: Net Neutrality and Free Speech in the Internet Age*. Stanford: Stanford University Press

Pasquino, Gianfranco (2008). "Populism and Democracy". In Albertazzi, Daniele & McDonell, Duncan. *Twenty-First Century Populism. The Spectre of Western Democracy* (pp. 15-29). New York: Palgrave Macmillan

Peterson, Kristin (2009). Phantom Epistemologies. In Faubion, James D. & Marcus, George (eds.). *Learning Anthropology's Method in a Time of Transition* (pp. 37-51). London: Cornell University Press

Perham, Stephanie (2018). Causes and Migration. In Boulby, Marion & Christie, Kenneth (eds.). *Migration, Refugees and Human Security, in the Mediterranean and MENA* (pp. 79-114). New York: Palgrave Macmillan

Prendergast, Maria Teresa & Prendergast, Thomas A. (2013). The Invention of Propaganda: A critical commentary on and translation of *Inscrutabili Divinae Providentiae Arcano*. In Auerbach, Jonathan & Castronovo, Russ (eds.). *The Oxford Handbook of Propaganda Studies* (pp. 19-27). Oxford: Oxford University Press

Phillips, Whitney (2015). *This is Why We Can't Have Nice Things: Mapping the Relationship Between Online Trolling and Mainstream Culture*. The MIT Press

Pinto, António & Teixeira, Conceição (2019). Portugal Before and After the "Great Recession". A Resiliente Democracy?. In Pinto, António & Teixeira, Conceição (eds.). *Political Institutions and Democracy in Portugal. Assessing the Impact of the Eurocrisis* (pp. 1-12). New York: Palgrave Macmillan

Rabinow, Paul (2008). *Making Time: On the Anthropology of The Contemporary*. Princeton: Princeton University Press

Randal, Marlin (2013). Jacques Ellul's Contribution to Propaganda Studies. In Auerbach, Jonathan & Castronovo, Russ (eds.). *The Oxford Handbook of Propaganda Studies* (pp. 348-365). Oxford: Oxford University Press

Rose, Richard & Peiffer, Caryn (2019). *Bad Governance & Corruption*. New York: Palgrave Macmillan

Savransky, Martin (2016). *The Adventure of Relevance. An Ethics of Social Inquiry*. London: Palgrave Macmillan

Shore, Cris & Haller, Dieter (2005). Introduction - Sharp Practice: Anthropology and the Study of Corruption. In Dieter, Haller & Shore, Cris (eds). *Corruption Anthropological Perspectives* (pp. 1-28). London: Pluto Press

Somerville, Keith (2012). *Radio Propaganda and the Broadcasting of Hatred. Historical Development and Definitions*. New York: Palgrave Macmillan

Soules, Marshall (2012). *Media, Persuasion and Propaganda*. Edinburgh: Edinburgh University Press

Taylor, Philip M. (2003). *Munitions of the mind. A history of propaganda from the ancient world to the present day* (3rd ed.). Manchester: Manchester University Press

Tauber, Elisabeth & Zinn, Dorothy (2015). *A Lively and Musing Discipline: The Public Contribution of Anthropology Through Education and Engagement*. In Tauber, Elisabeth & Zinn, Dorothy (eds). *The Public Value of Anthropology Engaging Critical Social Issues Through Ethnography* (pp. 1-29). Bozen-Bolzano University Press

Teixeira, Conceição et. al. (2019). *Political Discontentment in Portugal Post-Troika Risk and Opportunities*. In Pinto, António & Teixeira, Conceição (eds.). *Political Institutions and Democracy in Portugal. Assessing the Impact of the Eurocrisis* (pp. 215-246). New York: Palgrave Macmillan

Tomlinson, Kathryn (2011). *The Anxieties of Engaging in Multi-sited PhD Research Reflections on Researching Indigenous Rights Processes in Venezuela*. In Coleman, Simon & von Hellermann, Pauline (eds.). *Multi-Sited Ethnography. Problems and Possibilities in the Translocation of Research Methods* (pp. 161-173). London and New York: Routledge

Vergani, Matteo (2018). *How is Terrorism Changing Us? Threat Perception and Political Attitudes in the Age of Terror*. New York: Palgrave Macmillan

Warf, Barney (2019). *Global Corruption from a Global Perspective*. Springer

Westacott, Emrys (2012). *The Virtudes of Our Vices. A Modest Defense of Gossip, Rudness, and Other Bad Habits*. Oxford and Princeton: Princeton University Press

Whitehead, Neil L. & Wesch, Michael (2012). *Human No More. Digital Subjectivities, Unhuman Subjects, and the End of Anthropology*. University Press of Colorado

Wrisley, George (2019). *Ad Hominem Bias*. In Arp, Robert et. al. (eds.). *Bad Arguments: 100 of the most Important Fallacies in Western Philosophy* (pp. 71-76). Oxford: Wiley Blackwell